









# ARABESCO

---

## PHANTASIAS

POR

J. R. de Campos Carvalho

ESTUDANTE DA ACADEMIA DE S. PAULO.

---

Com uma introdução pelo Dr. L. C. Guimarães Junior.

---

**RIO DE JANEIRO.**

Typographia—PERSEVERANÇA—rua do Hospicio, n. 91.

**1871.**

10.113

865.9345  
6.32981 a

## Á JOSÉ JOÃO MARTINS DE PINHO.

---

Este livro pertence-te.

Aceita-o e protege-o com a tua sinceridade amigavel, porque elle é o obscuro representante dos efluvios de nossa juventude.

O teu nome n'esta primeira pagina dá-lhe todo o valôr, porque torna-a a mais importante de todas.

Com isto cumpro um dever de coração e de mocidade.

---





## INTRODUÇÃO.

---

Antes de fallar do livro, permitti-me que vos diga qualquer cousa a respeito do autor do livro. E' da minha parte prova de delicadeza para com o publico e para com o poeta d'estes *Arabescos*, que vem em boa hora, pairar no turbilhão vertiginoso das lettras fluminenses.

J. R. de Campos Carvalho pertence á classe dos rapazes de espirito, amigos da franca jovialidade e das formosas chimeras, promptos sempre a montar o fogoso corcel das aventuras cavalheirescas, á semelhança dos beduinos heroicos, carregando ás costas a alvejante tenda que se arma por debaixo de todos os céos e á margem de todas as fontes imprevistas.

Elle escreve para distrahir-se, escreve para passar o tempo; escreve para estar gosto. Não conta com editores — que vantagem? — e é de uma extraordinaria crença n'estes dedalos litterarios, onde nós mais dia, menos dia, perdemos a cabeça á procura do fio salvador.

Os *Arabescos* vieram ao mundo sem esforço ; sem troços e sem que o escriptor se lembrasse de por intermedio da publicação do seu livro, aspirar a um cantinho no *Instituto Historico e Geographico Brasileiro* !

Se declararmos já que Campos Carvalho é estudante da *Faculdade Juridica de S. Paulo*, fica nitidamente explicado o enthusiasmo com que foram correctas as provas dos *Arabescos* e o bom humor que preside a esta introduccão traçada entre duas fumaças magnificas e duas magnificas chicaras de café.

Os *Arabescos* são folhas soltas, escriptas debaixo de innumeros sentimentos diversos, cuja harmonia vive de accordo com o espirito turbulento e scintillante da mocidade, que sabe rir entre lagrimas e sabe chorar sorrindo. Feliz quadra da vida em que desprendemos de nossa alma as sensações, as dôres fugazes e as magas alegrias, como da corôa das rosas desprendem-se as petalas e do bico tentador dos passaros sahem em cardume as notas chrystalinas !

Um dia em S. Paulo lembrou-se Campos de fazer collecção de alguns folhetins publicados e ineditos, juntar todos esses devaneios n'um volume e entregal-o ao minotauro da imprensa, insaciavel e devorador.

Dito e feito.

Dous dias depois de chegar ao Rio, o poeta metteu nas mãos dos typographos o rôlo dos seus queridos originaes.

Não tinha ainda titulo o livro. E como achar qualificativo capaz de definir esses caprichos do pensamento, alados e indiscriptiveis como o vôo das peregrinas scismas?

N'um dialogo que encetamos sobre Gottschalk, ventarolas chinezas e a ultima composição do padre Litz, saltou no periodo a palavra *Arabesco*, e o meu amigo agarrou-a com um grito eustusiastico, que me encheu de delicioso assombro.

— Hade chamar-se *Arabescos!* exclamou elle.

Vou já á typographia tratar do baptismo!

E assim terminou o solemne episodio, que provocou o titulo d'este gentil volume.

Se o leitor é homem descansado, pacato, muito constitucional e amigo de soletrar com pausas prolongadas, accete o meu conselho: não leia este livro! Este livro é rapido, é veloz, é fugitivo, é revolucionario, é perjuro como tudo quanto dá intrigas e abala a sisudez proverbial de certa parte anafada e nedia do genero humano.

Campos Carvalho deu aos *Arabescos* a feição característica da litteratura da epocha.

Hoje tudo se faz ás pressas, tudo se faz a correr: dura tudo cinco minutos: a riqueza, o amor, a gloria e a immortalidade. O telegrapho matou a carta como o folhetim matou o livro. Não ha tempo de se pensar, de se reflectir e de pesar as cousas seriamente na balança do raciocinio commum.

Os *Arabescos* vieram ao mundo sem esforço ; sem tropeços e sem que o escriptor se lembrasse de por intermedio da publicação do seu livro, aspirar a um cantinho no *Instituto Historico e Geographico Brasileiro* !

Se declararmos já que Campos Carvalho é estudante da *Faculdade Juridica de S. Paulo*, fica nitidamente explicado o enthusiasmo com que foram correctas as provas dos *Arabescos* e o bom humor que preside a esta introdução traçada entre duas fumaças magnificas e duas magnificas chicaras de café.

Os *Arabescos* são folhas soltas, escriptas debaixo de innumerous sentimentos diversos, cuja harmonia vive de accordo com o espirito turbulento e scintillante da mocidade, que sabe rir entre lagrimas e sabe chorar sorrindo. Feliz quadra da vida em que desprendemos de nossa alma as sensações, as dôres fugazes e as magas alegrias, como da corôa das rosas desprendem-se as petalas e do bico tentador dos passaros sahem em cardume as notas chrystalinas !

Um dia em S. Paulo lembrou-se Campos de fazer collecção de alguns folhetins publicados e ineditos, juntar todos esses devaneios n'um volume e entregal-o ao minotauro da imprensa, insaciavel e devorador.

Dito e feito.

Dous dias depois de chegar ao Rio, o poeta metteu nas mãos dos typographos o rôlo dos seus queridos originaes.

Não tinha ainda titulo o livro. E como achar qualificativo capaz de definir esses caprichos do pensamento, alados e indiscriptiveis como o vôo das peregrinas scismas?

N'um dialogo que encetamos sobre Gottschalk, ventarolas chinezas e a ultima composição do padre Litz, saltou no periodo a palavra *Arabesco*, e o meu amigo agarrou-a com um grito eufusiastico, que me encheu de delicioso assombro.

— Hade chamar-se *Arabescos*! exclamou elle.

Vou já á typographia tratar do baptismo!

E assim terminou o solemne episodio, que provocou o titulo d'este gentil volume.

Se o leitor é homem descaçado, pacato, muito constitucional e amigo de soletrar com pausas prolongadas, accete o meu conselho: não leia este livro! Este livro é rapido, é veloz, é fugitivo, é revolucionario, é perjuro como tudo quanto dá intrigas e abala a sisudez proverbial de certa parte anafada e nedia do genero humano.

Campos Carvalho deu aos *Arabescos* a feição caracteristica da litteratura da epocha.

Hoje tudo se faz ás pressas, tudo se faz a correr: dura tudo cinco minutos: a riqueza, o amor, a gloria e a immortalidade. O telegrapho matou a carta como o folhetim matou o livro. Não ha tempo de se pensar, de se reflectir e de pesar as cousas seriamente na balança do raciocinio commum.

Tantas machinas inventou o homem, que por fim de contas tornou-se elle proprio uma machina prodigiosa.

Já não chegam as vinte e quatro horas do dia para a realisação das emprezas, idéas, pensamentos, aspirações e desejos dos habitantes do globo. E' uma fermentação! um *embroglio*! um enthusiasmo! uma velocidade como nos trens expressos da Allemanha: quarenta leguas por hora.

Como deixar de acompanhar esse phrenesi, esse progresso, e esses gigantescos delirios? A tentação apodera-se-nos da alma e ali vamos nós, frageis plantas e flôres despencadas, arrebatadas na corrente impetuosa do seculo.

A litteratura ligeira é a face predominante d'este tempo, heroico e leviano, futil e comprehendedor como as mulheres do grande tom.

O livro profundo e estudado é substituido pelo folheto, que dura um minuto apenas, mas que consegue attrahir a attenção erradia do publico aventureiro. O estudo sobre o *Eclétismo* de V. Cousin não conseguiu ainda apresentar-se em decima edicção, e eu possuo um exemplar de *Monsieur, Madame e Bébé*, de Gustavo Droz, na 47.ª

Sejamos pois da nossa epocha e curvemo-nos a energica vontade do povo, esse tão magnanimo quão despotico senhor.

O estylo de Campos Carvalho nos *Arabescos* é vivo, animado e ás vezes de uma flexibilidade extrema. Nas paginas essencialmente poeticas ha certos periodos de uma adoravel e esplendida harmonia.

A penna do escriptor n'esses momentos abandona-se meigamente aos doces embalos do espirito e a phrase de uma apaixonada eloquencia, deslisa com a terna melodia da mais delicada estrophe.

O espirito creador de Campos Carvalho oscilla febrilmente entre as extravagancias de Baudelaire e o vibrante realismo de Musset. Elle não possui um cunho proprio, um caracter especial e unico pelo qual se distingua a plena luz o perfil da musa que preside aos seus devaneios. Ora é humorista e ri analysando as pantagruelicas visagens do mundo, que o acotovela; ora volve os olhos a penumbra do passado, e derrama a generosa lagrima da saudade; ora empunhando a harpa guerreira das vehementes esperanças saudas os clarões do sol da primavera e desfolha festivas grinaldas no robusto côlo da mocidade, coroada de panpanos e magnolias!

A sua penna ainda incorrecta e movel estúa as vezes ou antes galga o espaço, ferindo-se nas urzes do caminho. Certas figuras esparsas nas suas paizagens são de sabor meramente estrangeiro, e as amiudadas comparações tornam o periodo pesado e menos airoso.

Por exemplo no *Nocturno*, que abre o livro :

« Tú pareces uma d'essas fleçõs ridentes, que se miram na flux da Danubio, entõam os hymnos da natureza, surgem como walkirias do meio dos gelos e se mostram sylphides nos canticos dos *menessingers*. »

A natureza americana e européa confundem-se por vezes nos seus escriptos repetidamente.

Em compensação, porém, como é brilhante a pagina que vou transcrever agora! O poeta conta os ultimos momentos da mulher amada; segue-a de suspiro em suspiro, como se escuta os sons de uma cantiga suave, que se perde pouco á pouco .. ao longe!

A intima corda do sentimento no coração do autor dos *Arabescos* é de uma notavel transparencia. Elle apraz-se em evocar das ruinas do passado as sombras piedosas do seu amor, contando-as atravez de um nevoeiro de lagrimas. Lê-se no *Sursum Corda*!

« Ella sentára-se no estrado do leito, seu thalamo de amarguras. O roupão branco amarrotado, deixava entrever a alvura dos seios, que jaculavam o ultimo suspiro da vida; faltava-lhe a palma dos martyres para ser uma filha da lenda, como as virgens da religião, e o seu perfil magôado divinিসava os crentes como o busto da Madona.

« Parecia querer beber vida como as flôres o sereno que a noite distilla.



« Segurou-me a mão, beijou-a, e um tremor geral enervou-lhe a figura. As lagrimas desprenderam-se-lhe dos olhos e as narinas offegavam como as azas do passarinho, que agonisa entre as garras do falcão, e a vibração da tecla, que pronuncia um trinado. O genio do mal media-lhe o compasso dispar entre a lentidão da vida e a velocidade do ultimo instante.»

A *Ode ao Cigarro* é original e chistosa. Nos *Flautistas* o folhetinista revella uma grande aptidão para o genero faceto e gracioso.

Em algumas paginas dos *Arabescos* o escriptor é á força de limar a phrase e o pensamento, de difficil comprehensão. No *Cynismo e Charuto*, ha este periodo:

« Sou grego, procuro a perfeição plastica do ideal hellenico nas fórmas geometricas d'uma mulher; quero o consorcio do *eu* da philosophia racionalista com a ultima expressão da belleza esthetica; uma sentença de Platão no pescoço airoso de uma figura de Phidias, que seja a personificação do talento humano, no *forum* da arte.»

Na *Pagina de Bitume* o poeta é cruel em seus gracejos e atraz em sua phantasia. Esta pagina de bitume não poderá nunca despertar um sorriso, embora a intenção do escriptor fosse toda maliciosa e motejadora.

Na *Pagina sem nome* o estylo é plangente, de encantadora structura e musical, como uma senerata paulistana.

Esta phrase :

« As toadas da guitarra que ouves parecem os versos de uma ode, que morre nos labios do trovador; as canções que se perdem nas ondulações do ar, são os idyllios que os amantes esqueceram e que correm buscando asylo em seios palpitantes! »

Não é tão formoso isso? E a crenga, que á semelhança de um mystico perfume foge dessa pagina, não se revella bastantemente a idade e os puros sentimentos do poeta?

Campos Carvalho lê muito, e como todos nós quando pela primeira vez confiamos ao papel os nossos enthusiasmos litterarios, elle deixa-se arrastar pelas reminiscencias da leitura e parece abdicar a propria individualidade assumindo o typo do paiz e dos escriptores que o inspiraram.

No *Cynismo e Charuto* descobrem-se traços magnificos de cinzel que nos recordam os vôos selvagens e audaciosos das musas antigas á cata do divino ideal.

« Eil-a, a belleza modelo, a ultima expressão da fórma, a idéa, o genio, as idades reverenciando um nome, as letras marcando disticos em uma concepção admiravel.

« Apparece no symbolo de uma mulher, fórmas esculpturaes e esplendidas, cadinho onde vasou-se o talento de um homem para a perfeição de um monumento esthetico.

« A cabeça quieta como guarida sagrada de um pensamento divino e immutavel. Os olhos firmes e eloquentes como as estrellas do serão na torrente do Euerotas, á hora em que as hamadriadas bailavam e o rebanho ballia nos apriscos de Pirêo. O pescoço apresenta as suaves contorsões do cysne que boia no cansaço de um cantico crepuscular e a que o estatuario profano roubou similes para os deuses.

« Sua boca muda como a immortalidade respira o sopro olente do infinito. Seu corpo é a rectidão das linhas puras, a perfectibilidade de um pensamento enorme, unico, immutavel, onde o amor antigo podia se aquiescer como nas douradas columnas do altar sagrado, onde ardiam na odorifera caçoila os incensos dos sacerdotes e a luz dos candelabros de perolas. »

Apezar da ligeira nuvem de congorismo que a envolve tem essa pagina vivissimas irradiações.

*Os Noivos* não deveriam occupar espaço no volume dos *Arabescos*. E' um escripto embebido em infantil liberdade, que lembra algumas indiscrições de Boccacio e as cruas façanhas do Marquez de Iade.

Na *Pagina sem nome* o poeta abre os intimos accessos do seu coração saudando pela ultima vez a mulher perdida para suas aspirações, para os seus sonhos e para a sua louca mocidade.

Este adeus resgata todas as faltas que haja por ven-

tura commettido a penna voluvel e caprichosa, audaz e indomavel d'este novo Roger de Beauvoir.

« Sonhava rematar a nossa novella ao teu lado, entre as roseiras do nosso patrio rio, mas morreu a inspiraço e o enredo fechou-se em meio de nossas lagrimas. Vês? Tudo chora em torno a nós; semelhamos aos amantes de um poema doloroso.

« As neblinas cahem em molle arqueação e se coloream aos raios que o sol lhes derrama no seu aureo transluzir. As nevoas entumeceem as polpas dos lyrios, as geadas enlaçam os montes e Deus vai abrir o cortinado brumoso das espheras.

« Adeus! Só me restam lagrimas para orvalhar o jazigo das minhas mortas esperanças e o laurel do infortunio para depôr junto ao crucifixo que adorna o teu thalamo feliz.

« E' a oblação da amizade á memoria de um anjo!

« Sê feliz e não releias esta pagina, que escrevemos juntos e que chamava-se outr'ora — *Recordação*; hoje o sentimento chama-a — *Pagina sem nome*, folha solta no ar, som que se perde em um conjuncto de harmonias! »

Não se perderá, não, poeta! E' essa uma das mais vibrantes notas da tua lyra, e a mais formosa lagrima de tua alma.

O que dizer mais dos *Arabescos*? Campos Carvalho

corregirá o seu estylo, suffocará com o tempo o impeto de sua rica imaginação, e com os *Arabescos* seguir-se-hão outras obras selladas pelo estudo e pela authoridade dos annos.

Hoje este distincto moço, este illustre espirito, ainda percorre as verdes e esmeraldinas florestas da mocidade entusiasta, sorvendo o orvalho de todos os calices e dormindo á sombra de todos os amores.

O seu livro é um mimo de festas que elle offerece ao bom publico fluminense. Deixa-o entre os torvelinhos das nossas ambições e egoismos com a mesma placidez e elegancia com que n'uma visita de cerimonia faz-se antecipar por um cartão nitido e perfumado.

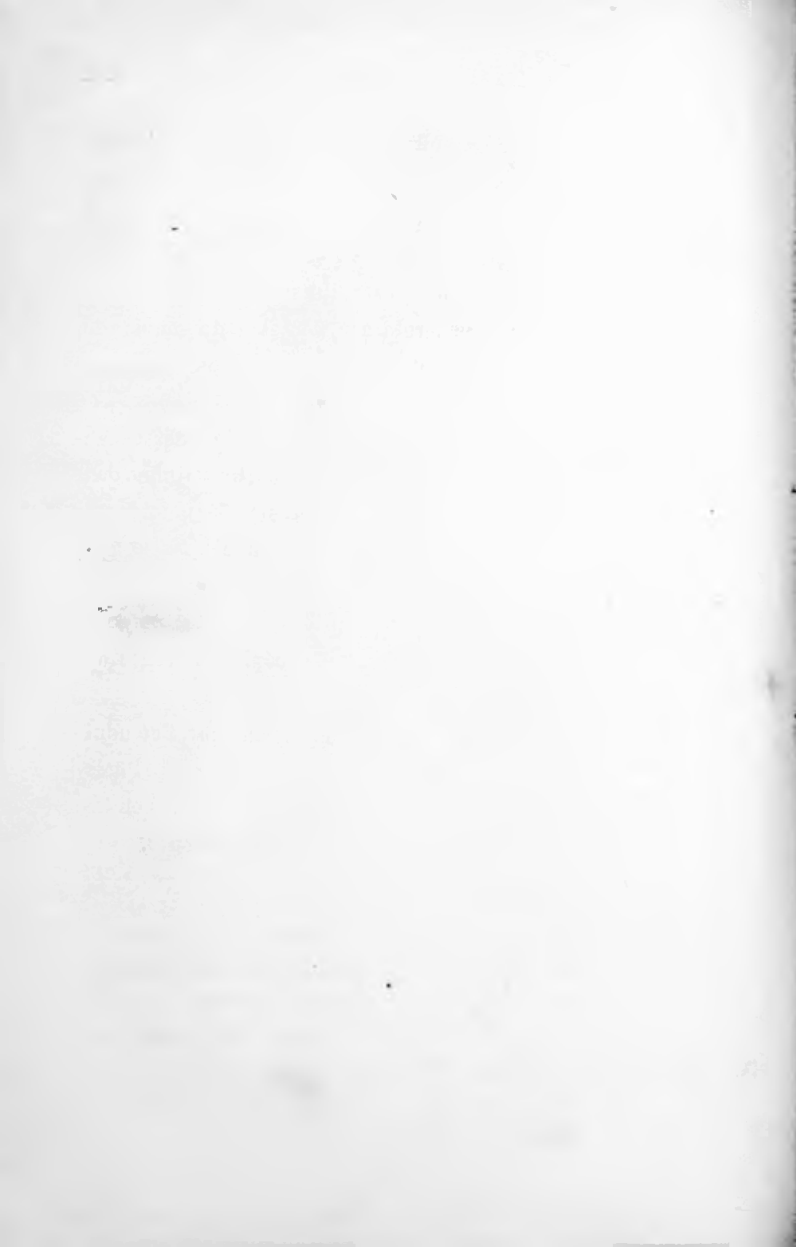
Que os meus votos sejam cumpridos, querido amigo e companheiro, e o destino dará larga cópia de venturas ás aspirações do teu esperançoso talento.

Quanto a mim, despedindo-me dos *Arabescos*, fico aqui na margem a contemplar-lhes o rumo, a vel-os palpitar replectos de chimeras e sonhos, sobre um mar bonançoso e por baixo do pavilhão azul do firmamento.

Boa viagem!

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

Rio, 24 de Dezembro de 1871.



# NOCTURNO.

(AO DR. J. XAVIER DA SILVEIRA)

## I.

Era noute.

Ella acabava de cantar uma *aria* desconhecida.

Trazia os cabellos em confusão, e o veio crystalino de seus olhos depositava-se na ambula de seu peito.

Chorava...

Limpou os olhos, sacudio a cabeça em um me-neio gentil, alongou a vista pelos lados de além e ficou em languido marasmo.

Brilhavam nos céos alguns astros erradios e a lua transparecia envolta em um sudario de nuvens.

Apenas ouvia-se o pio selvagem do môcho, como um poeta da morte, e o murmurio das vagas que beijavam as praias.

. . . . .

Ella despertara-se da ligeira prostração. Comprimentou-me de leve e sumira-se como a estrella cadente.

A imagem vaga de sua repentina desapareição gravou no papel os traços d'esta phantasia infeliz. Vi-a e chorei. O pranto foi minha inspiração.

Ella a musa.

. . . . .

II.

. . . . .

Tu pareces uma d'essas ficções ridentes, que se miram na flux do Danubio, entoam os hymnos da natureza, surgem como *walkirias* do meio dos gelos e se mostram *sylphides* nos canticos dos *menessingers*.

Visão pura que vieste das brumas do Norte nos dulios harpejos dos bardos do Septentrião, enloureceste os anneis de tuas madeixas nas nevoas do occidente e te enlagueceste. como o aloes, á sombra merencoria dos oásis do meio dia.

Estatua de rubim desprendida dos festões dos castellos theutonicos, aviventada pelos raios do astro da Arcadia, recebeste o fogo do genio nos labios dos cantores do Adriatico e te mostraste lucida e bella aos assomos divinos dos *scaldas* das margens do Belt.

Canta, poetisa louca sonhando á beira do mar,



libra-te, phalena voluvel, n'essa esphera sublime onde a harmonia transubstancia-se, o genio mira arreboés mais puros e o coração se eleva nas ondulações de tua voz melodiosa, como em tardes de Agosto o canto do sabiá nas bafagens dos laranjaes.

Tua voz macia é o écho de uma nota augusta, estrophe de um poema de lagrimas, que se perde, gyra e se confunde com os suspiros das virações.

Teu cantico é a toada branda da harpa eólia, em cujas cordas mysteriosas os genios inspiram as elegias do coração, e a cujas volatas a alma se extasia como embebida no vozear melancolico da natureza, embalada ao sopro dos ventos, que gemem nas cupolas dos coqueiraes.

Os sons estridulos que tartamudeias nos bolêros graciosos que arrancas do teu peito, são hymnos de enthusiasmo que se turbilhonam como a voz timida das rôlas nas horas do crepusculo e se cadenciam em alegre modulação como o chilro das andorinhas nos primeiros lampejos da alvorada.

Cantas e o borburinho de tua ballada angelica enche a alma d'essa commoção sublime, que a eleva, derrama nos corações a luz viva da inspiração, embriaga o pensamento e faz delirar as fronteiras que se fitam, nas expansões de tua maviosa *romanza*, como as ribas virentes da solitaria Lesbos aos doces trinados da lyra de Orphêo.

Trinas e o estremecimento de teu garganteio suspira, chora, se contorce e palpita como o gor-

geio delicado do rouxinol, que Lesbia admirava dos estofos do seu triclinio e Catullo solemnizava nos seus versos divinos.

Canta e canta sempre...

Tua voz é a manifestação deleitosa do sentimento, porque sae das cavernas do teu pobre coração. A dôr foi a tua musa e o pezar que te acabrunba servio de compasso a essas notas cheias de magia, como irradiações de uma angustia sem limites.

Canta e soffre musa do infortunio.

Canta e chora anjo da desgraça.

A melancolia de Bethowen incarnou-se no teu espirito e a tristeza pungente de Goria derramou em ti o genio de uma phantasia dolorida.

Canta e canta sempre como os cysnes que Corina ouvia nas margens do Eurotas.

### III.

Um dia, como o anjo da meditação, tinhas essa fronte de madona rorejada pelas lagrimas, as espaldas de estatua libertadas do roupão azul, os olhos fitos nos astros de uma noute de Abril e as mãos tão alvas como dous traços de neve arri-mavam o peito offegante por uma dôr que te prostrava.

Tinhas a posição da estatua do desespero. Fal-

lei-te em amor, não me respondeste. Abysmada n'esse extasi divino, segredavas á sós com o infinito em eloquente silencio.

Lembras-te, Eleonora?

Tinhas ao sopé de tua casinhinha, tão branca como a arêa das praias, o mar que vinha no seu vagido enorme beijar as plantas de tua artistica habitação, e tu, do teu postigo por entre verdes gelosias, escutavas o canto das serêas, assistias a choreia lubrica das ondinas e os sylphos que volitavam phosphorescentes como o nenuphar das paludes. Choravas e te enternecias perante o quadro da borrasca, e, com tua harpa, nova Arethusa, misturavas os teus sons de peregrina maciez com a voz forte do oceano que se despedaçava de encontro os fraguedos ao desdobrar do relampago.

Uma lagrima de tristeza, como perola do céo, se crystallisava em tuas palpebras ao soprar do vento Sul.

Lembras-te, Eleonora?

Com o rosto macilento, como a estatua da dôr os cabellos ensopados nas gottas amargas de teu pranto e alguns anneis a trançarem raios pardacentos em torno de tua testa nevada, como um diadema assente pelo capricho de Levante choravas e soluçavas, eu bem te ouvia.

Tu, filha merencoria da saudade, anjo baixado dos céos em um arroubo sublime de meditação, te entretinhas com o olhar os pincaros das cordilheiras com o seu friso de prata, pallida réstea

de luz, que a fraca penumbra do cruzeiro lançava mortuaria no seu trajecto sobre a terra.

A escomilha rendada que te cobria as pomas, adejando em precipitados volteios semelhava os *retornellos* febris de valsa em um salão sombrio ou a aza alvejante da garça, que agonisa moribunda sobre a face do lago.

As saphyras do teu collar, eram como que lagrimas de mulher em uma alcatifa de rosas.

As tuas narinas precipites em incessante agitação me lembravam as petalas do bogary movidas pelas lufadas do outomno.

Tuas espaduas de uma pallidez fugitiva, eram como um froco de avalanche recebendo a nesga embaciada do sol, que se reflecte nas geleiras.

Suffocando na alma o inferno que me consumia, libertava a fronte de um pesadelo horrivel. como o Satan de Milton, e os labios, os transmissores do sentimento, te enviavam os meus suspiros nas azas do torvelinho, o qual, como som de perola em crystal luzidio ia nos umbraes de tua ogiva, dizer-te o motte sonoro de um hymeneu trememente.

Lembras-te, Eleonora?

Eu te espreitava timido e te osculava de longe.

Tu não me vias.

Embuçava-me no negro manto da noute e parecia um cadaver boiando na superficie das ondas.

Era o homem joguete do infortunio. Era a esttua da desgraça joguete do soffrimento.

Pobre moço !

Symbolo de uma lenda exquisita me contorcia nos phrenesis de um desespero atroz. Tremulo e sem forças me via no isolamento.

O mar abria-me as fauces medonhas, como um tumulo enorme, onde abafasse o fogo que o coração incendia no cerebro.

As ondas, as singelas nereydas da tradição pagã, erguiam o corpo e mostravam o seu gorro de luz, como cyrios da morte nos braços do oceano. A' noute, o coveiro mysterioso das catacumbas, vendava-me os olhos com seu véo de trévas, fascinava-me com o seu abraço silencioso, e me opprimia com os guantes pesados de sua mortuaria solidão. Tinha a morte n'alma, tinha-a por toda a parte dolorosa, triste e feia como um adeus de moribundo.

Eu tambem chorava.

Com os pés sobre o abysmo, via a face luzente de Vesper desmaindo de luz, o cortejo brilhante de Venus no seu tapete da *via lactea* e as Hyadas em morbidos desmaios tremeluzindo ao redor do Taurus, como que te saudando.

Choravamos. O pranto nos conchegava. Nossas almas se elevavam nos threnos do sentimento e a sociedade nos separava como um abysmo.

A realidade e o idealismo.

A esperança e a mentira.

Margarida, Fausto e Mephistopheles.

Nós e o impossivel.

O amor e o mundo, o coração e os preconceitos.

Lembras-te, Eleonora?

#### IV.

Que dôr sinistra te esmagava n'aquelle momento fatal? Que tempestuosa ventania descerrou-te o calice e evaporou o ambiente, que o sol bemfazejo do amor te prestou para conforto de tua seiba vital? Que commoção maldita transformou o teu porte senhoril em figura de afflicção, que espera os lumes da alvorada, para no sanctuario do peito soffrer e amar?

Como eras bella n'essas horas silentes, em que a visagem prateada de Phebo tem a fronte de sultana reclinada nos coxins do infinito, e o corpo invisivel cingido pelo amicto azul das espheras, bordado pelas mãos de Deus, com sidereas lentejoulas.

Parecias-me uma visão nos sonhos de felicidade, quando o anjo das vigílias debruça-se sobre o leito, magnetisa o espirito com o doce bafejo de sua angelica poesia, accende na alma a pyra volatil de uma sensação sublime, faz o coração bater em morbida languidez e dá o spasma ao corpo que descança e ao espirito que sonha.

Tu me prostravas a alma nesse extase elevado,

que arrouba os sentidos, e como que asphyxia o pensamento mergulhando-o em uma lethargia doce e affavel. Eu te via bella como essas concepções vagas e aereas, que illuminam o genio do poeta e derramam-lhe a jorros a luz grandiosa de uma idéa brilhante e fugidia, como meteóros polares nas manhãs dos equinoxios.

Surgias-me cautelosa e timida como a estrella do pastor na sua gravitação brilhante, pallido comparsa do prestito nocturno, que rende a vassalagem luminosa á rainha das trévas, quando esta divaga pelos espaços e meneia um sorriso faceiro no jaculo do seu clarão crepuscular.

Ahi no teu recanto, pensativa, que de illusões a mente escravizada pelo amor não encontrava nos teus labios sérios, como de estatua, na tua fronte pallida, como um symbolo de marmore, e nos teus olhos humectados de lagrimas como os de Magdalena aos pés da cruz?

Só eu sei os poemas que sonhava, as dôres que soffria e os gemidos que a viração me roubava para levar aos teus castos ouvidos.

Ah!... Quando o dedo da paixão e o aneio da dôr foram abrir a cicatriz immensa e incuravel, que o nosso amor sangrara no teu seio de virgem, e tu, não podendo supportar essa commoção energumena que te abrasava; com uma das mãos tiritando de frio amparaste a testa dormente, cujo embaciado tinha o verniz da pellicula do jambo, e com a outra apertaste o seio latejante e fremen-

te, como jazida de um volcão prestes a arrebeitar-se.

Eras digna de vêr-se; o estatuário estudaria um contorno sublime no teu divino modelo; o pintor esboçaria uma virgem lacrimosa; o poeta criaria uma epopéa monumental, como Tasso nos olhos de Armida, Camões em Natércia e Dante em Beatrice.

Eu estava atonito e alquebrado.

Quizera arrebatat o Universo das mãos de Deus, esboroal-o de um jacto, e sobre as ruinas do cadaver immenso passar contigo em meus braços, como romeiros da felicidade e... a um *fat* de teus labios tudo surgiria brilhante, esplendoroso para saudar o madrugat de nossos amores.

## V.

Fugiriamos para bem longe.

Lá no sertão. Nas savanas ardentes onde Flora recebe Diana no seu *toilette* de flôres, enche-lhe o regaço de petalas e guarnece-lhe o collo com stalactites e diamantes.

Ahí, nas horas brandas do mormaço por entre as alfombras dos matagaes, ao lado do indio errante, dormitam os poemas da natureza, cantam as cigarras dos poetas primitivos, escuta-se o ballido dos redís arcadianos, a frauta dos pegureiros, sur-



gem as nymphas do bucolismo e o sol apparece a medo como almenaras do dia.

A' noute, os troncos altivos dos jequitibás, po-leiro enorme das harpias de terra, collocam o seu barrete de nevoas, a sua tunica de neblinas, contornam-se de geadas e parecem gigantes sem fim, phantasmas informes que segredam com o infinito pela voz dos furacões e pelo estampido dos espaços. São as vedetas dessas regiões sem limites e as guardas dessa vegetação luxuriante.

E' lá no meu berço natal, onde o *bemtevi* canta saudoso, o sabiá enche os sylvedos de harmonias, o colibry corta os ares, como relampagos multicô-res, e a *ireré* impressiona com seu grito monotono.

É nesse Eden de poesia que meu patrio rio se espreguiça indolente como a tapuya na sua rêde de pennas, os campos infloam, os valles espargem aromas e tudo nos diz amor.

Lá está o meu tugurio, isolado sobre as grimpas de um penhasco, como um ninho de gaivota, ou como a choça do pescador ouvindo o tumultuar constante da cachoeira, que referve em catadupas de espuma e mostra no pego enorme o tremendo bulcão.

Ahi me corre a vida tão tranquillã, como a alcyone folgazã que voeja sobre as aguas verdes do mar de Lepanto, ou subtil albatroz que empana a lisura dos oceanos com suas azas selvagens.

E' um paiz divino, tem as pompas do Oriente e os perfumes do Levante.

Queres vê-lo, Eleonora?

Tens razão, a minha phantasia precipitou-me.

VI.

O sertão é arido. Para Romeu e Julieta, Shakspeare scismou nas ondas de Veneza e no luar de Verona. A cidade dos *doges* é serena de mais, o leão de S. Marcos dormita ha seculos; ao meio-dia é muito frio; nós somos filhos dos tropicos, vamos além... além... ao Oriente...

Ao largo!.. ao largo!..

VII.

Deixemos a esposa do mar acompanhando, na harpa das ondas e na lyra dos ventos, as cantilenas sentidas que suas filhas entoam junto ao tumulo de Manin.

Deixemol-a procurando o annel de seu thalamo legendario.

Mas adiante ruge o Bosphoro as monodias das tormentas, nos écos das tempestades.

São as ossadas dos martyres que protestam; é o canto do exul dos Sarmathas, que passa pelos sinceraes da terra, beija a face das ondas e mar-

cha para Roma; é o pranto incessante de Hero que chora a catastrophe de Leandro, nas ribas sonoras de Abydos; é o gemido pungente de Prometheo, manietado no Caucaso, pedindo vingança contra o fogo do céu; são os suspiros que exhalam as auras da Ionia, como queixas do cantor dos *Amores de Helena*; é « o Leviathan que transita e deixa vestigios como abysmos n'esse mar, ao qual a escriptura chama grande mar, o mar que vio Deus e que fugio. »

Adiante... á terra da luz...

Lá está...

### VIII.

Alvejam-lhe nas encostas a brancura dos caes, parecendo refolhos do seu vestido de gaze.

As suas praias semelham-se á poeira de prata, abafada pelo mar, que empina o dorso, como um cavallo selvagem, cujas crinas de ouro o sol illumina com o seu disco de fogo.

As cimas risonhas de Ceylão com seu bonet de opala e crystaes, como pharol immenso, dardejam aos raios solares.

Ella desperta de seu sonho ardente. O Ganges entorna-lhe de seu alveo precioso, o incenso e as aguas côr de leite para o brilhantismo do seu *toilette* de cortezã.

O sol derrete a neve das gargantas geladas do Himalaya, que parece chorar de contentamento pelo bem estar de sua filha dilecta.

Ella ainda está reclinada no seu leito de perolas e circumdam-lhe os tepidos vapores da manhã, como um cortinado de nevoas que a mão de Deus cerra com a noute e abre com o sol, parece a odalisca delicada, que exhala as fumaças do aromatico *lutakia* no seu cachimbo de ambar.

O oceano e as cordilheiras parecem sultões do seu serralho.

O Indo, os minarettes e os jardins são como der- viches, que guardam os thesouros de seu se- nhor.

Tudo lhe sorri, tudo é poesia e pompas, como essa obra prima, que o Architecto divino expôz na galeria do universo.

Exhalam-lhe perfumes o verde pampano, o nardo, o cravo, o incenso, a mirrha, a rosa de Bengala e o molle agapantho.

Cantam-lhe as serenatas do amor, a cantilena do nauta, o canto ardente do cypaio, a guitarra do paria, a voz dos menestreis e as canções de seus gnerreiros.

Voltejam ao seu redor em voluptuosos bailados, os *vasavas* de seus trovadores, os *abityas* de suas lendas, os doendes de suas *bayaderas*, as hama- dryadas e as suas *apsaras*.

Seu cortejo traz na frente Indra, irmã da Freya runica e da filha das espumas, Agnis, Varuna,

Kuvera, Vayus, Içama e todos os mythos de sua poetica traducção.

Os seus poetas tangem o alaúde sob a projecção umbrosa das palmeiras indianas.

Eis o Oriente magestoso, o morgado soberbo, que fez o espolio das bellezas da terra e constituiu-se o rival de Deus.

A' sombra da magnolia, tendo por docel suas flôres odorantes e por narcotico o perfume que embriaga, quererás tu, ouvir um conto de fadas? Escutar uma ode de Sadi? Uma scena de Calidasa? Uma estrophe do Ramayana? Um hymno do Rig-Veda? Um episodio do Mahbaratha?

Queres, Elconora?

.....  
Não.... bem sei; a phantasia precipitou-me.

## IX.

Reatemos.

Meu berço natal não tem encantos, é paraíso para os cancioneiros da Arcadia e os entusiastas da Bucolica. Virgilio ahi estaria contente. Gesner, Ulhand e Rodrigues Lobo em sublimes idylios procurariam a faia do cysne de Mantua.

Tu nasceste para o grande mundo, não nasceste para a poesia.

A lyra e a frauta te incommodam.

O Oriente não te desperta o fogo da imaginação. As perolas de Ophir valem menos que os brilhantes de Lutecia. A porcellana cheia de arabescos não se equipara aos alcatruzes dos capiteis de teu jardim. O bandolim dos bardos não tem a harmonia do piano de Thalberg e Arthur, Vyasa, Valmíkis e Agastia nada são ao lado de Bellini, Mayerbeer e Donizetti.

Tens razão!

Não devemos ir longe, para que?!

O nosso amor é filho das trévas, nasceu de uma serenata, no frio das noutes hybernaes. Amemos no silencio; e quando o mundo jazer esquecido de si, então fallaremos a sós e cantaremos a nossa balada como lenitivo ao soffrimento.

O nosso amor é odiado pelos homens e os corações apunhalados pelos preconceitos.

Amemos a noute, porque então nossas almas terão o vago e nocturno de um sonho incompleto.

Será uma melodia nocturna.

. . . . .

## X.

. . . . .

A noite abre os seus seios e faz nascer a filha do dia, ella atira um raio de luz sobre a face da

terra e contempla sua fronte siderea no espelho dos mares; parece castellã pudica que se mira de relance no tremó doirado.

. . . . .

Boa noite, Eleonora!!





# PHANTASIA.

A C....

I.

Tu és a primavera, porque és um reflexo alegre da mocidade.

Mereces um altar, porque tens a belleza esthetica nas fórmãs pagãs do teu perfil artistico.

És a poesia porque tua alma vagueia nos fulgidos sonhos da idade louçã.

Primavera, idolo e poesia, tu és no devaneio angelico dos teus quinze annos, porque sentes em ti a fecunda e vertiginosa inspiração d'essa idade, que se abre aos risos da vida, como as flôres aos raios do alvorecer.

II.

Quinze annos !

A rubidez dos sonhos juvenis, quando se maquina illusões aureoladas com uma nesga do iris e pede-se ao turbido anhelar um traço de luz para o pudico ideal. Entreabrem-se ás flôres ao callido osculo das virações e as crenças peregrinam em scismas felizes, como a gotta matinal nos prismas do crystal. Borbulha a seiba dos sonhos e as constellações parecem brincar nos collos humidos pelo cançasso das alegrias; os cabellos recebem os perfumes das flôres brancas da virginal capella; o verso derrama-se dos labios, como a torrente das cascatas; os anceios innocentes palpitam; a alma vê o infinito, que não concebe e a vida é o hymno de Deus entre as maravilhas do ideal.

Quinze annos !

As notas doidas do piano tremendo o nocturno dos mestres, a lyra cantando o enredo do hymnô gentil e os olhos fitos nos brincos dos seraphins, nos lyrios do sertão e no vôo das andorinhas que elles acompanham.

Doce aurora dos festivos encantos, abri os seios humidos pelas lagrimas do delirio amavel e sacudi a galante cabeça ás ventanias da madrugada, que vem contar-vos as lucidas historietas do ideal celeste.

A natureza murmura o threno mystico da poesia antiga e as aves, como sombras harmonicas, perpassam, em bandos no lubrico adejo, entoando o prologo immenso do poema universal.....

E tu despertaste Sinhá.....

Que spasmo fatidico te deu essa posição melancolica, esse ademan de estatua, gentil creança.... porque inclinas os dedos, cobertos com os aneis brilhantes da oriental legenda, como um lyrio fatigado reclina a trescalante pólpa sobre os labios doirados da porcellana de Sévres..... porque afaugas o impeto do teu pranto nas dobras rendadas do teu lencinho branco, deixas os fios do teu cabello negro voejarem açulados pelas bafagens marinhas e fallas como louca p'ras ondas, que se quebram e p'ra o sol que se levanta dos cimos da montanha?...

### III.

Bom dia Sinhá.....

A noute foi bella... a bohemia, essa filha loira da phantasia theotonica, sentio o raio pallido da lua e cantou o amoroso prelude, como a cigarra nos comoros de tua chacara ao meio dia.... eu vim trazer uns versos, a tua mocidade, inspirados no violão.... vim lembrar-te os nossos amores esquecidos e pareceu-me ver tua sombra abraçar

a minha e.... bem me lembro.... o luar illuminou-nos, sumira-se a nuvem que o escurecia.

Como era bello o memorar d'aquellas scenas innocentes do teu romance divino! Deixa-me falar-te: eu quero unir os sons errantes do meu nocturno concerto a tua imagem saudosa: quero que as minhas palavras repercutam em as tuas aures de um rubôr celeste, como o canto dos sabiás da varzea estrondam nas mornas séstas do adormido sertanejo.

Como os cantores florentinos dos tempos do Dante, uni o violão ao peito, sentindo os laços de fita, que entrançasastes ao magico instrumento, agitarem-se-me nas faces, como labios de virgem na volupia do primeiro beijo... os dedos comprimiram as chaves d'essa cythara plebéa e derramei os mais bellos sentimentos de minha alma de moço nos échos palpitantes das somnolentas cordas.

A estrophe voava em magica elegancia, como um grupo de estrellas que correm no infinito azul.

Era tudo solitario, como um craneo sem phantasias, uma moçoila sem os perfumes dos primeiros annos.

Os lugubres chorões, que vellam a entrada de tua casa, como sentinellas de lagrimas distillavam do tenue folhiço a perola humida, que a noute humectava nos pampanos dos montes e nas alamedas dos jardins.

O môcho, triste e sombrio, errava taciturno pela

cupola das mangueiras e me escutava, como occulto testemunho dos meneios da minha canção modesta a tua virginea somnolencia.

No *chulet* artistico que a tua imaginação mandou construir entre as frondes robustas do gigante arvoredo pairava um enxame de aves trevosas, como nuvens que descem da serra ao rugir do fuzil.

No infinito entreabriam-se os clarões do luar, como os risos do noivado ante os carinhos do leito e as constellações, saphyras perpetuas da morbida celagem gesticulavam em brilhos fulgidos, choravam luzes, tremiam raios, que a viração escurcia no seu correr inquieto.

A immensidade era um sonho da India, a opulencia do creador espalhada em um manto azul, aromas de flôres, notas vagabundas da melodia celeste, suspiros eoleos, luz em cataractas e ao fundo... a téla escura da noute, as serranias, cyclopes de lendas e o mar, liquido espelho como espectador admirava, com a orchestra das vagas, a universal concepção nos seus seios infinitos e selvagens.

Tu despertaste ao vacillante cantico de teu obscuro cantor.

Criança... ergueste a gelozia do sotão e pude vêr o teu venusino perfil envolto nos damascos do leito... os frouxos pardacentos de tua cabelleira, quedavam-se em torno ao oval de tua rissonha physionomia, como um symbolo crepuscular

em torno as rosas do meio-dia... os olhos cansados... os fios negros de tuas veias pareciam agitarem-se sob o alvor da epiderme, como arabescos de onyx sob o envelope de neve... os seios pallidos batiam de pejo, como o peito da rôla que o caçador assusta, os alvos leques garça que se levanta da palude infecta... o teu nariz aquilino de um torneio delicado agitava-se no cançasso de um desejo, como quem respira a voluptuosidade e o delirio.

Segredaste com a noute e o vento espalhou-te pela figura as petalas das rosas e o silencio continuou sinistro e eloquente. como o somno do sepulchro.

#### IV.

Bom dia, Sinhá...

Eu quero saudar a alvorada, que furta o lume nas gazas da nevoa, no riso infantil que se rebenta entre os mornos traços de tua boca, como o perfumoso pollen do centro da corola das rosas.

Quero sim... porque ha uma igualdade artistica, uma figura expressiva do imaginoso vocabulario entre teus cilios de menina e a luz da esphera, entre as neblinas e o teu roupão branco, entre teu riso e o alvor da matutina, entre teus olhos e os astros do céu.

Escuta... a luz é alegria de Deus e o verbo esplendido da criação; a neblina é a tunica do espaço, a cortina do immenso scenario onde o infinito acena; a materia é o despertar da immensidade nos seus sonhos dourados, o idyllio languido da suprema feitura e os astros, estrophes ardentes do grande poema, que se inspirou nos dias da criação e... tu és tudo isto, Sinhá... uma simile da moça do *Intermezzo*: és a luz, a neblina, o astro, a alvorada a transparecerem nas noutes melancolicas do poeta, porque elle vê em ti mais do que a mulher, mais do que a arte e o bello, o — ideal!

E' por isso que eu te amo muito, tu resumes os anhelos nobres do homem que crê — a gloria e o amor, estas honestas ambições da alma sonhadora, inseparaveis, irmãs, sublimes. A gloria sem o amor é o infinito sem Deus, e eu quero Deus entre nós para a benção das aspirações. O amor sem a gloria é ter-se a alma do Dante e a loucura do Tasso e... eu quero ter-te como Beatrice nos meus sonhos, como Armida ao meu lado!

. . . . .

V.

Depois vi-te desaparecer como o planeta que a nuvem occulta, deixando em mim a doce im-

pressão da saudade e a baunilha do terraço embriagando-me o olfato com os aromas da manhã.

Ainda assisti a sombra de teu corpo que fugia e o clarão dos astros morrer no velludo celeste de tua alcova.

Fiquei a sós, no extase das prostrações que alegam; as estrellas brilhavam frouxamente e os corseis da alvorada arrancavam chispas de ouro com suas patas de luz nas orlas afogueadas do horizonte, por cima de tua camara gentil, que o amor povoava de sonhos, de beijos e de suspiros.

Aqui no modesto *atelier* do bohemio eu conto ao papel a minha visão da madrugada; ainda escuto a voz dos passarinhos e ouço o quebrar monotonico da onda e quando escrevo penso em ti e beijo a escomilha branca do lenço que te roubei, parece-me respirar lembranças felizes no almiscar que lhe inundaste.

Recebe esta pagina, dictou-a o despertar de uma illusão innocente, como a ventura me fez te ditar uns versos na alvorada de teu somno de criança.

E' tempo, amanhã apparece no seu trilho de luz, o mundo é um concerto supremo, ergue-te e vem ser sacerdotisa, eu quero vêr-te.

Bom dia, Sinhá!...



## DE NOITE !

### I.

Dorme, anjo da pureza, entre as cambraias alvas do teu cortinado branco, dorme; estatua do amor entre as cortinas do ideal artistico !

Scisma no moço louco que te ama, um poeta obscuro, que tem o infortunio de Job como riqueza de seu amor. Chora-o, orvalha-o com as tuas lagrimas santas, porque elle não é Cresus para te comprar, a ouro, no balcão onde a balança do mercador de teu futuro eleva-se para os Belisarios e tomba pezada para as facecias dos levitas do milhão.

Tu és innocente, cinges um diadema de mystica adoração n'esses cilios de ternura embutidos pelo genio da arte na tua face de madona.

Não entristeças a nenia de tua mocidade, como o passarinho da ballada os véos da noute oriental. E's a pomba dos cantores do meio-dia, eu sou o ether, a phantasia dolente. Corta-me de dores com os raios brilhantes de tuas azas de oiro, mas roça, em minhas palpebras morticças, o velludo macio da tua plumagem de archanjo.

Em te sentindo pedirei luz, como o Gœthe agonisante pedia-a as alfombras de Weimar, ergue-te ao infinito e segreda com Deus.

Eu, verme doudo calcado pelo riso chulo dos maldizentes, irei pedir a intelligencia ás azas dos cherubins para despertar-te na luminosa morada.

Serás a estrella do meu olympto ideal e eu serei o rastro pallido de tuas espumas de prata. Dorme entre as fragancias dos sonhos e as visões serenas do teu noivado celeste. Ao teu redor abrem-se as rosas aos risos da matina e o bando ruidoso dos cantores allados concertam o languido idyllio para o irradiar do alvorecer. Dorme meu aujo!

## II.

Que te póde offertar um filho da Bohemia? Uma grinalda de versos e o epilogo de seu romance? Por Deus que não!

Para nós o verso é o grito da suprema angustia da alma, e a poesia a parabola dos sentimen-

tos que é o psalmo angustioso da nossa louca religião. Choramos, como o propheta as successões doloridas de nossa existencia amarga e a pobreza, esse obstaculo dos genios, derroca os nossos castellos e rende os bastiões. Todos os convivas do areopago, cantam como Murger, alegam-se como Nerval e o enredo faceto de seu romance folgasão termina com os monologos desesperados da tragedia pagã, com as scenas de sangue do drama antigo.

Como o filho da lenda germanica buscamos na mesa do trabalho, esse hymeneo obscuro das intelligencias, não um mundo, como o piloto, nem o *El-Dorado*, como os aventureiros; mas o —*euréka* do philosopho grego, a aspiração do martyr da cicuta e encontramos o desalento de Poé, como o sol vivificador do futuro.

Amamos para satisfazer ao coração, mas os cerebros são loucos e só na sombra do infortunio vemos: que as fadas volitam nos terminios olympicos, as rainhas vivem entre brazões e europeis, as borboletas na caule das rosas e as mariposas morrem voltejando em torno a luz, para não succumbirem nas trévas.

E, quando procuramos beijar as plantas do idolo, abraçar a encarnação do sentimento humano e escrever no livro do destino o distico feliz, as mãos tetricas da desgraça descem o véo das illusões e o nosso proscenio é miseravel.

As Marcôs nos sorriem com tédio ao escutar um

romance amoroso no alarido das saturnaes, Ninon despreza os verbos do coração e esquece os artistas que lhe bordaram o manto de cortazã, Pompadour ri-se da loucura do homem e Marion, a mimosa *Marion* solta-nos a matilha de cães famintos e bate-nos com o chicote, como a *Diana do Louvre*, que castiga um perro.

Vamos chorar depois, não sobre as ruínas das illusões que morreram, mas sobre o tumulto da mocidade que passou e não deixou vestígios, como os meteoros da tarde e o fogo dos nenuphars.

No outro dia os sacerdotes rezam o — *requiem* — em torno a um esquife e o coveiro sepulta uma estatua de barro, como os *Cuzcos* selvagens os deoses do templo. O mundo então deixa as chufas do palhaço e toma a gravidade do cenobita: começa a apregoar os canticos da gloria e estes, como cyprestes inquietos perturbam o silencio eterno ao cadaver. A saudade busca galvanisal-o quando a terra fraternisa se com a materia e os corações, atiram-lhe o ultimo insulto, chorando o martyrio que se glorifica.

Eis o que é a Bohemia. O alvorecer dos sonhos, o frio da miseria e a noite do tumulto!!

### III.

Escuta, entre a somnolencia de teu cerebro, o

crispamento dos labios e o véo dormente de teus olhos negros, os sons perdidos e as ondulações palpitantes de minha cantiga. Ella inspirou-se no teu sorriso, o coração deu-lhe as fórmulas hymnicas e Deus ensinou-me a cantal-a no meio da noite. Tu foste a musa diaphana, a creadora do idyllio: nosso amor nasceu da contemplação dos astros e o nosso ideal está nos seios do infinito, porque é impossivel.

Eu queria ir buscar a purpura dos reis e a tunica dos grandes para servirem de tapete ao teu despertar loução; dar-te o throno das fadas, sublimar-te e ir entregar-me ás mãos da prepotencia para morrer como o Tasso, doudo por teu amor; roubar a cythara das sacerdotisas musas do templo de Irmensul, para vêr em ti a harmonia esplendida de Norma, o arroubo inspirado de teu peito sobre o *dolmen* de minha dedicação no scenario voluptuoso de nossas phantasias, nossas esperanças de moços.

Minha voz não se desprende, como écho das lupercaes, para reboar a fama elevada das *Phrynéas*, é a estrophe desgarrada do craneo do poeta do amor, para cobrir com gemidos as fórmulas puras e elegantes das Vestaes. Desce, pois, das alturas do teu castello, onde brincas com os anjos do sanctuario e vem jorrar a toada da harpa de David ao Saul, que clama por ti.

Vem n'essa musica das espheras rodeada de nevoas pallidas e eu te receberei, como os pampanos

de *Flora* a chuva de flôres, que os ventos do outeiro lhes derramam.

Eu não amo a gloria, essa cortezã que se re-  
questa, porque ella é o sol dos mortos, como disse  
o sonhador de Seraphita.

Prefiro, aos seus assomos, os crepusculos hyber-  
naes uas minhas aspirações, porque elles são os  
antecessores modestos da manhã rubente, onde  
meu peito se cadenceia bafejado pelos raios elo-  
quentes de teus olhares.

Comprehendo o teu silencio !

Scismas o impossivel e afastas da fronte sua-  
renta as concepções de teu pensar macilento. Vês  
a lenda palpitante de imaginação; esboças o qua-  
dro, a historia de Romêo te inflamma a phantasia  
e o demonio negro do Faust desfecha o golpe n'essa  
apothese inverosimel.

Serei teu companheiro no devanear de teu espi-  
rito na florea senda dos sonhares bellos.

#### IV.

E' uma lenda de amor, a reminiscencia dos dias  
festivos da primavera. O Oriente orna-lhe com as  
cortinas da natureza, a arte moderna com os  
traços subtis do romantismo e o genio occulto da  
paixão simplifica-lhe o enredo. Ha uma mulher  
bonita, os bardos chamam-lhe musa, a arte con-  
cepção e eu dou-lhe o teu nome, porque és tu.

O moço chama-se..... chamemol-o — infortunio.

Vai bonito o luar. As fôres de prata do jardim ceruleo não perfumam, brilham: as rosas abrem a rubra polpa aos osculos da luz e os lyrios curvam as petalas ás lufadas das aragens.

E' uma noute de amor e de effluvios.

Além a serenata balbuciante corta os ares com as arietas e o mundo dorme. O teu piano silencioso ouve o stridulo de teu canario, que chilra á noite como o rouxinol da Fornarina.

Haviam duas mocidades... não... dous pombos... ainda menos um alaúde de trovador moribundo e uma capella de noiva; eram um dithyrambo do poema de Julieta e as fôres pallidas de Ophelia. O paraíso projectava-lhes o raio tremente da felicidade ideal e as aguas limpidas dos rios santos reflectiam, como um espelho undoso, a pintura fresca d'esse innocente hymeneo.

As pombas corriam como nuvens de verão e as gaiotas faziam lembrar o genio da tarde na contemplação do bello, aspirando o ambiente das trepadeiras e se elanguescendo na volupia do painel. Os corvos com suas azas côr da noute estavam longe, espreitavam o disco de ouro, que servia de cupola ao espaço onde decorria a acção...

Appareceste... parecias uma sonnambula em conto do norte, marchavas como a Veronica apóz o Christo e teus cabellos pretos humectavam-se na fluencia das lagrimas, que rebentavam de tuas

palpebras. Eu te seguia tímido e te osculava as vestes, como a projecção umbrosa de teu corpo.

As violetas davam-te aromas como um preto delicado e uma phrase eloquente.

Paraste... symbolisavas a sulamita perguntando ao deserto o caminho da tribu feliz; choravas e parecias a loura Carlota lamentando a ausencia de Werther, apontaste o negrume que se desenhava nas orlas do monte, ficaste pallida e firme, como a figura petrificada da mulher de Loth... Desdemona invejaria o teu perfil diante do punhal, que o ciume de Othelo brandia contra Yago. Ella cantava nas notas doces da romanza do maestro e declamava na lingua de Milton os versos de Shakspeare. Deverias tambem cantar, porque só a musica é que imita o desespero.

Minha bem amada, se teu garganteio se ouvisse, se tua voz reboasse como um arauto divino nos fragmentos de Pergolezo uma maravilha se praticaria e era: tudo se desnudar na limpidez das fórmulas aos nossos olhos e o abysmo fechar as fauces para te escutar, como conta a fabula a respeito de Orphêo.

Porém... o bello rara vez se manifesta e a harmonia do painel sempre se entibia na palheta do artista, bem o sabes. Quando o Creador elaborou o *fiat*, sua dilecta epopéa, jorrou a luz do sol para o dia, bem como o clarão das estrellas para a noute: o brilho perenne era contrario á sua vontade omnipotente. A melodia de tua gar-



ganta inspirada poderia ser um hymno fatal, por isso teu anjo da guarda assistia a torrente lacrimante, que a dôr despenhava na ambula alabastrina de teus seios.

Appareci-te... O Mephistophles da desgraça deu-me o licor do vaso fatal e eu me apresentei a ti, como a rejuvenescencia do sabio de Straburgo a ingenua *Margarida*.

Viste o louco e sorriste, sonhaste o poeta e me abraçaste, como Daphnis a Cloé, ouviste o offegar do coração e deste-me o osculo do amor depois... como a mulher do seculo que adora o bezerro de ouro, recuaste ante os meus trages de Bohemio e fugiste, como a sombra aos toques da luz!

Disse-te adeus, na convulsão titanica de um espirito exaltado pela injuria, respondeste-me com as notas saudosas da Opera; as auras roubaram-nas dos labios e os échos repercutiram-nas nos meus ouvidos.

*No te scordar di me... lembraste-?...*

Os corvos pairaram sobre o nosso palco traçando nos ares circos negros, como a aguia que augurava o rei romano. Os ventos desencadeavam-se e rugiam como uma cratera explosiva, as flôres desfolhavam-se aos uivos do tufão.

Deus me estorcia n'esse eculeo horrivel chamado sentimento. Foi este o desfecho lugubre do romance que sonhamos juntos!

V.

Tinha-te perdido para sempre, minha boa amiga. Hoje vello teu sonhar de moça, dou-te os acentos do choroso preito, e sou o guarda do ossario onde sepultou-se as nossas creanças.

Choro no meu infortunio os recordos de tua celica visagem e não busco, como o amante da lasciva Ketty Bell, uma synthese amargurada a catastrophe de minha alma.

Não. A esperanza é a bussola dos infelizes e o soffrimento o apanagio lacrimoso do meu ser; não desespero, como o sonhador de Parisina ante os destroços do berço de Homero; nunca, o amor é infinito e seu meio de acção a sensibilidade reciproca dos seres, elle é a harmonia dos homens remontando-se a Deus através das harmonias da natureza.

Eu creio em ti, perturbou-te apenas o clamor da severidade, e Satan, roubou-te ao pensamento ouvindo o tinir do ouro na sinagoga do positivismo. Creio e muito, a tua candura é a fidelidade de Heloisa e a innocencia de Virginia; não és essa paixão das filhas do Mincio, que mordem nos beijos, nem a loucura das heroínas do Cid, que assassinam nas alcovas.

Hoje só invejo o bardo do Capitolio porque Laura reffectia-lhe os sorrisos na frente de cantor; mas tu graduas essa nossa elevação dos corações para

o infinito e... alguém atira-me os esplendores de uma heraldica bastarda, como o *veto* real entre as alvoradas de duas mocidades.

Ignorancia e ignominia!

Querem pôr barreiras entre dous oceanos que a furia dos ventos irritam, que marcham no impeto das forças e que só a voz de Deus pôde amedrontar a tormenta e suffocar-lhe os haustos?

Raça de pigmeos, que grita pelos pulmões de Stentor, assassina como o Hercules de Hardy, mas pensa como — pigmeos.

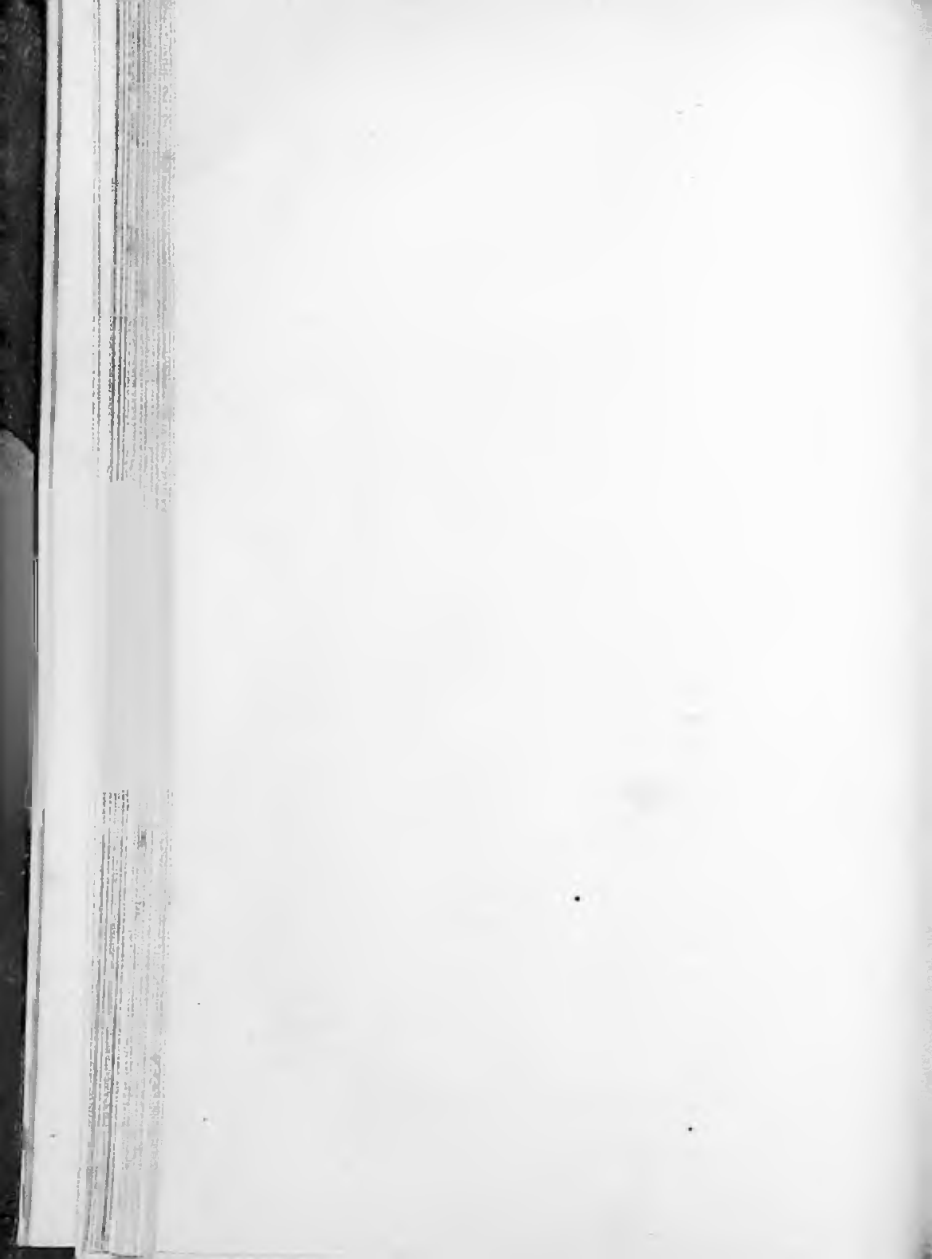
Não... tu és tímida, como a corça... deixa bufar o furacão que o céu terá estrellas, como nas noutes de ventura e a lua as canções dos sonhadores. Por hoje dorme entre as gazas fluctuantes do teu leito castino e lembra-te do infortunio nos momentos precipites de tua vigilia.

Quando a tempestade passar e o sol dos destinos illuminar a tua corôa de noiva, eu te apertarei em meus braços, pedirei hymnos ao thalamo feliz, bemdirei a aurora que surgir e não serei o louco, mas dir-te-hei, baixinho ás aures pudicas, o grito do *Marquez de Pozza!*

Dorme, meu anjo!

. . . . .  
O luar brinca nos céos e as estrellas correm no seu trilho brilhante, eu sou a sombra e a luz me é indiscreta.

Adeus! Que os anjos velem teus sonhares de moça!



## CYNISMO E CHARUTO.

É meia noite!

Comecemos como os romances de Anna Rattelif.

Os besouros, batem nos vidros das janellas como doudas mariposas; ladra o cão lá fóra e um ilota lembra saudades nos sons dormentes d'uma luxuriosa samphona.

Meu gato, na volupia de uma modôrra, espicha o dorso e atíça o lume feroz de seus olhos afogueados.

O' meu amigo, é tarde; os ventos sacodem a garôa, a cidade dormita e só nós velamos; tu como um sybarita desprentencioso, eu automato estúpido, que devoro os minutos que fogem ao *spleen* no fumo placido que o charuto me dá, o meu vulcão das noutes frias e sem ventura, o meu narcotico ao sentimentalismo que me pesa.

Ainda é cedo, não gemas, empresta-me a luz morticã de tuas palpebras para illuminar os meus pensamentos e deixa-me fallar, escrever e chorar..... chorar, sim..... por ti que me foges, pelo meu charuto cuja fagulha avermelhada e coberta de cinzas, como um artefacto de Pompeia, escalda-me os labios, como um beijo vendido ou uma gotta de veneno; chorar por mim mesmo, por meu peito, que é uma urna fatal onde o infortunio agasalhou a figura esqualida dos pezares.

Boiam suspensos no paramo azul a lua, a estrella e o meu ideal, astro negro, nuncio de tormenta e... é tudo silente... conversemos meu charuto, sê tu meu amor e as trévas o scenario.

Das-me inspiração, dás-me vida, ainda mais repercutes lembranças mortas, que eu adoro tanto, como o valle natal nos arrula aos ouvidos os écos dos risos infantis, que o tempo envolveu na sua cadeia de olvidos.

Hoje, ave sem ninho, eu destaco da perola fusca de minhas lagrimas os sonhos de ventura, que a idade feliz julgou brincarem em torno aos setins do Iris; e esses reflexos vividos da louca intelligencia, radiosos como fragmentos de agatha apparecem-me a furto, como uma ironia da sorte aos turvos nevoeiros de minh'alma.

E entre a saudade que cruscia e a aspiração que delira, eu destaco na tela lubrica da mocidade alguma sombra de melancolia dolorosa, que me

parece a synthese triste de um trio mortuario. Vejo o sonho sangrento de Prometheo, na ira da ambição maldizendo o impossivel; as cicatrises e as pustulas do Ahasverus, como verdades eternas que a logica axioma e o martyrio de Tantalos, a intelligencia e a razão em uma esphera limitada pelos accessorios materiaes, suffocando na colera o mundo que devia ser sua obra, a sciencia que devia ser seu invento.

A virtude, como auxilio de moral pratica elevada pelo egoismo humano em dogma espirital, para representar a hypocrisia e não a sinceridade dos seres; a moral mistificada, cidadella arruinada dos homens fracos, que protege a indolençia do livre espirito nos seus sombrios muramentos; a religião, fanatismo que um homem probo colorio com seu sangue e que a populaça estúpida transformou em mercancia com os reaccionarios, em azar com os aventureiros.

A politica, a crença, o direito, duvidas que não se simplificam, abysmos como o Malstroom do poeta americano, que tentam, asphyxiam e corrompem como a atmosphera putrida d'aquella gruta maligna, que na Italia diverte aos *touristes* com o assassinato dos cães.

Aqui, no meu silencio de morte, eu louvo a Belzebut por um principio de opposição e duvido e descreio, como a phylosophia do paradoxo, como o sophisma do judeu de Amsterdam, porque a minha razão embriagada por ti, quer fugir-se ao

thema debatido pelos homens e voar para o mundo inhabitado do pantheismo, para as revoluções enormes, que o craneo de Proudhon concebeu.

Mas silencio ás escolas, treguas aos philosophos, é ridiculo discorrer sobre as theses sensaboronas dessa methaphysica, mais enleada que o fio de Ariadne. Fallo para ti que respiras pelos poros de uma crosta de cinza fria e para o meu gato, que rosna em cima da cadeira, como um padre no confissionario ouvindo a chronica de uma mantilha, que serve de panno de bocca a uma visagem de oitenta annos.

Sou grego, procuro a perteição plastica do ideal hellenico nas fórmãs geometricas de uma mulher; quero o consorcio do *eu* da philosophia racionalista com a ultima expressão da belleza esthetica; uma sentença de Platão no pescoço airoso de uma figura de Phidias, que seja a personificação do talento humano, no forum da arte

Será uma utopia isto?

Responde-me, ó charuto, companheiro do sabio allemão, e tu, ó rajado animal felino, que brincavas com as loiras estrigas da cabelleira de Margarida na mocidade do Faust, faz-te somnambulo, quadrupede d'olhos furta-côres, e responde-me!

Vamos á Grecia... a Hellade dos sonhos e das musas baloiça-se sobre a onda azul do mar de Corintho... a cidade dos prazeres mostra a Aspasia a tenda do artista que talha o marmore



immortal... conduz Phrinéa ao recinto memoravel do esculptor e mostra-lhe a deificação do genio nos altares do templo pagão.

As duas cortezãs partem como peregrinas, as festas duplicam-se á sua chegada e os camartellos dos crentes da religião do bello vão disputar em sua honra, a immortalidade nos veios petrificados da pedra legendaria de Paros.

A intelligencia curva-se ao bruto rochedo; o sentimento dá-lhe as fórmãs, e o espirito antigo atira á multidão a epopéa personificada no buril do mestre; ha o duelo do trabalho com a inspiração, vence esta e a idade feliz relê os heroes de Homero ante os bustos quietos das filhas da officina da arte.

Alli é a tenda de Phidias..... o moço grego troca um beijo na molle sesta com os labios rubros da hetaira, que canta as odes de Sapho na lyra d'Orpheo, dorme no regaço perfumoso de myrrha da plebea historica e desperta semi-deus na bella religião de seu tempo.

De um sonho elle compra os seculos.

Lá está a estatua... branca como o céu de Chios... expressiva como o verso de Corinna... heroica como a epopéa dos seculos e alegre como o genio do povo que a erige em deusa, immortal, sublime, nobre, como o seculo que a gerou.

A banqueta da arte é o pedestal, seu altar a officina que é o seu templo, e ella a immortalidade de um nome.

Eil-a, a belleza modelo, a ultima expressão d  
fórma, a idéa, o genio, as idades reverenciand  
um nome, as letras marcando disticos em um  
concepção admiravel.

Apparece no symbolo de uma mulher, fórma  
esculpturaes e esplendidas, cadinho onde vasou-s  
o talento de um homem para a perfeição de um  
monumento esthetic.

A cabeça quieta como guarida sagrada de um  
pensamento divino e immutavel. Os olhos firme  
e eloquentes como as estrellas do serão na tor  
rente do Eurotas, á hora em que as hamadria  
das baillavam e o rebanho ballia nos apriscos d  
Pirêo. O pescoço apresenta as suaves contorsões d  
cysne que boia no cauçasso de um cantico cre  
puscular e a que o estatuario profano roubou si  
miles para os deuses. Sua boca muda, como a  
immortalidade respira o sopro olente do infinito  
Seu corpo é a rectidão das linhas puras, a per  
fectibilidade de um pensamento enorme, unico  
immutavel, onde o amor antigo podia se aquies  
cer, como nas douradas columnas do altar sa  
grado, onde ardiam na odorifera caçoila os incen  
sos dos sacerdotes e a luz dos candelabros d  
perolas.

A filha lubrica do espirito pagão irrompeu-s  
dos lençóes de espuma; rio-se do tridente do bar  
baro Deus e foi moldurar-se no craneo inspirad  
do divino mestre.

Deram-lhe o poder e o culto, a alma e o genio

a prece e a historia, e a filha do marmore creou uma epocha inefavel, creou-se deosa na immortalidade da poetica religião do paganismo.

A' sua apparição patenteou-se essa lasciva mulher, desgrenhada, nua e palpitante de bellas emoções, levantada sobre as taboas de um proscenio inclito pelo cinzel admiravel do velho Pigmalião; ella tinha na phrase elegante do poeta, o beijo a tremer-lhe nos labios e o peijo a desmaiar-lhe na alfombra maravilhosa de uns seios iriados pela santa poesia da arte plastica.

A volupia, o amor, os prazeres crearam esse outro symbolo do deismo antigo a Venus Calliope, Aphrodigtes, Pudica, de Gnido e Asthartéa sublimaram a concepção da estatuaria primitiva. A Hellade tornou-se o grande conservatorio da humanidade, os homens do pensamento foram buscar lá a inspiração das phantasias ideaes para o promptamento de novas locubrações.

Vieram os tempos, como uma legião de barbaros, como terremotos funestos e esse emporio celeste, eterno, esboroou-se nos disturbios fataes do destino. Derrocaram as columnatas, quebraram as estatuas, transformaram os templos em covis de bandidos; mas o genio, a licção foram-se propagando, inuteis da media idade, soffríveis na renascença e soberbos nos nossos tempos.

Hoje já não ha estatuas, bonecos de gesso filhos do engraxado artefacto do carcamano; telas, mas photographias—*bombe's* do systema Militão; não ha

templos mas barracas de cavallinhos e barracões do governo; não ha altares, mas balcões de bo-tequim e tamborettes de quitaudeiras: não ha jogos olympicos e o *peripateticon* mas bilhares e *toupie*, como no Fretin e um hygienico a tarde pela Luz, a respirar-se ar puro e cobrir-se um homem de poeira.

Vai longe a dissertação, meus companheiros, e o cerebro cançado pelo marasmo perigoso já não quer divagar, elle anhela outros prismas, olha o lar além das montanhas azuladas do meu berço natal e vê, em uma gravura de Pontoppidan, que me demora a cavalleiro, o mar. Como o navio que foge aos recifes da costa elle contempla, em extase cataleptico o senho furioso dessa cantora rouca, que acompanha a orchestração dos ventos nas symphonias das tempestades, escalla as ondas agrupadas, sente as convulsões do navio que pula e desce até o limo do oceano, como o pintor que foi estudar alli o suicidio, nas aguas verdes de um tumulto marulhoso.

Depois volve-se para o lar e sente-lhe entrar pelos tecidos um rio de fel despejado pelo caudal de minhas dores passadas.

Ao lado do meu berço uma cruz enfeitada de corôas de goivos; ao lado da infancia o materialismo do tempo: ao lado da cascata a mancenilha; uma voz de menos no festim annual e uma morte de mais na genealogia dos seus.

Meu lar... meu berço perfumoso onde se en-

treabrem as cortinas de velludo verde e escuta-se o dueto bucolico dos violões que as bafagens da tarde echoam por traz das collinas, como estás solitario, meu velho amigo ! Hoje a sombra de teus senhores, o vulto dos teus hospedes parecem-se oasis de horror em um deserto de tedio e o vento do pomar sacode os velhos caixilhos, como açoutes do *simoun*, como vozes de amigas saudades.

Aqui, muito além das tuas paisagens, com os olhos dormentes, turbidos e humidados como arrependidos penitentes sob as arcadas das sobrance-lhas, eu envio-te o meu peito de lagrimas pela urna sombria de minha alma, como o sacerdote catholico que humedece as alcatifas das aras sagradas com o liquido purificado pelo nome do Christo.

Envio-te minhas lembranças, estas e os meus desejos partem em caravana e vão beber perfumes de amor na magica cisterna de tuas santas tradicções e voejarem em torno a intoleravel magestade de uma mulher sem espirito; esse perfil ingrato e egoista que não soube apertar aos seios de purpura as lavas do amor agitadas por tentações ignotas.

Eu te saúdo, meu lar, e fica em paz.

Que vejo ! Com o barulho da ultima phrase o gato pulou para a mesa e soltou um grito, revirando os vagalumes dos olhos pelas orbitas somnolentas.

Que tens meu velho ? Amores esquecidos, algum romance interceptado pela *bóla* da Edilidade ?

— *Nha-ursa...* respondeu-me elle!

Este grito do meu *fidus achates* resume uma phantasia dolorosa, é a expressão do pranto amigo aos manes de uma gata preta, que os cacetes dos moleques fizeram succumbir ante o dormir roncadador da patrulha, que vigiava a ordem publica!

Oh! Tu felina physionomia, que hoje dormes teu somno eterno ao relento, sem as pompas de um funeral, sem a ode dos poetas e os discursos encomiastas dos prosadores, tivestes uma lagrima e um *miau...* em sustenido do teu gentil companheiro! Elle chora por ti, mia por ti, e me acompanha por ti... oh!... descança, o teu listrado amigo é o symbolo mnemonico da tua preta figura, do teu fellino donaire. O coitado até tornou-se surdo e mudo pois permite aos ratos crescerem o abdomen e arranjar digestão nas douradas lombadas dos meus innocentes praxistas, dos meus queridos *Corpus Juris e Ordenações!*

Elle deitou-se morbidamente sobre um sophá de compendios e dorme tranquillo, como um homem que joga o *carimbo* e não sahe perdendo, como um eleitor do governo, como um individuo que não paga impostos, como um morto, cujo somno ninguem perturba.

Dorme sybarita, dorme phylosopho, dorme simulacro de um abbade, dorme felino amigo!

O charuto... esse rolou por baixo da mesa, como um inglez depois da refeição e quando lhe vejo o carvão do ex-brazeiro lembra-me da dôr provo-

cada por uma mulher, alegre, endoidece e depois tisona, nodôa mais do que o carvão que suja, do que o preto sobre o branco.

Fica por ahí legado que dão ao lixo... eu vou dormir repleto de cynismo e embriagado pela nicotina.

O cynismo fez-me pensar a trancos e barrancos, a nicotina escrever atôa e eu obriguei-me a mim mesmo sujeitar a imaginação ao devaneio desigual, imperfeito, sem nexo, sem arte e de um sonambulismo bohemio.

A ti cynismo, o meu ser, a minha philosophia original o meu craneo melancolico, e minha alma. A ti charuto, tudo isto e mais eu mesmo.

O meu humor vagabundo fez-me correr como um cometa sem orbita pela desvairada phantasia de um *spleen* sem ideal. A philosophia, a arte e a criação de Rabelais foram-me o thema, meu gato o compasso, porque elle gemia como uma mulher que ama, e o *cynismo*, essa fascinação da alma, o verbo alegre que abriu esta pagina douda.

Bemditos todos, na nullidade da fórmula e da essencia deixaram ao menos uma consolação, menos spasma ao cynismo, mais somno aos olhos e mais narcotico ao leitor.





## PAGINA SEM NOME!

A J...

Os ventos frios da noute passam murmurando canções e suas lufadas vem ondear os cabellos d'ella.

Filha dos céos, para que este extase divino na abstracção que te prende a horas mortas, quando a terra se envolve no sudario de crepe e os céos mostram o brilho lubrico das estrellas?

E' a hora pavorosa.

Os mortos saltam das jazidas brancas e vem respirar as lagrimas da noute; a humanidade, essa onda tumultuaria se aquiesce, como a serpente entorpecida, como a lage pesada de um sepulchro, que guarda uma recordação saudosa.

Romêo, a sombra elegante da ballada do amor, passa no arfar das virações invisivel, veloz e apaixonado procurando as vozes errantes de Julieta e querendo escutar como ultimo accento, as barcaro-

las dos gondoleiros nas lagunas serenas da cidade rainha.

As toadas eolias da guitarra que ouves, parecem os versos de uma ode, que morre nos labios do trovador: as canções que se perdem nas ondulações do ar, são os idyllios que os amantes esqueceram e que correm buscando asylo em seios palpitantes.

Musa do Hellicon, deixa o scisma, vem illuminar as vigílias do louco poeta com a chamma de teus olhares. Elle quer amor, dá-lhe teus seios, elle quer vida, dá-lhe o riso de teus labios.

As rosas que circundam tua fronte de alabastro parecem-se encarnações do genio mytico e tu, a estatua grave da arte pagã. Desfolha-lhes as petalas, como a deusa druidica, atira-as aos ares para embalsamarem o nosso ambiente, desprende a onda fluctuante de teus cabellos sobre o collo de cysne, fita a luz com o gesto do spasma, como a Pallas do estatuario e debruça-te para ouvir a minha romanza.

Pensas talvez no voluptuoso *habanero* das filhas andaluzas e queres escutar á noute os requebros de uma canção de Trueba?

Não, deixa o Eden do Boabdil e não penses nas loucuras da Calderona.

A Cortezã dorme sob os umbraes gothicos da realza prostituida, enquanto que as ruinas do Alhambra não reboam mais as imprecações ardentes das languidas ficções de além do Hercules.

Para que me esperas no teu gracioso postigo sentindo o raio prateado do luar inundar-te o perfil, como as aguas perfumosas do banho de Suzana?

O que queres de mim?

Uma canção na viola, uns versos no frontal de teu jardim, e um canto triste á tua alma sensível?

A canção arrebatou-a o murmurio das dôres, porque era um preludio de amor como o ultimo canto do cysne, como os gritos de Sapho, a musa do suicidio. O verso quebrou-se entre o fluido que lhe derramavas e as vozes, que o soffrimento me arrancou. O canto, este perdura, porque é o nosso romance.....

\* \* \*

Hoje vives feliz. Os teus sonhos de mulher se evaporam, como as nevoas da noite entre os cyrios da matina, acordas ao acento infantil que o riso do teu filho desprende, pedinto-te vida na saliencia das pomas maternas. A cada gesto de teu amor elle brinca e falla no riso infante a poesia santa do lar, tu lhe transmittes o fogo de teus olhares e vives n'elle osculando-lhe a fronte de neve e os cabellos de ouro.

Vives em teu filho como eu vivia no teu amor, debruças-lhe em torno como guarda de seu thesouro.

Bem dita sejas, és um anjo de Deus, a mulher do Evangelho, a mulher mãe.

Mas olha... o tufão ha de arrebentar, o teu symbolo será espedaçado, e, por Deus, não venhas chorar nas aras de uma esperança morta, como uma estatua de tumulos, porque eu te mostrarei a mortalha de uma aspiração e um coração vasio, marborisado.

Serás a Magdalena do coração!

\* \* \*

Não chores.....

A urna de teu peito, onde guardei essa tendencia do nosso affecto, não merece as lagrimas do arrependimento, nem as vozes de tua alma. Que belleza póde laurear uma campã? Bem o sabes.

A hera se precipita sobre o lagedo inerte, como um braço que occulta uma fronte que chora e os cyparissos movem-se, como um riso perdido e uma lamentação palpitante. O silencio, o esquecimento e as sombras são os companheiros da morte, a noute é apenas a eternidade dos que dormem.

Conversemos pois. E' tudo silente em torno a nós.

O orvalho derrama-nos os frisos das neblinas como um pranto de irmão e o olhar indiscreto das constellações nos éspreita, como o testemunho de uma noute venturosa.

Não temas o mundo, relembra o teu primeiro amor e elle te dirá quem eu sou, porque me fez ver em ti uma eternidade de vida, um infinito

de glórias e a aspiração dos primeiros annos, que lê o vago no pensamento e sonha illusões no coração.

Lembras-te do passado ?

Oh ? Elle se chama saudade e é como a hydra renasce, aviva e punge.

Tu és o anjo mulher, és Elôa.

Eu sou o judêo errante do infortunio.

Elôa escuta o Ashaverus:

— Eu te amo !

Responde ao peregrino a quem amaste outr'ora.

— Amemo-nos !

Agora fallam as recordações por este bello enunciado, fallam as almas, o paraizo, o céu a flôr, a musica, o delirio, a nossa afeição, essa cadêa mytica dos seres. Escuta.

Um dia o destino atirou-me com escarneo na romagem penosa da existencia e algum fogo, que me ardia no cerebro, como o pharol dos marinheiros, impellio-me para a *via-sacra* dos tormentos. A alma foi-se dillatando pelas precepções do bello e a mocidade queria as glórias do futuro. Como o passaro azul do Oriente o pensamento queria se atufar no seio das nuvens para ver o infinito; o coração lutar com esse Adamastor, que se chama impossivel e os braços traçarem a corôa de loureiros para os fustes do grande capitel, que o imaginar anhelava.

Mas... o sol antes de brilhar rompe os véos nebulosos e os moços antes de mirarem a elevação do futuro descerram o véo das illusões para

abraçarem a experiencia. E' o drama que todos conhecemos.

O ideal suffocado pela materia e a cabeça regida pelo thermometro do estomago; sonha-se o Capitolio mas a necessidade mostra os penhascos da Tarpeia; pensa-se no calor dos equinocios e os musculos sentem a gelez dos climas hybernaes.

Assim eu sonhava entre as mais bellas horas da juventude, que se desprendiam dos seios de Deus. Sonhei muito e só pude conceber o nada; quiz correr e vi precipicios. sentia-me envolto entre as dobras sinuosas do fio de Ariadne.

O espirito decahia porque o frio do infortunio era intenso, a idéa ia-se amortecendo porque a aspiração recuava, o ideal se chamava materia, que é a substancia da vida e a alma, o órgão dilecto do Creador, se embrenhava na descrença, no tédio e no devaneio pueril.

Precipitava-me aos poucos pelos declives de uma philosophia exquisita, parecia que uma borrasca negra arremeçava bafos devastadores sobre mim, amava a vida e sentia-me triste com a idéa de morrer aos vinte annos!

Mas... meu anjo tutellar, essa visão magica que conduz para as cupolas azues do idealismo as vocações, que querem beber a morte no Lethes do positivismo e dormir ao luar debaixo das ramagens da mancenilha, mostrou-me teu ser, osculou-me e desviou um levita dos altares do paganismo!

Crente do primeiro culto conservei-me fiel á religião da arte do amor, que te apresentou a meus olhos como o idolo do grande templo; semelhante ao bardo da canção de Houssaye, senti-me renascer respirando o halito das rosas, porque os meus laureis semelhavam-se a cyprestes. O sangue não me batia nas veias, como o toque das sensações pungentes, mas gyravam em seu lugar o fluxo das lavas escandecentes e o refluxo de commoções que sobressaltam. Via em ti a belleza plastica da arte pagã, queria dar-te a immortalidade na lyra, como o cinzel do artista grego fê-lo outr'ora a cortezã, sob as fórmãs puras da Venus de Gnido.

Pensei-te Galathéa, o busto lascivo do estatuario, adorei-te e como Pigmalyão dei-te o osculo do entusiasmo na ebríez do extase para te vêr animada, mover-se e sorrir-se aos meus acenos.

Julgaste-me um louco na tua divina ingenuidade!

Não... quando ha d'estas contraposições no coração, a alegria desvaira e o espirito brinca na jovialidade de uma innocente expansão; parece-se uma criança loira entre as rozeiras, a borboleta arfando sobre o lago e a imaginação deleitando-se nas vigílias de além.

Hontem era o infeliz: que no leito de Hege-sipo, clamava ao anjo da caridade, como o pobre poeta: espalhai-me um perfume de glorias e de genios sobre o sudario, dai o obolo das musas

ao viuvo das esperanças, ao martyr da mocidade! Abysmava-me em um desalento acabrunhador e chorava sobre as recompensas mesquinhas de um trabalho improbo. O dia de amanhã surgia na minha obscuridade, como a noute dos espectros, e a desesperança avultava, ainda mesmo na surdina das lagrimas.

Depois... muito tempo depois... eu te disse: já não sou o conviva dos infelizes; pertenco ao grupo folgazão dos filhos da Jonia, esses sacerdotes que esculpem os marmores do Prytaneo, aureolam-se com as rozas da Thesalia, com os myrthos de Homero, cobrem os hombros com a clamyde dos bardos e vão cantar junto ao seio das mulheres que amam e não mercadejam os beijos, como Aspasia.

Tinhas-me dado o *salve* da eloquente maçonaria do coração!!

Sorriste e acompanhei o meneio gracioso de teus labios, contemplando o donaire do teu porte senhoril. Amavas-me e eu começava a vêr o prenuncio da felicidade, como os bemaventurados da Biblia.

Davas-me risos, eu te dava flôres, davas-me beijos eu te dava versos!

Lembras-te?

\*  
\* \*

Sobre nós irradiavam-se as projecções brilhantes



de um céu propicio e nossas almas pareciam as andorinhas pairadas á tarde sobre um valle de flôres. Saudavamos o mundo ignorantes, como as tribus do norte, que saudam o brilho frouxo dos planetas em véz das auroras no seu signo de luz.

Foi á beira do nosso patrio rio, colorido pelo verde sombreado dos matagaes e que corre por meio das fragoas...

Foi lá... n'esse recinto sagrado, como o asylo de Pathmos, onde as moutas virentes dos taquaraes toldam o brilho do sol nos seus labyrinthos selvagens, como as florestas da religião druidica. Muitas vezes tremias de susto, quando o sopro perdido das ventanias vinha balançar as flexas da mouta e algum beija-flôr indiscreto batia as azas circulando as palmas perfumosas da magnolia. Olhavas-me em inquieta timidez e me abraçavas, como arrependida da pouca confiança no guarda, que zelava teu amor no grande sacrario do coração.

Depois gravavamos os nossos nomes no tronco annoso da gamelleira, sob as flôres modestas da parasyta, que se pegava na codea do arvoredado, e elles recebiam o incenso dos vergeis e as gottas vitaes do orvalho celeste..

As phalenas voavam nas margens, os melros cantavam, o nosso cão ladrava ao bramir da cachoeira e a corrente em febril murmurio atravessava as alfombras, como um caminho de prata.

Eu te lia, sob o docel do nosso céu, aos arrulos

das pombas sertanejas, os versos de Abreu e as lyras de Marilia; choravamos juntos, porque não podia ver sem dó as lagrimas da compaixão borbulharem nos teus olhos. Rias-te em seguida e o teu gargalhar convidava o pobre cão a acariciar-te as roupagens.

Uma vez cantaste-me a aria de Rosina e recitei-te uns versos de Gerard chorando a morte de Adriana; não quizeste prolongar o innocente sarão porque tua alma credula sonhava nos augurios. A superstição despertou-te o carinho e eu reclinei minha fronte suarenta sobre o velludo de tuas macias espaldas, ellas eram alvas e tinham veios azues, pareciam as da estatua da deosa antiga. Atravéz da nuvem branca vê-se o disco rubente das celagens e arrimado em teu collo eu fallava com Deus, lia tua alma no offegar dos seios, admirava tua belleza no niveo perfil do rosto e na contorção das narinas, que pareciam dous brincos de alabastro.

O sol vinha tingindo de purpura os cimos da serra e o clarão baço do crepusculo derramava seus raios de ouro sobre as encostas ribeirinhas.

Cantava o *Bem-te-vi* nos visos dos palmares e o sabiá era trovador nas ramas do laranjal. Lembra-te d'essa tarde amorosa?

Quando, ao gemido plangente do campanario, os redís voltavam ao curral e nós rezamos a *Ave-Maria*?

Como era bello o crepusculo entre as arvores solitarias da nossa aldêa!

Que de infinitos e de sonhos não se imaginava entre os negrores das noutes do sertão? Como se sentia alli o bem estar, a placidez e a vida a correr n'uma mansuetude tão variada, como os sons da musica n'uma alma de entusiasta?

Sand, a rainha da intelligencia, e Musset, o moço poeta, dizem que foram encontrar o paraizo terreal no bulicio das lagunas da filha dos Doges, nos pombos de S. Marcos e na belleza luxuriosa do Rialto. Não! Elle existe, mas lá... através das montanhas azuladas... ao descambar das penedias, entre o rio alegre, como um verso bucolico e o matto espesso, onde a patativa se esconde e a samambaia se levanta, como uma atalaia da vegetação nas espiraes de suas folhas enroscadas.

Lembras-te, bem sei. A melancolia se desenhava sobre ti, como o véo de pallidez sobre a face do enfermo, apertaste-me a mão, beijei-te e deste-me a — *Boa noute!*

Foste orar á Virgem para sanctificar o teu amor, pedir o balsamo para essa chaga, que a affeição gravou em teus seios como uma legenda eterna, foste pedir aos anjos as flôres do empyreo como adorno á tua capella, e a Deus as vestes puras do toilette de noiva, no noviciado amoroso.

Seguiste pesarosa pelo atalho da devesa á procura do tecto paterno, que se occultava no meio dos galhos do jambeiro. Os vaga-lumes vojavam

nos ares e os passarinhos cantavam nas horas negras o ultimo threno do crepusculo: ainda vi o teu vestido alvadio mover-se entre flôres nas dobras do caminho e o uivo do cão mostrar-te a estrada.

Voltaste o olhar para a praia, viste-me e do elegante patamar acenaste-me com o teu lenquinho de cambraia, como a agitação de um adeus entre as lagrimas da despedida. Como o pallido Raphael do poeta, ainda me demorei escutando o marulhar merencorio da cachoeira, coberto com o manto escuro da noute. Ouvi a nenia dos nossos sonhos desferida pelo harmonioso teclado do teu piano nas phantasias loucas de tuas mãos artisticas. A luz dos candelabros projectava o teu porte no espelho da alcova e eu te ouvia e te via.

Teu cantar era o appello choroso ao astro benedicto da saudade, a recordação innocente dos preludios angelicos de um amor, que a ingenuidade te inspirou, como a florescencia de uma concepção ideal, que a mocidade aspira sempre. Deviam ser assim os balbucios dos amantes, que os preconceitos distanciam.

Retirei-me para o meu modesto albergue.

As lufadas das ventanias desfolhavam as rosas e o jardim derramava ondulações de perfumes, como um clamor delicado contra o impeto dos ventos. Já não havia a serenidade e até Deus gesticulava dos céos pelos traços do relampago e pelo vozear dos furacões.

Lembras-te d'essa mutação que foi o presagio de nosso infortunio? Não, quero apenas contar-te de leve os pensamentos, que me inspirou o tempo de nosso amor, quero ser a memoria d'essa idade feliz recordando e não, um convite ao teu pranto, fazendo-te chorar...

Foi por uma manhã de Agosto, o mez das festas e dos sonhos, a kalenda poetica da natureza.

Nas cumiadas das serras da nossa aldêa cantavam os passaros, o orvalho cahia nas petalas dos lyrios, tu dormias no madrugada dos devaneios, sonhando comigo e eu chorava nos momentos da partida.

A estrada onde juntos corriamos atraz das borboletas jazia envolvida n'um lençol de nevoas, como um burgo allemão e eu esperava que o sol illuminasse a cachoeira para dizer o ultimo adeus ao nosso berço da vida, ao nosso scenario de amores.

Tinha a alma suffocada pela dôr, os olhos escuros pelo pranto e em vez do ramo agreste trazia o bordão do peregrino, como o saboyardo.

Não prolonguei as sensações da despedida, parti...

Como é doloroso um adeus!

A alma parece que nos foge do corpo, o qual se ressenete de uma frieza intolerante; o pranto rebenta, porque é a explosão de um sentimento intimo e o contacto dos corpos, na mudez sublime de um abraço, envolve uma synthese de admiravel angustia.

Parti para sempre, para não mais te vêr!

Teu cão me acompanhou, corria, escarvava a terra, vinha lamber as pegadas do camiuheiro e depois agitava os cabellos de sua cauda, que parecia frocos de seda; agradecei ao animal o carinho de seu instincto com o pranto que o coração fez os olhos destillarem.

\* \* \*

Correram-se os tempos e eu pensava em ti, como o hebreu no astro, que lhe fosse pharol para a Canaan promettida.

Disseram-me que os livros podiam regenerar a queda de meo espirito mergulhado na dedicação reciproca de nossos seres, e como o moço da lenda do Gøthe busquei a verdade das sentenças no grande theatro da antiguidade.

Quando o cysne de Mantua abria as azas brilhantes do genio primitivo e sobre o lago tranquillo do lyrismo de então espadanava os aljofares, que o talento transformava em hymnos: eu te idealisava entre as imagens flacidas do Olympo, que o pastor divino invocava em pról de sua dilecta Ausonia.

Nas horas calmas da sesta, quando a voluptuosidade pagã ia se acquiescer sob as sombras dos bosques e escutar os estalidos da cigarra ana-creontica, quando os genios folgazões dos velhos

trovadores se agrupavam formando os dançados lubricos e as moças concertavam as flôres do triclinio para as festas innocentes dos serões: eu te via, entre aquelle côro das nayades, sorrindo as auras vispertas e segredando com as divindades do lar.

Via-te como a visão subtil das musas diaphanas, cinseladas nos marmores e molduradas nos vasos finos pelo buril, que gravava as scenas do tempo e pela palheta dos pintores, que faziam da arte o alphabeto do talento.

Se o character brincalhão da senectude me passava pelos olhos nos galanteios humoristicos, que o velho Venusino concebia para ensinar pelo ridiculo a moralidade da epocha: tu lhe sorrias a meu vêr, como a menina de Virgilio, brincavas-lhe com os anneis alvacentos e eras-lhe inspiração na sua cruzada comica.

Quando as filhas de Athenas balbuciavam os versos do magnanimo cego de Chios e iam buscar a immortalidade da belleza nas officinas da arte, a qual tendia a realisar o ideal da sciencia do gosto na perfeição dos contornos e no brilhantismo classico das fórmas: então me parecias sentada no throno do genio e o Deus do bello jorrava o fogo, a luz e a concepção na intelligencia dos mestres para que elles te esculpisssem como o ideal supremo da perfeição e os crentes do grande culto te endeosassem nas aras do divino templo.

Mais tarde as evoluções do espirito foram se effe-

ctuando paulatinamente e o crisol da intelligencia ia rareando aquillo que o positivismo me obrigava a aceitar.

O pensamento, como as andorinhas que transmigram em busca de uma primavera eterna, transmigrou do grande berço das eras primitivas ouvindo as melodias do Illyssus, os cantos bachicos dos convivas da Messalina, os prazeres rudes do decrepito Occidente para contemplar os brilhos multicôres das geleiras do Septentrião.

Ahi elle recreou-se na suavidade dos prodigios da imaginação e erigio o vôo, como a aguia de nossas cordilheiras, para melhor estudar os lances do drama social nos symbolos de cada idéa. nos cenaculos de cada seita.

Diziam os antigos: rasgai o véo das idades e tereis a nossa historia nas dobras sinuosas do mysterio, que é a incognita do nosso grande problema.

Os povos do norte respondiam ao observador na sua voz collectiva: sêde a luz, trazei o facho e as nevoas espessas de nossas balladas fugirão aos assomos dos esplendores para lerdos.... além dos pinaculos de nosso paiz.... uma legenda original e no seio de nosso povo um conto de maravilhas, como as tradições inverosimeis dos povos transgangeticos.

Entre os arabescos e as louçanias de uma architectura caprichosa destacavam-se os coruchéos dos paços senhoris e as torres ennegrecidas, como



abutres, pareciam traços permanentes que cortam o azul dos céos. Ahi dormitavam no morno regalo de um silencio cenobitico os louros amantes da melancholia, que segredavam com as alcatifas dos paineis de Alberto Durer, cantavam na harpa sombria dos ventos os lirysmos de Haendel e Bach, liam ao clarão das noutes humidas os idyllios dos cavalheiros e a litteratura pueril da natureza nos versos de Gesner.

Tinham a intelligencia circumdada do grande cahos da abstracção e em doce quietez ouviam as corridas festivas das ondinas, que bailavam na flux dos rios e, como a sereia do mythicismo, contavam uma historia de sombras e luzes, de dôres e risos pelo interprete dos cancioneiros, que eram as fórmas hymnicas da lenda.

Os sentimentos de uma infinita solidão, os craneos dos pensadores ramificam-nos na profundeza dos grandes problemas sociaes e ahi, entre essa fileira enorme de apóstolos do grande fiat das sociedades, elles vão propagando a fraternisação dos seres e pensando o amor pelo grande laço que deve atar o conjuncto dos homens. Das alamedas risonhas de Weimar sahio a voz eloquente de seu maior propheta; do meio dos lagos bonitos e das montanhas cobertas dos gelos eternos appareceu o louro bardo dimanando poemas e chispas de genio, tão lucidas, tão elevadas como as cabeças esbranquiçadas do Yung-frau.

Quero fallar-te da Allemanha, esse paiz que conhe-

ces pela intelligencia e cujas inspirações reproduzes nas teclas ligeiras do piano, tendo Bethowen como a apresentação do bello n'esse povo excêntrico e Auerbach, o novellista do lar.

Bethowen, o genio celeste que deixou sobre a terra os canticos errantes de um grande poema, é o teu sacerdote no templo de Erato, assim como Gluk, a musa sombria do sentimento, é o meu som predilecto nas horas de desespero. O grande mestre ensina-te a cantar, a derramar hymnos sobre a vida e o obscuro maestro, o typo nebuloso da arte germanica, ensina-me a chorar sobre as paginas tristes do merencorio romance de que o destino me fez heróe.

Foi estudando, foi na luta dispar entre o espirito rebelde e a saudade pungente, no declinar dos annos sem ventura, que tua imagem me surgia a cada passo, como as ficções graciosas de uma alma timorata ou de um cerebro embriagado. Rindo, se a idéa era bella, o enredo vaporoso de um sonho ao luar. tragica se dominava a paixão e humoristica se eu queria empanar a luz como o insecto, e prender o ar como a heroina de Scribe; mas sempre minha companheira, visão constante que tantas vezes abençoei.

No estudo, esquecido do mundo, entre as toscas paredes de uma camara obscura, ás projecções desmaianteis de uma luz bruxoleante parecia-me ouvir a tua voz argentina desferindo amores sob o docel de um céu escuro ao som das guitarras dos cam-

ponezes do Rheno, das tibias dos pastores do Danubio e no concerto febril dos menessingers, como os sylphos das lendas.

Eras uma estrophe de ballada, que a cabeça concebe, mas que a intelligencia não descreve.

Quando os cyclopes cavalheirescos corriam as justas nos atrios espaçosos dos castellos e a multidão infrene atirava rosas sobre os gladiadores, eu te destacava entre as moçoilas, que representam o fresco imaginoso das pinturas teonicas, como a rainha eleita dos combatentes na liça amorosa.

Era um novo preludio, para os meus sonhos de moço, o ter-te gravado no pensamento, a unica liberdade do homem, que só se sujeita á razão !

Eu te chamava Eleonora, quando via as esperanças fugirem e a illusão de moço se realizar n'uma inesperada contradicção: era um preito aos amores infaustos de um grande poeta. Beatrice, quando a manhã da vida se apresentava envolta nos negrumes dos dissabores e no amargo das experiencias: era uma saudação a um infortunio homerico. Margarida, quando te via entre as tenues pétalas das *vergiss-mein-nicht* do idealismo e pensava na contrariedade do espirito querendo abranger a concepção divina: era a lembrança da victima do orgulho. Julieta, quando via as opalas do infinito luzirem na tona d'agua e os ventos sacudirem as espumas do mar: era a admiração pelos amores da mocidade. Adriana,

quando sentia a intelligenciã querer ir além, desfazer o impossivel, sonhar idyllios sobre um leito de fogo : era uma lembrança d'aquelle rapaz, que morreu chorando pelas bellezas caracteristicas da bohemia !

Quando a luz bate sobre a cabeça sonhadora da mocidade, ella recebe o choque das grandes idéas e gesticula para o infinito, como as oscillações enormes do oceano, que a tormenta fustiga as espaduas.

Amar é o nosso dithyrambo, sonhar o nosso apostolado e cantar, viver para expirarmos nos labios de uma mulher ideal, como as notas de um alegre : eis o nosso romance na juventude da vida. A intelligencia, esse espelho invisivel, onde se estampam as imagens, que o mundo externo imprime pelas percepções, expressa e elucida pela palavra aquillo que os phenomenos sensiveis lhe fazem saber. E' ella, pois, quem nos anima e conduz para o paiz mysterioso dos sonhos doirados, onde vamos peregrinos buscar o anjo luminoso de nossas bellas vigalias, como a abelha que busca o perfume no polen das flôres.

Para uns o mysterio se faz luz e elles contemplam os resplendores fascinantes de uma ventura que inebria. São os felizes do mundo, os filhos abençoados da fortuna, a quem é dado estreitar nos braços a cintura elegante da mulher, que a inspiração encontrou nas lindas noutes de um devaneio.

Elles sonham, cantam, riem, thuribulam os altares do templo, recebem os hosannas do grande concerto, onde tumultua o som voluptuoso das canções amorosas, chamam-se D. Juan, Lovelace, Faublas.... e porisso vivem sem conhecer o amargor de uma só lagrima, vivem felizes.... a esterilidade da embriaguez não lhes desperta commoções.

Para outros a mesa dos convívios está deserta. Encontram lampadas opacas que brilham mortuariamente e a gargalhada imbecil dos venturosos. São outros tantos martyres, que a lei do coração estortega nos cilícios de uma dôr incognita e nos arremessos do pungente infortunio do poeta biblico.

Pobres seres.... despertam ao impulso dos genios do mal, marcham sobre as urzes da estrada, trazem mundos de ventura na cabeça e o manto dos miseraveis sobre os membros descarnados; quando querem fazer erupção para disseminar lavas de luz o mundo chama-os doudos, inconscientes e qualifica-os com o pregão da ironia.

Em lugar do *frac* da moda vestem andrajos, essa tunica esqualida dos Nessus sem ventura; em vez das libações do vinho e dos aromas das iguarias dos festins, bebem lagrimas e comem o pão da caridade. A mulher, para elles, não é uma porção do infinito, como classifica Weil: é um atomo do egoismo humano, a vaidade endeosada. Não lhes dão coches para a peregrinação no outro

mundo, atiram-lhes o corpo sobre o nojento es-  
quife e numeram a valla, onde sepultaram a in-  
telligencia infeliz e a miseria que soffreu!!

Não vivem, a natureza empresta-lhes uma exis-  
tencia ficticia para destacarem-se dos outros entes,  
como sombras do fundo de seu gigantesco painel.

São os precitos que nunca tiveram risos da  
mulher a quem amaram. nem ouviram as canti-  
lenas da matina nos fofos travesseiros da ociosi-  
dade. Morrem como os heróes da tragedia, a des-  
graça ergue-lhes o patibulo na vasta esphera da  
sociedade, onde se enforcam como Werner, o  
poeta embriagado, suicidam-se como o amante de  
Lady Bell e succumbem nos hospitaes. como Mo-  
reau. Os seus arreboes, são como as auroras  
polares, somem-se depressa; porque os Cresus do  
seculo, mais disformes que o rei Midas, antipodas  
da honestidade obscura, vão no leilão dos precon-  
ecitos lançar curo, muito ouro sobre a felici-  
dade, que assomou ao longe a grande turba dos  
infelizes.

O egoismo é quem precipita, porque é o assa-  
sino dos bellos caracteres e o braço fatal, que  
venda os olhos das aguias para que estas ras-  
tejem nas trévas, como os reptis, com medo de  
verem condores devassando os espaços e libran-  
do-se muito alto.

Amam a noute, quando o relampago desdobra-se  
no immenso zimbório, porque podem transitar  
como sombras phantasticas e o clarão lugubre das

constellações não lhes jorrará o raio indiscreto, que lhes illumine a figura macilenta. Vivem em um dialogo perpetuo com um ser ideal, uma figura de virgem que traz uma aureola na cabeça; ella falla-lhes n'alma pelos sons da harpa dos sentimentos e esvoaça-lhes como o fumo sobre o ramo, que o fogo derrêa: é a loira noiva dos sonhadores, o anjo bom dos infelizes, chama-se.. poesia.

Desculpa esses brados dos infelizes, são os únicos psalmos que os podem alliviar. Quando o mundo cerra os balcões e o infinito negreja os espaços só restam vozes para clamarem, tempestades para sumirem a colera celeste. O Creator deu a tudo um appêllo para se oppor aos grandes transes. Assim... lagrimeja a manhã como uma supplica ao raio que tombou o cedro, canta o passaro como um hymno ao tufão que uiva ao longe, os prados derramam a olencia das flôres as fortes rajadas do vento sul e o homem chora, descrê e se irrita contra os impetos da sorte.

\* \* \*

Mas... não peregrinemos mais por esta via dolorosa.

A noute vai humida e o nosso monologo não se inspira no riso luxuriante dos astros, elles se escondem e as trévas são o unico testemunho da nossa sinceridade. Os espiritos que procuram es-

conder a perola das lagrimas e passarem ignorados, fogem do mundo e andam como aves da noute, procurando as ruinas para ahi chorarem á vontade, se ha tanta eloquencia na mudez evangelica do soffrimento.

Ja te lembrei aos poucos as paginas d'esse romance angelico do qual foste a musa, a concepção; mostrei-te as flôres do modesto *atelier* onde o amor embrenhava os personagens; corremos em mundos desconhecidos nas azas da imaginação, ouviste idyllios, leste versos agora... corramos ao epilogo, o periodo das sensações, porque é a realidade de nossas vidas.

Lembras-te do passado.

Oh! Elle se chama saudade e é como a hydra renasce, aviva e punge.

Tu és o anjo mulher, és Elôa!

Eu sou o judéo errante do infortanio!

Elôa, escuta o Ashaverus:

— Onde a corôa do futuro que entreguei-te?

Responde ao peregrino cujo amor mentiste.

— Calquei-a no orgulho dos meus dezoito annos!

— Onde está essa affeição que me juraste?

Limpa a fluencia de teu pranto, nos frouxos novellos do cabello, como a mulher compungida do Calvario e diz:

— Esqueci-a nas viravoltas de uma polka que endoidece, e as mínhas juras, uma vontade estranha quebrou-as ante as luminarias do ouro e as galas d'um pergaminho!



Basta! Desculpa ao infeliz que não sabe suffocar a indignação nem mentir os anseios da alma!!!

E' horrivel vêr-se a illusão dos primeiros annos desfazerem-se.

A idade busca remontar obstaculos, romper a tunica do infinito e fallar com Deus, os sonhos do alvorecer não são o reflexo pallido das obras do Creador, tornam-se o gargalhar de Satan, que se turbilhona aos ouvidos dos Tantalos e os risos, que o sentimento faz brotar, irónicos fragmentos de dôr, que passam errantes pela fról dos labios.

Mal sabes o que é essa expressão prosaica, que se diz realidade; a mulher não a comprehende, só o homem pôde defini-la: é sopitar com o gelo da desventura os reboliços volcanicos do coração, a luta das aspirações infinitas com a contingencia miseravel, o sacrificio da Niobe antiga, o leito de Procusto e o adeus eterno!

Agora deixa passar o prestito das illusões para o grande cemiterio do positivismo, não chores! De que serve o sentimento para ti!

Elle é a consolação dos infelizes e não pôde ser um luxo demais para os que gosam. Não evoques esse galardão sublime das grandes virtudes, porque teu filho pôde levantar-se do berço angelical, ser o ingenuo testemunho de tua mentira e pôde vêr as ancias offegantes de teu seio morrerem entre os rendados bonitos do teu vestido de velludo. Escuta o epilogo e vai dormir

ao lado de teu amor de mãe, tens uma affeição mais divina, mais ardente, porque Deus se renovou em uma creatura.

Uma vontade estranha quebrou as tuas juras, mentio o teu ideal ante as luminarias do ouro e as galas de um brasão!

Tanto cynismo entorpeceu a tua mocidade festiva, que jaculava idéas generosas; o ignominioso afan nodou o teu livro branco, que esperava os cantos do poeta para receber o hymno gentil do hymeneo dos sonhadores e a prepotencia brutal contrariou as vocações, que a natureza moldurou pelas relações intimas!

Tens razão! O seculo hoje é o grande reflector do egoismo humano e o seu mecanismo soffre o choque do poderoso metal para pôr em acção os seus orgãos. A theoria dos visionarios vai abrindo terreno e a lei dos Mirés propaga-se como um credo abençoado.

Maldição para aquelles que, sentindo alguma cousa de divino no cerebro, forem descontar os arrojos de talento sob os pedestaes lusentes de uma mulher que respira ouro e perolas; mais vale a loucura do Tasso e a miseria do amante de Natercia do que o gaudio e a opulencia prosaica dos levitas do milhão.

A mulher, a quem o homem imprime o beijo da crença nas oblações do sentimento, é a musa, é a poesia contornada de fórma moveis dictando um evangelho; mas as rainhas de Sabá, cujas sen-

sações repercutem como o tinir da moeda, cuja cabeça vasia de ideal, ambiciona um leito de incenso e uma cortina de opalas, esta é a estatueta que a materia venera!

A qual d'ellas te deves equiparar? Não me respondas...

A natureza criou-te para o genio do homem que se inspirasse em ti, mas a convicção energumena da toleima preferio vêr-te atada ao poste do sensualismo pelas pulseiras de brilhantes, transida de pêjo como a Venus pudica, a te contemplar com a capella dos genios, rainha pela belleza, deusa pela intelligencia.

Mas que importa o que dizem os infelizes se seu blasphemar não é mais do que uma pequena pausa na melodia do grande concerto! Ouve sempre os soffrimentos dos outros e guarda-os no sacrario de teu peito, como as flôres guardam as gottas do rocio no involucro das petalas. A vida e longa e tu remoças cada dia o teu levante ao passo que desço, como a gradação do thermometro, sem ter conhecido o prazer de uma alvorada. Entre nós existem os preconceitos, para ti, homenagem dos homens, para mim o riso dos nescios e a obscuridade.

O destino separou-nos!

. . . . .  
Amei-te muito. Fugiste e deixaste deserto o meu peito, hoje te venero porque és o idolo de teu filho e eu um crente afugentado das aras. Per-

dôa-me, eu queria dizer-te nas paginas do nosso livro. « E's a rosa pallida de Sião fugida do yime para harmonisar-me os sentidos; a bella oriental da religião de Talmud, com seu gorro de velludo azul e o collar de onyx para incendiar-me as faculdades, uma poesia elegante nas fórmulas de fada para fechar a apotheose de uma historia alegre. »

Sonhava rematar a nossa novella ao teu lado, entre as roseiras do nosso patrio rio, mas morreu a inspiração e o enredo fechou-se em meio de nossas lagrimas.

Vês? Tudo chora em torno a nós, semelhamos aos amantes de um poema doloroso.

As neblinas cahem em molle arqueação e se coloream aos raios que o sol lhes derrama no seu aureo tremeluzir. As nevoas entumescem as polpas dos lyrios, as geadas enlaçam os montes e Deus vai abrir o cortinado brumoso das espheras.

Adeus! Só me restam lagrimas para orvalhar o jazigo das minhas mortas esperanças e o laurel do infortunio para depôr junto ao cruxifixo, que adorna o teu thalamo feliz.

E' a oblação da amizade á memoria de um anjo!

Sê feliz e não releias esta pagina, que escrevemos juntos, chamava-se outr'ora — *recordação*; hoje o sentimento chama-a — *pagina sem nome*, folha solta no ar, som que se perde em um conjuncto de agonias!

# Página de bitume.

(INSPIRAÇÃO Á PUNHAL).

## I.

Quando te vi pela primeira vez, senti calafrios,  
eras feia a fazer fugir um monge !

Chamavam-te Dorotheá, irrisão !

Teu nome é uma mythologia do que ha de mais  
formidavel, devia ser o titulo de Satan, a voz dos  
ventos da Styge, um appello do inferno, um cog-  
nome diabolico.

Não te amei não... nunca... prefiro enforcar-  
me n'uma figueira como Iscariotes, atravessar uma  
balla no craneo, engolir uma espada como o Goo-  
dison, a receber um teu carinho, um beijo da tua  
boca, um sopro dos teus suspiros.

Quando te ví pela primeira vez, senti calafrios,  
eras feia a fazer fugir um monge.

II.

Dizem que Deus creou o genero humano á sua semelhança. É mentira isto, porque tu te creaste, és unica no genero, não és filha da inspiração e chamam-te Dorotheá !

O amor tem a palheta do artista e o pincel do genio para colorir-lhe os contornos, mas tu... nem a carvão serás pintada... só se algum padre vagabundo te evangelisar por cynismo e o diabo te puzer lanternas, para a gente fugir de ti como o navio ao pharol que indica o penedo.

Meu coração anda damnado, só a palpitar por ti, porque tens alguma cousa de atrahente, como as guelras da cobra quando petisca um sapo.

Fazem-te injustiça os que te acreditam um ser humano... protesto ! És metade demonio, a outra metade pertence ao bicho e mais a uma cousa que não se descreve, porque é o ideal horripilante.

Flamivona catadura, eu te adoro, como a vida ao cadaver.

Por isso és unica no teu genero, não és filha da inspiração e chamam-te Dorotheá !

III.

Dizem que: quando tu nasceste, as feras uiva-

ram de colera por terem uma rival e o mundo inteiro disparou um tiro discorde e estupendo, como o estouro de uma rouqueira de festa.

Os mochos, as aves da noute e os corvos voaram para irem estudar o seu canto de morte na tua energumena figura. Nascias como um modelo do inferno, como um thema indiscriptivel.

O diabo deu tres pinotes e dois saltos mortaes sobre teus cabellos eriçados, como os de Megéra e... d'esses trapezios do abysmo elle esticou as canellas, tonto de tanta monstruosidade.

Os sapos da charneca tangeram os timbales em tua homenagem, ó horror feminino... os urubús correram sinistros, a cauã, essa ave dos infortunios, foi cantar no telhado do vigario da tua freguezia, como toque de rebate na aldêa que arde em fogo.

Riste e roncou a trovoada, gritaste e o raio cahio.

Dizem que : quando tu nasceste, as fêras uivaram de colera por terem uma rival e o mundo inteiro disparou um tiro discorde e estupendo, como o estouro de uma roqueira de festa.

#### IV.

Não tens coração, esse thermometro da sensibilidade... não... como no Apocalypse trazes uma

serpente ao nível da sexta costella e os flancos salientes, como um esqueleto de laboratorio.

Pediram belleza a Belzebut, espirito ao idiotismo, carnes as mumias, risos à morte e virtudes ao condemnado para te fabricarem.

Rompeste de uma officina inconcebivel, a feitiçaria deu-te o movimento e o bruxedo te ensinou a fallar.

Cresceste, filha de Vulcano. Caminhaste e tudo se esterilizou aos toques do teu passo. simile do tropel do cavallo do chefe huno... dançaste, e a casa do baile cahio com um terremoto; os teus pares morreram de congestão; os musicos ficaram sem garganta e os convivas com rheumatismo chronico.

Ah! tu não és mulher... és uma cousa...

Já sei... ó inspirador *eureka*... o cholera, o croup, o arsenico, a lava tu... na tua propria figura... ó mulher, ó soberano contexto de cousas pavorosas!

Não tens coração, esse thermometro da sensibilidade... não... como no Apocalypse trazes uma serpente ao nível da sexta costella e os flancos salientes, como um esqueleto de laboratorio.

V.

Tu não dormes, vagueias; não sonhas, fallas;



não amas, desesperas e és o inverso das mulheres, as feituradas primas do Omnipotente.

A noute, quando todos dormem... pedes animo aos mendigos, forças ao ébrio e na nocturna romaria, figura de fantasma, marchas para o cemiterio.

Mulher vampiro, beijas a ossada dos mortos, mulher phenomeno, bebes lagrimas no craneo d'aquelles que te amaram e, como as comparsas das saturnaes, ri-te ante as tumbas da virgindade e os catafalcos da innocencia, que dorme no leito da eternidade.

Depois... seguras o *femur* do proletario que atiraram na valla commum, pedes forças a noute, bebes absyntho no teu cantil e arrombas a lage que cobre o homem que te odiou, para lhe cuspires nas feições putrefactas... cospes no cadaver que os vermes disputam e passas cantando uma ode bachanal pelas alamedas dos cyprestes e dos sarcophagos, que te fazem côro com as ramas, e foges ao grito da coruja.

Os ventos, na impetuosa rajada, apagam a luz do portão e o esqueleto, que lhe serve de emblema funerario, parece bater palmas dando-te as —boas noutes!

Soltas uma gargalhada e foges e corres, como um sonho máo ante a surpresa da felicidade, a vida ante as lufadas da morte, a morte ante o acenar dos anjos de Deus.

Tu não dormes, vagueias ; não sonhas, fallas ;

não amas, desesperas e és o inverso das mulheres, as feituraz primas do Omnipotente.

VI.

Ao madrugar quando as virgens scismam e as fôres se abrem, tu mordes as pomas para esterilisar o succo materno, arrancas os cabellos, como a loucura rebelde e bebes alcool, como quem bebe o suicidio no veneno, como quem beija a vida e engole uma pilula.

Inclinas a fronte sobre os orificios da caveira de um conego, beijas a região frontal do fallecido reverendo, derramas-lhes perfumes de enxofre nos osseos tecidos e depois a apertas contra o descarnado seio, como um amigo que a saudade te deparou.

Em seguida vais á fonte mirar-te na lisura do tanque e os *lambarys* morrem ao teu aspectto, como se tomassem um lanchante de *timbó*; os bagres alapardam-se entre as cavernas do rochedo e os *mandins*, esses pifanos da orchestra piscina, fazem um berreiro como meninos de escola em dias de suéto.

As mariposas, vollitando em torno a ti, torcem-se de dôres e morrem, como no fetido da fogueira de jornaes velhos em casa mal assombrada, e os mosquitos se asphyxiam, como se sentissem cheiro de chifre queimado no incommodo nariz.

Banhas a face mortifera, como uma metralhadora de carne, e a agua referve, como na camara balnearia, e as pedras deslocam-se e uma vermelhidão terrivel tinge as gottas do crystalino nectar, como um darthro tinge as ventas de qualquer sugeito e o carmin as bochechas das actrizes no theatro nacional.

Sentas-te na columna de pedra, que moldura a quéda do arroio, e uma nuvem de morcegos dispara do bananal, gritando, sacudindo as azas e prodigalisando-te carinhos e beijos loucos.

Não amas a noute porque és a luz do Averno; não amas a alvorada porque és a tréva das desillusões.

Ao madrugar quando as virgens scismam e as flôres se abrem, tu mordes as pomas para esterilisar o succo materno, arrancas os cabellos, como a loucura rebelde e bebes alcool como quem bebe o suicidio no veneno, como quem beija a vida e engole uma pilulá.

## VII.

Os teus amores chamam-se fatalidade, o teu romance uma historia assombrosa, teu ideal um absurdo, que unido ao teu nome facinoroso é uma pillheria medonha, como um tremor de terra e faz eriçar o pêllo, como um naufragio, como uma vaia em caloiros.

Eu bem sei que tu não gostas de mim, mas, em paga eu te adoro como o Capeta a cruz; Ma-foma ao toucinho, a lavadeira aos tres mezes de ferias e o *vinagre* as letras vencidas.

No dia em que penso no teu amor fico constipado, perco o appetite e só desejo fallar com os meus amigos aos bofetões e quebrar o *occiput* a sopapos, a martello, porque tua paixão é mais fatal do que um *cadaver* (em gripho), mais incalficante do que uma sabbatina de taboada.

Teu romance, oh! monstro, foi escripto com o sangue de dous irmãos, tres primos, quatro tios, dous alferes de permanentes e um tenente da guarda nacional; por isso elle é de tão temivel estatistica, como um processo em que entram duzentas testemunhas, das quaes cento e sete escapiram e vinte e tres morreram afogadas na enchente da Varzea.

Um dia, quando a immortalidade chamar a gente, que dorme, pelos tubos de seu ophleide pavoroso, verás como foste má e os demonios vermelhos jogarão a *cabra-céga* contigo no valle de Josaphat, como a rapaziada brinca nos dias de correio á noute.

Então... ah!... então heide arrebentar o collete e as braguilhas das calças para me rir á vontade. Tenho certeza que serei dos eleitos por ter olhado, ter soffrido dos callos e te ter fallado.

Minha pasmosa perdição, escuta este meu idyllo innocente, tu que és uma Beatrice de vidraça,

uma Julieta de *cumbuca*, uma Cleopatra de chale e de tamancos do Minho, uma Eloá de chinellos, uma Dulcinéa de fogão e... tudo isto, todas estas e alguma cousa mais.

Adeus, meu anhelos de concepções formidaveis, ri, chora, batuca e pinta o padre, que eu farei o mesmo lembrando-me de ti.

Não quero mais graças contigo.

Quando me constar que tu gostas de mim... olha bem... perco a trasmontana e vou enfor-car-me no lampeão da esquina, porque és o demonio e o diabo tenta.

Os teus amores chamam-se fatalidade, o teu romance uma historia assombrosa, teu ideal um absurdo, que unido ao teu nome fascinoroso é uma pilheria medonha, como um tremor de terra e faz eriçar o pêllo, como um naufragio, como uma vaia em caloiros.



## DEPOIS DO BAILE.

Não se dançava, mas respirava-se uma atmosphera de aromas e o halito divino das mulheres, que rescendia fragancias, como uma balsa de violetas.

O piano, sphinge do salão, repousava sobre um tapete azul esperando que as walsas de Godoffroy e os grupilhos de Gottschalk lhes dispartassem a modorra.

Ao redor das paredes enfeitadas com os primores da arte flamenga, estavam dispersas as bellas manifestações do ideal, umas filhas loiras da ballada-runica, umas languidas moçoilas de Murillo, uns anjos terrestres de Deus, vividas encarnações da belleza plastica.

As estatuetas de Giacometti, os effluvios de risos angelicaes, o relevo dos marmores e os pingentes bordados dos candelabros davam á sala

um *que* de oriental, de infinito, de sonhos, de velludo, de... sala de baile.

D'entre as dobras dos cortinados brancos desciam uns ramos tricoloreados de luz; pareciam fogos errantes em noutes de luar. estrellas rubras, azues, roxas entre lenções de gaza, entre turbilhões de nevoas, eram como que lentejoulas de uma tunica de damasco.

Alli vivia-se pelo espirito, mirava-se a encarnação da belleza suprema em uma festa dos olhos, fazia-se versos de amor e lia-se versos ideaes em cada poesia, que se sentava nos estufos do *fauteuil*.

Era um quadro allemão, porque não tinha as espumas do mar, mas ondas fluctuantes de seda; uma allegoria da renascença, porque umas serpentes de azeviche, uns frocos de ouro e uns prismas iriantes molduravam cada concepção, cada physionomia, cada perfil de *utelyer*.

Admirava a gente de ver uma galeria esplendida, um impossivel, um complexo de melodias, uns sons de harpa nos arreboés de Agosto...

\* \* \*

De repente bateram palmas e começou o baile das flôres animadas, como o dançado das ondinas nas telas teonicas.

A walsa fogosa de Godeffroy produzio os effei-



tos do *fiat* biblico e tudo se animou na strophe do maestro.

As teclas moviam-se sob uns dedos pequeninos como notas de musica, e um requembro languido, elegante e flascido, e um arroubo divino, bello; e um infinito de sensações alegres, de percepções admiraveis volteavam, corriam, galopavam e tremiam, como um ai de felicidade entre as venturas de uma jura.

Quanto peito não bateu nos meneios dos glissés, quantos pésinhos não receberam beijos de ternura, quantas auras não escutaram os murmúrios de um grande poema?

Eu vos via, filhas' mimosas da paixão!

Os braços enervados, como a arqueação de uma petala, os olhos derramando fachos de luz, os labios enrubicados como a rosa, que a viração balaouça e os corpos de fada tumultuando nas viravoltas da dança, como cysnes que brincam no rodomoinho do lago.

Cada som, que se perdia no bulicio ruidoso do folguedo, era cada suspiro que se exhalava entre o<sup>o</sup> turbilhão, cada perfume dos seios que se evaporava entre as ondulações do luzido saráo.

Borboletas gentis das manhãs alegres.

Abrieis as azas de opala ao leque perfumoso e elle tremia, como o arfar dos seios nevados de que era véo e anceava entre as mãos ao calor de um beijo, como as azas da garça que se espadana na lagôa.

Sorrieis, e a olente evaporação do sandalo embalsamava as confissões amorosas dos vinte annos; ereis as pythonissas que procuravam o incognito das aspirações humanas nos faustos e nas febres loucas das choréas pagãs.

Tinheis todas as corôas das musas, e a anti-guidade no simples desfazer de seus mysterios, se agrupava entre vós, como o grupo folgazão das tres irmãs das odes primitivas.

Ereis a loucura da mocidade, o dythirambo de um poema intimo, ficções de um sonho ardente, loiras concepções de um ideal pueril.

\* \* \*

Quando serenou-se o torvelinho do prazer e os sons desmaiantes reboavam pelas naves alcatifadas, como o murmúrio longinquo de um adeus entre risos, restava no pó da sala uma rosa branca pisada e emmurchecida. Talvez fosse a almofada para algum anjo pousar os bicos da botina verde!

Pobre flôr, sentiste a lagrima fresca do sereno entre os reflexos do crepusculo, idealisaste nevar as pêlpas na alvorada em extasis de poesia, trocar osculações com o colibry, aromas com a abelha e... a loucura de um amor vertiginoso colheu-te quando dimanavas vida e frescor!

Uma moça bonita, como uma mulher de Lacroix, cujas madeixas semelhavam um raio de sol, cujos seios um primor de porcellana e cujo todo era uma figura de Pradier procurava attonita... não sei se o lencinho de cambraia ou o madrigal de algum cancionero?

Olhava, erguia o collo de pomba, retrahia-se e postava-se em elegante seriedade, como a fada da novella arabe, que buscava thesouros nos abysmos.

O collo arquejava no estremecer da contrariedade, como a corda da lyra, que solta o ultimo harpejo; as mãos amarrotavam as luvas brancas mostrando de relance o brilho esplendoroso das pulseiras, e o pé, uma sombra de voluptuosidade batia trememente em nervosa agitação, como o enunciado de um arrufo entre amantes, ou a queda de uma fonte de marmore.

Alguem apanhou a flôr e guardou-a na carteira, esperando lêr-lhe nas petalas myrradas um esboço de romance, ou quiçá, o convite para uma serenata sob os postigos de um gradil de bronze.

Ella acompanhou com os olhos lacrimantes a flôr, que antes tinha escutado o offegar de sua alma entre os seios e as rendas do vestido, e uma mão indiscreta fez jorrar perolas humidas de seus olhos travessos, como uma cantiga andaluza.

Pediram uma sacerdotisa para cantar um threno no instrumento de Thalberg e ella foi a musa eleita para interpretar os hymnos da opera; a belleza ia-se mostrar uma encarnação artistica.

Deram-lhe a — *Traviata* — e ella disse :

— Morreu tísica, amou muito e não quiz viver.

Apresentaram-lhe o *Faust* e ella respondeu :

— Não, o amante vendeu-se ao diabo para vêr Margarida.

Gunod fez do galant uma caricatura.

Deram-lhe a *Norma* e ella fallou :

— Não sei exprimir o amor de mãe, porque algum Irmensul pôde atrapalhar o compasso!

Mostraram-lhe a aria da *Favorita* e ella rio-se :

— Esta obrigou Fernando a ser frade!

Um volumoso barão passou-lhe *Luisa Miller* :

— Deus me livre, a tragedia é muito triste e aqui os amantes envenenam-se.

Dêm-me Campano, Gluk, Goria ou...

— Aqui tem Riccio — *Ultima rosa do verão*, os amores de Maria Stuart, uma apothese!

— Ultimo canto do cysne, pobre rosa do verão! Disse gravemente ao cavalheiro que guardára a flôr e cantou.

Ballada simples, limpida, transparente e de suave fluidez nas harmonias, parecia mostrar em cada nota o preludio de um beijo na voluptuosidade de dous amores infelizes; depois vai-se tornando grave, austera e parece que se vê no fundo da musica uma alma infeliz e a melancolia a cobrir-se com um véo.

Todos estavam presos áquelle perfil magnanimo, que animava o canto de Riccio.

Quinze annos, belleza esthetica, alma de artista

e sentimentos românticos, eis a aspiração da mocidade, a deusa dos sonhos, a rainha da intelligencia... e ella o era.

O ultimo jaculo sobre o piano foi o ultimo momento de spasma, e d'ahi o delirio, o frenezi, o ave e a veneração!

Fechou o album, fez um gesto de agradecimento e dirigio-se ao guarda da flôr.

— Dê-me a rosa, é uma flôr secca mas uma companheira intima.

O moço satisfez-lhe. Ella contou-me o occorrido entre risos graciosos de duas ordens de jaspe, que lhe serviam de dentes.

Pergantei-lhe a significação do mysterio e prometteu fazel-o no fim do baile; agitou o leque de sandalo e sumio-se entre as outras, como a estrella cadente.

O luar vagava nos sendaes azues, como um globo de luz nas festas do arraial, e as lucidas luzernas do infinito projectavam raios pallidos sobre a pluma dos coqueiros e sobre as ramas odorantes do pomar.

Cahia a gotta do rocio na corola das flôres, e o adejo da viração matinal crispava a face mansa das lagunas.

Eu esperava o fim do sarão, queria ouvir o conto dos labios virginaes d'aquelle luminoso perfil, para poder dormir, sonhando com suas fórmãs e rir-me das ingenuidades de seu innocente segredo.

Acabara-se a festa e ella appareceu-me chorando, Trazia um *bormou* azul os olhos pisados pelo pranto e desespero, os labios enrugados pela colera e o perfil a prumo como a palmeira real; dei-lhe o braço e perguntei-lhe pela flôr; limpou as lagrimas e disse-me baixinho cheia de pudor:

— Era a senha da nossa maçoneria e elle não veio; o ingrato parece que estima o romance de Feuillet acima d'este luar, e de... meu amor. Ingrato!

Pobre coração, que na juventude dos anhelos já começava a soffrer o choque doloroso das sensações.

O' alma sublime, eu dava tudo para te endeosar no altar da dedicação: merecias uma estatua, um livro, uma memoria pela tua fidelidade amorosa.

Delculpa-o, elle não te comprehende, em vez de Feuillet estudava uma objecção para a sabbatina: prefere uma dormideira de dez longas horas a um luar de amores e a carêta queimada do zuavo de seu cachimbo a mais bella visagem de Beatrices.

Antes de deixal-a, conversamos algum tempo, até que ouvi o convite de uma serenata e a voz chorosa de uma viola sertaneja; reparei-lhe na dôr da saudade e despedi-me:

— O luar está bello, boa noute, formosa Julieta.

Apertou-me a mão no tremor de uma eloquente timidez, senti-lhe as luvas humectadas de pranto, e ella disse-me envolta na côr do pejo:

— Adeus, diz-lhe que o luar está italiano e que não se esqueça de Julieta.

Ri-me da boa fé da leitora de Shakspeare e parti...

Fui encontrar Romêo, o pseudonimo de um magnifico bohemio, dormindo entre os molles estrados de um leito galante. Ave, meu divino Romêo, felicissimo! O typico rapaz tinha por companhia no leito o cachimbo, a Biblia em latim, Hoffman em allemão, Renan e uns textos dos apóstolos!!!

Dei-lhe o recado de Julieta e perguntei-lhe que rosa era aquella, se a de Anacreonte, se o symbolo dos Leucastres?

— Qual era o enfeite de um toicinhudo fiambre no pagode do \*\*\*

Abri-lhe a janella, elle protestou que a lua lhe tirava o somno e bradou indignado:

— Acorda-me cedo que a infallibilidade do papa é difficil de sustentar-se, não posso falhar á sabbatina, porque é o meu calorico contra o frio... adeus!

E Romêo dormio até ás nove da manhã!

Vós o conheceis leitora, é bom moço, meio aberração, meio systematico.

Não lhe pergunteis isto, segredo!!!

\*  
\* \*

Dias depois encontrei-me com elle em um outro salão.

Perfumado, enluvado e coberto com o luxo, vi-o de pé, como uma columna dorica por traz do piano, a contar as taboas do tecto e a medir o compasso de Offenbach emquanto todos dançavam; perguntei-lhe o que fazia alli e disse-me gravemente:

— Estou-me divertindo, não me falles em poesia agora, isto é muito sedição, pertence ao folhetim...

— Então...

— Estou vendo se encontro uma relação original entre os dançantes e os soprantes; aquelles padecem dos callos e barateam o bom senso por causa de Offenbach; estes sacrificam os pulmões, ganham dinheiro e comem bem...

— E d'ahi...

— Estou vendo qual fica de melhor partido, e heide chegar a um resultado, para supprir uma deficiencia da physiologia social estabelecida por Balzac!

As mulheres deitavam olhares ternos sobre o seu porte *fashionable*, e elle apenas enrugava a testa e ria-se, como se encontrasse um equivoco no problema originalissimo.

Não dançou toda a noute, bebeu *cognac*, fumou, fallou pouco e retirou-se de madrugada.

Disse-me que ia escrever um *Romance depois do baile*.

Já me leu o manuscripto, e agora anda em busca de um editor, como Colombo a procura do novo mundo.



Se algum leitor ou leitora quizer saber quaes os segredos do moço escriptor, imprimi-lhe o livro que é um primor litterario, não lhe censureis a austeridade de suas opiniões, nem lhe exprobeis o seu afastamento d'entre a sociedade; lêde-o e elle vos dirá na primeira pagina :

« Boa noute ! Quero esboçar o ridiculo das instituições burguezas; acompanhai-me na gargalhada myphistophelica para depois chorardes, o riso é sempre o antecessor do pranto. Sejamos Democrito antes de sermos Belisario. Só desejo ser lido de noute, e por isso envio a cada um que me quizer escutar a saudação nocturna: Boa noute! »

A falla da abertura está um pouco nebulosa; mas desculpai-o, elle é a excentricidade personificada, um typo original.

. . . . .



# SEVERA.

A CARLOS FERREIRA.

Quando eu a vi, senti commoções e evoquei do opulento repertorio do passado as minhas mais bellas illusões. Era uma mulher palpitante e ideal, parecia a recordação de uma festa do espirito.

Os homens rodeavam-na, como satellites a aboboda estrellada, as mulheres olhavam-na com receio e os rapazes adoravam-na, porque ella destacava-se pela originalidade.

Não fallava, não se ria, apenas mordía os labios como para avivar-lhes a rubida petala, abanava o leque trazendo os olhos presos a uma restea do luar, que o vidro verde do caixilho lhe projectava no collo, como o baço clarão da luz electrica nas figuras de Robin.

Quando o piano tremia sob os dedos do artista, as notas volteavam o bando de sons errantes, a melodia do capricho dançava no ar, o prazer do

compasso tripudiava e a alma attonita se punha no extase angelico das santas commoções: ella enrugava a testa como procurando um souho remoto, brandia os olhos divinos para a luz e por seu corpo corria o tremor de um espanto, como o arfar do lago aos beijos da viração.

A quadrilha dormente e galante enleava nas suas ondulações artisticas as bellas manifestações do prazer debaixo do metro choreographico, como o verso envolve na rima o pensamento fecundo do trovador.

Dançava-se, ria-se e a mocidade turbilhonava no prazer innocente, como a chrysalida sobre os perfumes da jarra no canteiro de mármore: ella apenas batia o pé na viravolta de uma marca e corria a vista sobre o grupo em folgaça.

Quando a polka e a valsa deliravam nos divinos retornellos das estrophes de Ardití e o coração saltava no palco dos dançantes, como uma walkiria nas avalanches do norte, ella suspirava e refrescava-se com o leque.

Eu a vi em uma noute harmoniosa, tinha votado a manhã ao tedio, o dia aos pezares e procurava nos ventos da noute hybernal um hausto de ar puro para os suspiros cançados; olhava-a como o sultão a odalisca que lhe promettera amor.

Sua figura entranhara-se tanto nas minhas faculdades, que eu me sentia preso a um fluido agradável, a esse fluido que alegra, perfuma e inspira após o marasmo de um dormir tempestuoso.

Trazia no coração um echo de sua alma, um som de sua voz, na frente as flôres de sua capella e a loucura de um engano mas... quando a fitei de perto minha ambição de moço transformou-se no crepe de uma illusão e foi morrer no ataúde das realidades tristes.

Quiz fallar-lhe... a voz da mulher que se ama é uma divinisação para nós, sua palavra vale uma verdade amorosa, é mais celeste do que os arroubos de uma confissão apaixonada ao som de um hymno festival.

Estendeu-me as mãos trementes e avelludadas, como as azas do passaro. Fiquei immovel á sua frente, no centro dos seus raios mais esplendidos, como o modelo ante as côres do artista.

Sevéra tinha a fascinação nos olhos, era uma imaginação mythica n'aquelle lugar, ella era um somno dourado de sonhos, o mixto do aroma e do arcano.

O homem, que tivesse a ventura de beijar o firmamento de seu collo, contente das delicias nocturnas, pediria a Deus : maldições para o resto dos seres e a convenção : crescentes angelicaes á lua de mel.

Uma *ottomana* carmesim com franjas côr de rosa servia-lhe de throno... que mal ha no fallar-se em throno, quando se esboça uma rainha? Alli estava ella preguiçosamente reclinada, como as cellagens da tarde nos coxins azues, e tinha a sombra incorrecta de um quadro grego, cahida

por traz do seu corpo, como que lhe servindo de cortinas reaes.

Ao seu lado, a veneziana aberta mostrava o lume desmaiante do luar, saudando as constellações que passavam e a savana balbuciando o dueto nocturno com as ondas, no refluxo marinho.

Ella via o epithalamio da natureza na lagrima fresca do céu e nas luzes tristes da terra, amortecidas pelo bafo humido do inverno.

O creador tinha mergulhado o sol nas espumas do mar e levantado a lua nas grimpas da montanha; escutava-se a surdina do infinito....

Sevéra estava alli presa, como o diamante no engaste de ouro e symbolisava uma personificação levantada do livro dos poetas, um raio fugido das zonas romanas.

Do centro dos ondeantes cabellos, embalsamados pelo olor do heliotrópo, surgia-lhe a oval physionomia, como a Taglioni de um circo de astros, no bailado da Opera.

Seu rosto era uma escola, seus traços uma inspiração, a cabeça senhoril, uma téla de estudo, como a filha da religião antiga irrompendo-se perfeita aos ultimos toques do buril pagão.

O collo... alguem dissera : ter roubado ao cysne das legendas gregas o velludo branco, a côr do marmore de Paros; a rosa a côr empalledecida da languida petala para mostrar-se ao genio do homem de espirito, como um principio tentador, guardada celeste de romances intimos.

Os braços eram relevos de perolas, ficções da voluptuosidade, cadeia sublime que enlaça o corpo amigo no ruído suspiroso de uma noite de amores. Um vestido de velludo azul claro com lentejoulas de prata, bordado de flores doirados, cahia-lhe do magico anel da graciosa cintura, formando re-concavos que pareciam bastidores preparados pela moda aos desejos do homem.

Os pés!... oh!... elles resumiam as graças, o delirio, a paixão na pequena structura das botinas verdes enfeitadas com fiores de seda frouxa e terminadas pelo laço gentil de duas borlas de ouro; semelhavam os verdes colibris de Maio em torno á magnolia, eram a loucura e o amor eram... elles mesmos.

Tal se apresentava Sevéra. Como mulher, a perfeição do typo, como arte—uma regra; para os homens um reflexo das joias de Golconda colorido pelas perolas de Vizapur, para mim a poesia lyrica em fórmulas humanas.

Fitou-me, impondo respeito no scintillar de seus bellos olhos, e immobilisou-me a sua frente, como o anachoreta diante da supplica. Eu lia no grupo placido de suas bellezas thesouros de idéas que o pensamento asylava na mobilidade tacita de seus extasis secretos.

Parecia-me dizer na mudez do meu espanto: mulher se és o sol, minha mocidade é o teu raio: se és a rosa, minha intelligencia é o teu perfume: se és o oceano, meu pranto é a tua

gotta : se és a brisa, minha inspiração é o teu sôpro.

Fitou-me mais gravemente com o olhar fatidico da serpente sobre a presa, estatelei-me perante sua magestade divina, e queria lhe dizer : além... muito além... fluctua nas nuvens do firmamento a adoravel figura de Elôa... a encarnação de uma virgem melancolica no páramo immenso... partamos... um mundo de luz e de vapores é o Eden aromal que nos espera, partamos... Ella sorriose de leve, respondendo ao importuno e... com o leque apontou-me uma cadeira a seu lado.

Senti venturas, effluvios, sentia-me em outro mundo, quando ella volveu-se a mim e o turbilhão olente de seus cabellos embriagava minha felicidade : estavamos como nas entrevistas do Capuleto...

Havia a musica, o cantico, a timidez e um pedaço do luar a tremer a agua afogueada do lago, que o tapete representava. Tive momentos de rojar-me humilhado, ao feliz tecido e humedecel-o com meus labios sedentos de beijos, onde descansava a linba curva de seu pé; tornar-me fanatico como o amante de Fanny, o qual até beijava os lençoes em que ella dormira.

Aquelle perfil tranquillo, grave e de magnifica expressão, traduzia alli uma heroina das nevoas do norte aquietada nos salões boreaes do Deus scandinavo. Sua gravidade desmentia a garrulice meridional, e o taciturno enlevo de sua posição



quieta uma falta de natureza na inexplicavel mimica. Não era uma comediante, parecia-o. E' que o salão tem alguma cousa do genio de Plauto, ao lado do espirito de Seneca e... entre o ridiculo da comedia e a sentença do drama na sociedade, existe o que se chama diplomacia.

Mas... não... eu juro, ella não estudára por capricho aquella posição de estatua, algum segredo a fazia assim, algum romance perdido; talvez lesse de fresco a satyra de Molière sobre as mulheres e temesse as ciladas da espirituosa Lenclos ou as intrigas de Mme. de Scarron, a amasia do rei Luiz.

Por isso Sevéra não dançava, não fallava... apenas via e ouvia. Era um typo sem duvida, mas o conjuncto dos encantos feminis tornava-a adoravel; entretinha-se com o leque de marfim cercado pelas felpas do arminho e marchetado de estrellas de ouro: o leque era para ella o instrumento de seus cuidados, como uma lyra de prata era o de Desdemona.

Eu a admirava cada vez mais. No pensamento, na alma e no coração havia uma só imagem,— ella. Eu ao seu lado desejei um cataclysmo ao resto dos sêres, contanto que ella se salvasse desmaiada em meus braços, para dar-lhe vida com o fogo de meus labios.

Em uma volta que deu, para observar alguém, deixou rolar da cabeça seraphica uma rosa meio aberta. Debrucei-me sobre a flôr e senti vertigens

agradáveis ao ver-lhe o pé em fios de seus cabellos. Uma flôr cahida do seu *toilette*, uns fios de sua cabelleira eram mais do que um mundo imaginario, mais do que as maravilhas de um conto arabe, eram um talisman. Senti-me vexado ao apanhar aquella reliquia e guardal-a.

Ella comprehendeu-me... deixou cahir do calice divino de seus labios mornos o sorriso de um disfarce, e com o pé empurrou os filhos esparios de sua elegancia fascinante.

Apanhei-os e guardo-os, como o amante de Francesca guardava-lhe os beijos calidos das adulteras sestas, para recordar-se dos amores malditos.

Um homem acercou-se d'ella, comparsa de apotheoses, descansou o cotovello no encosto da *ottomana*, murmurou-lhe algumas phrases, e ella estremeceu-se como se lhe reboassem aos ouvidos as palavras musicas de um grande thema, de uma ballada celestial.

O galanteador retirára-se encantado, e ella sacudio a cauda do elegante vestido, em cujas franjas argenteas brincavam os reverberos da lua, como phalenas palpitantes em atomos de prata. Pude vêr-lhe no gesto de madona sombras diffusas, misturadas de transparencias phantasticas.

A mão direita em uma dobra da sumptuosa tunica, o braço ao longo do quadril artistico, a outra mão affagando os rutilos do broche de perolas azues, e a cabeça inclinada sobre a ambula do peito; parecia a figura inspirada de Diana

procurando o prazer venatorio na fachada do bosque sagrado, como a secularisou a estatuaría antiga.

Assim ella parecia-me o espectro ironico do suicidio, e de bom grado eu matar-me-hia sobre a alfombra de seus seios, pedindo á immortalidade de bello, o epitaphio para meu tumulo. Como a innocencia olharia a morte sem odio e sem remorsos, jorrando-lhe, na immaculada figura, todo o sangue de minha juventude para o romantismo de seus dias felizes.

Não trocamos até então uma só palavra.

Eu, indifferente para ella, não lhe convidava a boa pratica, como peregrino que o acaso lhe depárá alli. Ella, rainha para mim, não me animava a pedir-lhe um só gesto, um só meneio... junto ao offegante palpitar de seu bello corpo, respirando a ambrosia que exalava de seus suspiros, como a fumaça vaporenta das caçóilas do *narguilé*.

Era triste a minha posição..... figurava um convidado mudo, amarrotava as luvas, mordida os bigodes e... nem um pensamento... só me occorriam o tolo dialogo da ultima hora e a puerilidade do espirito bestialisado diante de uma maravilha indefinida.

Oh! Estupidez, phantasma dos momentos solemnes devias ser a bemaventurança dos cégos e dos cynicos. Por fim chegou o apetecido instante. O coração me impellia, o amor agitava-se indomito para escutar o balbucio suave de uma palavra d'ella.

O piano machinou os primeiros compassos de uma waltza allemã, e a morbidez travessa dos sons magneticos chocava-se no tremor dos seios de Sevéra, que buliam como um convite ás blandicias da dança folgazã.

Oh! Allemão sublime, corpulento individuo, que levaste a vida escrevendo *waltzes* ao lado do cachimbo e da cerveja, philosopho da lyra. Kant da harmonia, quem quer que sejas, recebe um *hosanna* enthusiasmadissimo das minhas bellas impressões, da minha felicidade velocissima.

Ignoro se lhe pedi a waltza.

Nos tremulos bolêros de um engraçado compasso, sentia-a escorregar-se nos *glissés* da dança, suspirar nas pausas metricas e apertar o nitido collo junto ao peito de minha casaca. A alma parecia-lhe voar na perfumada esphera, os labios crispavam-se nos adejos dos divinos suspiros e ella... era como que a immortalidade nos meus braços, a visão do futuro olhando a via lactea das aspirações infinitas.

Noutes delirantes do Rambuillet, lubricos bailados de Sevilha, a mourisca, tarantella vertiginosa das filhas de Veneza: o vosso delirio, extase, amor e a paixão, bocejada nos rithmos palpitan-tes da musica risonha, não valem a waltza magica de Sevéra, o ondular gracioso de seu corpo, o salto de gazella na vira-volta do som, na flexibilidade do compasso.

Ai... não... ella era a criação angelica da

poesia germanica, evadida do crystal dos lagos ridentes, os cabellos em confusão e sacudindo-se á agradável vibração do camponio concertista.

Eu te bemdigó legenda deificada !

Calára-se o piano, ella transpirava de cansaço pela fronte suarenta e eu respirava o aroma magnetico que sahia das cataratas de sua cabeça.

.....

Depois Sevéra disse-me: que sua mocidade tinha a nodoa dos grandes delictos e que o luxo que lhe acobertava o corpo era o véo que tapava as pustulas do vicio. Orphã da familia, fez-se orphã da virtude; em vez da novella de Julieta, abraçou a lenda sombria de Marion de Lormes.

Entre Julieta e Marion mede-se o horror do abysmo; entre Sevéra e meu imaginar eu media o impossivel, por não poder arrancar de sua mocidade brilhante a lama que lhe lançára o alcouce.

Sevéra tem um amante, como eu tenho magoas ao fitar-lhe a sublime visagem, sabidos os periodos de sua historia impudica.

Ella cahira como a estatua da mulher maculada no espanto de minha turbida imaginação; rojou-se das alturas ideaes para o limo da materia execravel e levantou-se d'ahi sobre o poste impuro, que lhe guardára o peccado. Foi o irradiar de uma idéa mortuaria, o lampejo do relampago sobre o lago negro de bitume.

O amante de Sevéra appareceu... era um es-

queleto de Gavarny, figura de Paturôt, que via por um *pince-nez* e ria-se por ver os outros riem-se.

Fitei-a com colera e sahi para a rua... Pouco depois ella passava no donaire de cortezã pelo braço mumico de Lovelace; elle complimentou-me, tartamudeou entre um pigarro de tísico e uma topada de cégo: *boa noute!*

Ella acompanhou-o na despedida.

— Boa noute, *Sevéra*, mataste uma illusão e suffocaste uma crença!

Elles sumiram-se na nevoa e na garôa; ainda escutei as notas do concerto nocturno, da folia dos felizes, que a alegria abrija e a tristeza encerrára.

Foram dormir por certo entre as cambraias seductoras do lupanar, esse leito de gaza e de fogo, onde o remorso nunca pernoitou. Ainda me echôa na alma sua ultima palavra, verdade miseravel, que a luxuria da mulher collocou na tumba das esperanças que nascem.

Contudo eu tenho saudades de *Sevéra*... porque acredito na Biblia e sinto uma lagrima de tristeza e de religiosa abnegação ante Margarida Gauthier e a contricção de Magdalena.

Creio e espero que o *fiat* renascedor do Lazaro christão ainda levante do lodoso involucro as almas sensiveis das mulheres cahidas, esses Lazaros votados á prescripção da honra e do pudor!!

## OS NOIVOS.

Os noivos !

Que coração ha por ahi, que não sinta estremecer-se ante o enunciado d'este substantivo idéa, poesia, romance e felicidade ?

Synthese universal elle é a aspiração, a gloria, o amor e a loucura. Sonho de cada um é o desejo, o canto, a alegria e a meiga esperança dos que aspiram.

Que bonito poema, que perspectiva aromal, que extasis de volupia e languidez na vista de um casal, que vai beber delicias eternas no calix venturoso do hymeneo ?

Preludio de um grande hymno, prologo de um grande livro, canção alegre da alma que se debruça sobre as flôres de uma capella balsamica, nota perdida da felicidade celeste, voz secreta que reboea egoistica entre dois seres, eu vos saúdo nas pessoas risonhas dos noivos !

E ainda ha por ahi quem falle do vinculo con jugal?

Systematicos, vós sustentais o absurdo assim como acreditais no casamento civil, assim como lêdes as Ordenações e idealisaes sujeitar o Digesto a versos rimados.

Mas eu creio e muito no noivado, vós tambem leitora e tu bohemio maganão que encontras tédio na vida, quando abandonas as ferias e vens sujeitar o perfil da mulher nos textos de uma lei e no narcotico de um expositor.

Noivos, sois os bemaventurados de Deus, porque representais a familia, sois as festas, os idyllios e os risos porque ides realizar a ventura na melodia de duas almas.

Eu vos saúdo pois, noivos do passado, do presente, vós noivos em chrysalidas e começo a minha historia.

Estive em umas bôdas...

Entreí tarde, havia reboição na sala, barulho de vozes e gargalhadas estaladas a esmo, tudo me annunciava a festa, o prazer e... os noivos.

A noiva coberta de um rubôr angelical, com os ciliõs tremulos e as olheiras cõr de violeta, parecia um retrato a dois *crayons*. Vestida de branco, com franjas de seda no vestido. como um grupo de avalanches e a cabeça rodeada das flôres symbolicas da igreja dava-lhe um ar de romana dos Cesares fugida das tragedias da litteratura classica. As mãos guardavam folhas de rosas, como



a dryade antiga recebiam o aperto das amigas e distribuiam botões de lorangeira.

Era uma figura divina... ó noivos... e eu ainda solteiro!!!

O noivo alisava o bigode a um canto da sala e de relance mirava a gravata branca no espelho que estava por traz de um candelabro, acariciava a perola do anel nupcial e olhava para os convidados, com cara de um rapaz que entrou em sabbatina sem objecção: estava afflicto por vel-os todos d'alli fóra.

Os noivos amam muito a solidão!

Que bonito par não era a união d'aquellas duas mocidades, que passaria nas doidas imaginações, que anhelos elles sonhariam?

A dona da casa cuidava no bufete, o marido na prosa, os noivos á um canto e os grupos espalhados variavam sobre o thema dos dois. Dizia-se n'um grupo:

— Boa mulher, bonita mas... qual... o marido vai ter felicidade por dias.

— Que sujeito feliz não é aquelle ladrão, ainda hontem ganhou-me na *briga de gallos*.

— O homem está furioso, quer dormir.

— Uma noute de noivado ha de ser superior á sorte grande. Como é feliz aquelle bruto?

— Com que orgulho elle nos olha... olhem só... parece que não andou hontem na serenata com-nosco.

— Deixa-te estar diabo... quando os pequeninos

começarem a berrar e a pular nas pernas verás o bonito.

— Eu cá não me caso...

— E eu só enquanto a madama não quizer.

Um bando de moças fallava :

— Não tenho inveja... olhem como elle tem os pés grandes... aquella barba hade ferir a mulher, Deus me livre de maridos assim.

— Elle parece estúpido, não falla. morde o bigode, aquillo pega no somno antes da prosa... paspalhão.

— Pobre amiga, como vai ser infeliz! O camaphêo do marido é um pachola, tambem só ella podia casar-se com elle, dou parabens a minha fortuna de ainda estar solteira.

— Prefiro ser freira, ou *irmã de caridade* a ligar-me com um homem d'aquelles.

— Maridos assim tenho engeitado aos centos...

— E eu em melhores condições...

— E eu !

— E eu !

— E eu !

— E nós todas !!

Este aparte, arremessado no club do mulherio, foi a apresentação guttural de uma enrugada solteirona, que entrou na questão por espirito de classe e por muito aspirar. Ainda houveram varios apartes no grupo feminino, que a tachigraphia de minha memoria não os pode apanhar bem.

Em uma alcova proxima estava representada a velhice: era uma matula de velhos com oculos de augmento, envergados sobre o tapete verde das mezas e que cruzavam tentos no *sólo* a rasão de vintem...

— Fure a dama com o *valet*...

— Arrume-lhe a manilha!

— Fosse nos meus tempos, eu lhe diria de que páo era a canôa...

— O' compadre, passe uma pitada ao Sr. Coronel...

— No dia das minhas bôdas *houve o diabo!*

— Eu não consenti danças e beberagens.

— Nem eu...

— Quem se casa quer descansar.

— Ora as coisas estão mudadas, estes mocinhos de hoje fatigam a caça antes de matal-a, em outros tempos ia-se matal-a á sombra, com socego.

— Olhe o azar Commendador...

— Passo Sr. Barão...

— Não tenho *sólo* Conselheiro...

Todos passaram, inclusive o carancho, que forneceu uma pitada de tabaco de rôllo a cada um dos parceiros.

Uma serie de quadrilhas succedia paulatinamente a festa angelica do venturoso par. Offenback, aquelle genio folgazão, cuja melodia não se póde ouvir sem a gente marcar um passo de polka, fazia a turba dos convidados saltar, desmaiar e marcava

o compasso barulhento ás declarações amorosas bocejadas entre as azas de um leque de sandalo e os frouxos perfumosos do lenço de cambraia.

O *Barbe-Bleue* matava o estylo amoroso nos requiebro de um constipado clarinette. Aquelle formidavel general *Boum* atrapalhava a grammatica a um empregado publico, que namorava no genero de uma minuta e fazia rir a malevolencia dos que o espreitavam.

A polka, a walsa, o shottisk doudejavam como ondas de prata na areia de ouro ao declinar do crepusculo, abafavam suspiros e fustigavam o cançasso que fazia arfar a pellicula setinosa dos seios côr de neve e as narinas offegantes, como petalas de flôr que a viração vira e revira sobre a haste.

O Commendador olhou o salão, perdeu uma vaza em copas e replicou entre um sorriso de velho malicioso e uma pitada de esturro...

— Delicioso, olhe aquillo Conselheiro... gentes... olhai... olhai...

O Conselheiro enfia um az sêcco sobre a manilha do trumfo e o Barão ganhou a parada. Levantaram-se e sahiram; apenas ficou o Coronel repolteado sobre um *divan*, dormindo, roncando e pensando na passagem pr'a reserva, que o governo lhe conferio sem requerimento.

Os convivas retiraram-se uns após outros e o salão repercutia em monotono silencio as alegrias de momentos antes; apenas ficaram os noivos e

duas matronas de rugas no semblante, que choravam... talvez a recordação de tempos anteriores. Ellas conduziram a noiva á perfumosa camara e o noivo, como perdigueiro que fareja a balsa pas-seava soffregó pela porta do quarto. As madri-nhas sahiram, elle entrou e correu o reposteiro. Acabara-se o primeiro acto.

Oh! noute gentil do noivado amoroso, tu que testemunhas os beijos do pudôr e os afagos ingenuos das almas que o amor unifica, és o tempo esplendido da vida do homem, o arrebol luminoso do coração feminino, vestes as gallas da mocidade inquieta e suspiras as notas angelicas de um hymno feliz, segreda os romances que tens em teu seio e canta as balladas entrecortadas de risos e lagrimas, que te ensina o ar que ondula entre os debeis volteios dos brancos cortinados do suspiroso thalamo!

O luar te dá o clarão prateado de seu fóco luminoso, a natureza espalha-te na morbida treva o aroma de sua vegetação e Deus te purifica o ar, com o philtro delicado da brisa que corre, como o tremor da voluptuosidade nos corpos apaixonados. Eu te adoro, oh! noute esplendida, tempo de venturas, termino passageiro da felicidade anhelante, eu que sou solteiro e sinto uma lagrima de inveja para cada amigo que se casa, assim como a sinto de prazeres a cada christão que annuncia a sua viuvez. Fallo assim porque sou amante dos epilogos e detesto os exordios.

Elle descera o panno á avidez dos leitores, que esperam por certo a continuação. O resto contou-me D. Mariquinhas, prima do noivo, moça travessa e espirituosa que teve a indiscrição de pôr em pratica o caracteristico costume paulista de espiar-se pelo orificio da fechadura em casa e pelo losango da rotula na rua. Disse-me ella :

Elle estava deitado á beira do enfeitado leito, e ella encolhida como uma victima, á outra beira. Elle abraçou-lhe o collo de pomba e beijava-lhe tremente a macia espadua.

— Meu anjo, não tenhas medo...

— Ora... me deixe... estou doente...

— Deixa-me beijar-te, abraçar-te, amar-te, encostar-te a mim...

— Ora, não faça artes...

— Mas deixa-me adorar-te, amar-te...

— Deixo isso tudo...

— Por quem és... preciso viver em ti, como tu, como vós precisaes viver em mim, beija-me senão eu morro...

— Não morra hoje... espere pr'amanhã.

— Fortalece-me com o teu abraço e jorra me a ventura em um beijo timido.

— Não amole, eu quero dormir.

— Por Deus, eu quero beber amor em ti, beber luz, aspirações...

— Olhe a moringa está alli perto...

— Deixa-me morder teus labios, teu collo de alabastro.

— Socegue, pois o senhor não ceiou?...

Elle sorrio-se e ella acompanhou-lhe a demonstração da equivocada pilheria. As mulheres são assim, martyrisam o coração do homem e ladeiam as suas tendencias antes de humilharem-se, são o arremedo da fabula de Icaro, elevam o vôo inconscientes e depois cahem, o homem é quem triumphava sempre. E' este o fim da nossa vaidade, trabalhamos e entregamos a victoria ao adversario.

Elle traçou-lhe o pescoço palpitante de languor e ficaram n'aquella posição voluptuosa da figura de Correggio, na cupola de S. Geovani. Houve silencio e eu ria-me a perder, mordendo as pontas do meu lenço de medo a não ser descoberta na minha guarita; d'ahi seguio-se uma reciprocidade de beijos, de suspiros e um raio de stearina abrilhantou uma lagrima de pudôr, que rolava molmente sobre suas palpebras a esconder-se na ambula do formoso collo, como a gotta do sereno na alcatifa da rosa.

Depois conversaram, raiou o idyllio no amoroso dialogo d'aquella comedia tão natural; pude só perceber estes trechos do pudico romance soluçado a medo e com o *tremolo* de uma sublime timidez :

— Escuta, formamos um só sêr, tu me dás as côres alegres da vida feliz, eu dou-te as notas meigas do hymeneo encantador, sou a tua vida tu és a minha, suspiremos o amor sob o docel

perfumado das cortinas nupciaes, que Deus nos bendiz das abobodas do céu!

— Sim... eu suffoco a paixão, o amor, a timidez de virgem...

— (*Beijando-a*) Nada temas, só nos escuta o silencio e só nos vê aquelle friso do luar, que brilha ao nosso contentamento.

— E eu me sinto em um outro mundo ao ouvir tua voz, ao receber teus beijos, o que é isto, como se chama?

— Homenagens do amor, as festas do hymeneo, affectos de uma alma amiga á ventura que a cerca, é o amor que se mostra...

— ... Bem, ama-me, beija-me...

— Um dia, mais tarde... teremos companhia em os nossos risos, um som de mais em nossa harmonia e ambos vellaremos em torno a felicidade conjugal...

— Já sei... eu serei mãe, tu serás pae e Deus será connosco, porque seremos tres, não é?

— Sim, minha vida...

— Abraça-me...

— Apoiado, primo Juca!!! Gritei ao escutar o caminho que levava a prosa.

Foi mesmo que o estouro de uma bomba o meu grito. Apagou-se a luz, o castiçal rolou pelo chão, as taboas do leito descollaram-se e parece que o thalamo revirou-se em um cahos.

Nunca me ri tanto.



Fallam... fallam... no noivado e poucos sabem o que vai de ridiculo entre o casal novo.

— Mas, aposto que V. Ex. gosta d'esse ridiculo.

Ella crispou os labios, encolheu os hombros, corou e depois disse-me nervosa — não sei!

La retirando-me quando lhe perguntei se o resto do conto era só isso, rio-se:

— Nada mais ouvi, porque houve silencio tumular.

— Só... só... repliquei intencionalmente.

— Só... Alphonse Kaar que lhe conte o resto!

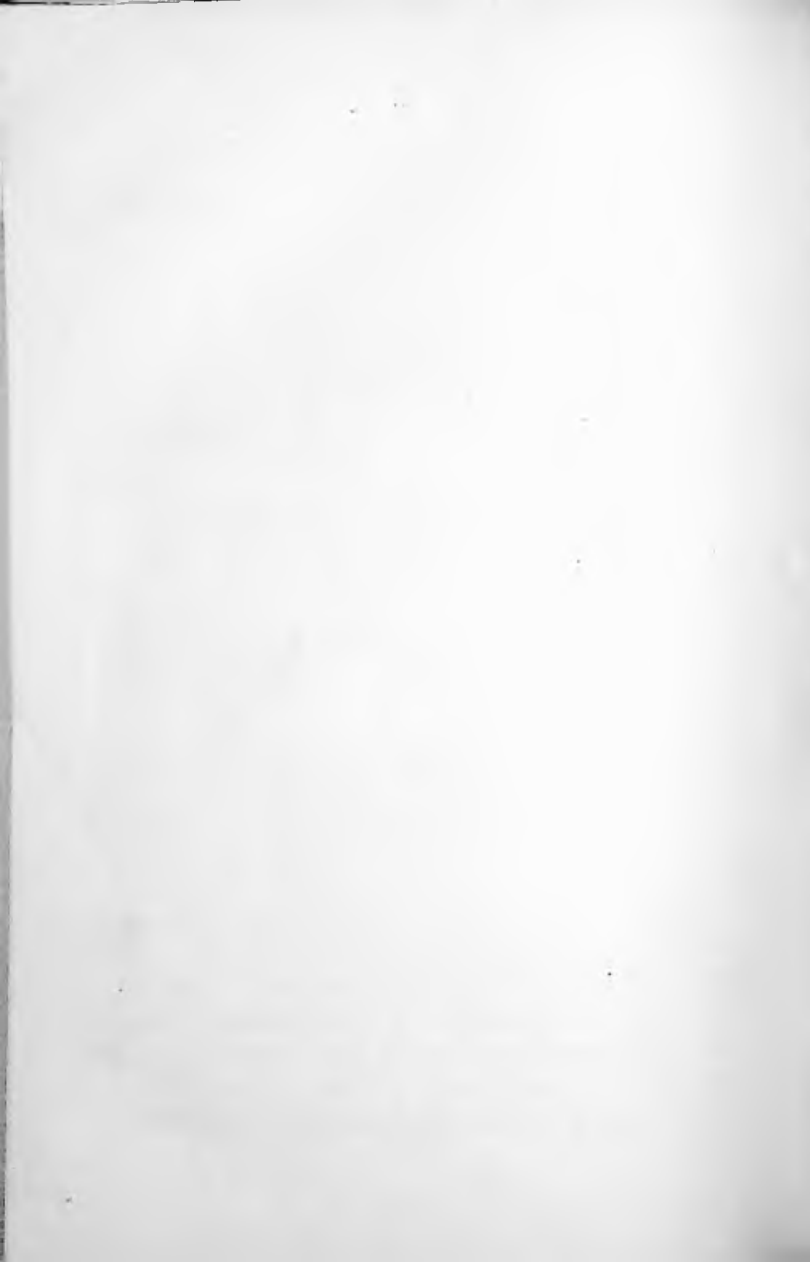
D. Mariquinhas tinha-se enganado, ella queria receitar-me Balzac e receiosa de algum epigramma, applicou-me Karr em vez dos *Predestinés*.

Retirei-me das bôdas do amigo Juca e sahi realmente com vontade de casar-me com todas as mulheres do mundo, cada vez que contemplava o botão de lorangeira que trouxe na minha *boutonnière*.

Ao chegar em casa corri a vista pela minha parede e vi o rosto severo de Maintenon, o riso de Parabère e a molle expressão da physionomia de Fontanges bradarem-me como Ninon a Coligny: *l'amour c'est la fatalité, le mariage l'abyme*.

Dei boas noutes ás photographias de minha alcova e fui dormir pensando nos noivos...

Nos noivos!...



# FLAUTISTAS.

(SCENAS DO MEU VISINHO).

Telemaco da Trindade é um homem baixo, gordo, usa chinó, não fuma, traz oculos de quatro vidros, não sahe á rua e só vem á janella quando o sol bate em cheio.

Não tem idade certa, porque nunca requereu emprego publico, mas a barba burgueza é pouco grisalha, elle é homem de bem, homem de paz, sujeito de bons modos e seu berço natal é lá... ao longe... na radiosa villa de Itapecerica.

Já foi inspector de quarteirão e á politica, elle só dá o seu voto, porque pertence a todos os partidos por sympathia e equidade, no que não vai mal. Apenas conta-se-lhe um defeito, defeito não... uma boça pronunciadissima por um genero artistico, que é o flagello dos visinhos, fonte inexaurivel dos — *a pedidos* — e melhor para espantar o

somno e o cynismo do que o adorante café do Levy.

Telemaco é flautista!... não o flautista por figura de rethorica, flautista mestre e maestro, flautista de genio, um Paganini da flauta, flautista como elle mesmo.

Ao levantar-se da cama Telemaco sopra pelo tubo harmonico de uma flauta côr de sabão portuguez e apraz o somno matutino da molestada consorte.

E' um maniaco pela arte

Ao almoço elle toca flauta, ao meio-dia acompanha o sino da Sé com um solfejo em tres bemóes, á uma hora executa o *Hymno Nacional*, antes do jantar corre o variado repertorio dos lundús populares, depois do café desanda alegres bolêros de sua composição, ao crepusculo sopra admiraveis modinhas, á noute passa revista aos *rondós*, *allegros*, *adagios*, *tremulos* e aos caprichos de seus beijos musicaes, de seus sopros em sustenido.

Depois disto tudo o meu caro Telemaco flauteia em *lá menor*; ainda depois disto elle *dá capo* e a visinhança pôde dormir pedindo a Deus uma tísica da laringe ao melodioso visinho.

Quem se arrenega com suas tendencias artisticas é a nervosa D. Dorothea, gordurosa metade do meu amigo acima fallado.

Esquecia-me dizer: que Telemaco é casado e nunca teve filhos. A paixão pela arte foi o prologo do seu romance, ao qual o casamento deu

fim. Romance singelo como a historia de todos os artistas.

Disse-me o meu melodioso Telemaco; que passeando um dia, dera com uma garrida mocetona cantando divinamente a aria — *Onde vai Siô Pereira de Moraes* — com acompanhamento de cavaquinho e viola. Pelo coração do venturoso *touriste* tremeu uma ballada de felicidades. Elle sonhou logo o matrimonio e as delicias de uma serenata, onde a voz da Malibrán, que se fazia ouvir pelos lo-sangos de uma rotula e o assobio acompasado da sua dilecta flauta, fariam os amantes do luar ficarem boquiabertos.

Imaginoso Telemaco, divino Telemaco mesmo!

Mezes depois trouxe para sua companhia o idolo de seus sonhos e sobre o aparador da sala de visitas a virtuosa D. Dorothea bispou logo a flauta e o seu homem arrebatou-lhe os ouvidos com o magico canudo do Sr. Reichert (flautista).

Foi assim o romance do amigo.

Os tempos passaram e a cara metade começou a soffrer horrivelmente dos nervos, por natureza, genio, pela musica do Telemaco ou por qualquer cousa; o caso é que o *nervoso* começou a inquietar a pachorra da dama e a magoar o marido, que não podia tocar flauta para não augmentar a verba da medicina.

Elle andava aborrecido, pallido, doente, e o seu prato predilecto ao jantar, *cuscús de bagres*, fazia o lugar de um vomitorio.

Com sacrificio tangia o instrumento uma oitava abaixo, e se D. Dorothéa gritava, o som descia a oitava e meia, a duas e até ao sopro simples, ao mover dos labios e manejar os dedos sobre os gritadores buracos. Era um sacrificio enorme para o Telemaco; privar-o da flauta era tirar-lhe o ar, emmudecel-a era apunhalal-o, fazel-a fallar baixo era inutilisar aquella intelligencia soberana, digna de um conservatorio de surdos, que não ambicionassem perder o juizo.

Com o progresso da nevralgia a enferma senhora começou a ser intoleravel, imperdoavel e até irrevogavel.

Nas boticas não haviam tisanas, panacéas nem remedios que a sannassem, até o proprio e scientifico Dr. Bernardino, elle mesmo, pasmou ao vêr o nenhum effeito de sua therapeutica especialissima n'aquella natureza rebelde, n'aquella alma de rija tempera.

O bom do facultativo ordenou ao infeliz consorte satisfazer aos caprichos da mulher. Telemaco foi de accordo e d'ahi data o seu caiporismo conjugal.

D. Dorothéa era uma mulher alta, possante e corajosa como a padeira d'Aljubarrota, os nervos faziam-na uma hyena, a sua vontade era um terremoto fatal porque o marido havia de cumpril-a, e o seu genio uma tempestade, o barulho, a raiva, a colera, a desordem, era o genio de uma mulher que tinha o nome de Dorothéa.

Mas por fim a zanga, a quisilla da adoentada

senhora passou da harmonica personalidade do chefe da casa a estourar no canto da cozinha. As iras, as impertinencias voaram para as famulas, porque Telemaco como bom cidadão alugava criadas para o serviço domestico, enquanto trabalhava pelas acções emancipadoras.

Elle folgou por algum tempo, alegrou-se, e as cavatinas já corriam pelo quadrilatero da saleta musical, como pombos alegres de volta ao farto pombal. Já podia (com licença do estado nervoso de D. Dorothéa), relembrar os motivos soprantes de seu talento flautista, tinha mais folga, parecia-lhe viver, enquanto a cara metade entre gritos e gemidos, entre lagrimas e carantonhas não dava ponto ao preludio, a symphonia do magnifico amator.

As criadas entravam por aquella casa e sahiam em todos os dias da semana e do mez. O genio da patroa expulsava uma e a flauta do marido chamava outra, no mesmo dia a flauta expellia esta e a nevralgia da Exma. Sra. D. Dorothéa já chamava outra.

Era um vaivem de criadas, o bairro era todos os dias um barulho de descomposturas; a visinhança tinha curiosidades de meia em meia hora; o inspector do quarteirão já vivia com o fitão verde no bolso; os estudantes escreviam — *a pedidos* — a policia; os delegados mandavam os escriptvães rabiscar os *termos de bem viver* e em meio de tudo isto só haviam dous filhos da Biblia,

duas paciencias dos tempos christãos. Eram, Telemaco que trazia os tympanos atordoados, como um caloiro nas vaias de S. João e a flauta, o instrumento bucolico dos pastores arcadianos, que se via secca, coberta de pó e com os seus apitos mudos como os da patrulha a meia noute.

N'esse barulho do conjuge feminino a pessoa catholica do Telemaco sahia sempre contundida, além de amollada. Mal o nervoso apossava-se de Dorothea, o marido corria e lacrimoso acercava-se da mulher que pulava, gesticulava, gritava, contorcia-se, cahia, levantava-se e ficava energumena.

Se elle segurava-lhe nas pernas para amparal-a no leito, um ponta-pé nervoso, secco e furioso mudava-o de posição; se tomava a cintura para dominar os impetos do achaque, um supapo desvairado e perdido estalava-lhe no frontespicio venerando, se aguardava-lhe a cabeça para não quebrar, uma vertiginosa dentada rasgava-lhe o chambre, se não lhe abria ferida nas carnes pacientes; se a prendia pelas costas, o nervoso retirava-a lepidamente e o abdomen do meu infeliz Telemaco levava uma possante cabeçada, que o estendia no chão e arcava-lhe as pernas para o ar, como um salimbanco nas cambalhotas da gymnastica.

Se não fosse pedantismo eu comparava-o a Mazepa, ella seria o bucephalo selvagem e o nervoso os settepes da Ukrania.



Ha similes entre isto e aquillo.

Um dia ella levantou-se robicunda e formosa e foi ter com elle, que azeitava o tubo da flauta e lustrava as chaves. Dorothea disse-lhe: que d'alli em diante divorciava-se das criadas e que só admittia em casa homens, criadagem masculina e que em favor ao seu assentimento, poderia soprar ao dilecto instrumento.

Oh ! Inda me lembro do convenio d'este dia, foi uma flauteação interminavel; em paga o inspector não fez uso do fitão e eu pude dormir ás onze da noute.

Parecia raiar um novo sol no horisonte d'aquelle casal, houve socego por alguns dias e o diplomata, o conselheiro d'aquelle paz merecia um titulo do governo, era tão digno como o Sr. Paranhos.

Por esse tempo chegaram os *Voluntarios* a esta cidade e aquella saltitante *Palomita* paraguaya apresentou-se logo na flauta de Telemaco. D. Dorothea as vezes assobiava-a quando o marido atrapalhava algum compasso ou nota. Como tudo eram festas e risos n'esta terra, ella capitulou a molestia ante a bondade evangelica do marido.

Telemaco respirava livremente.

Tal era o entusiasmo do casal com a chegada do *35 de voluntarios*, que ambos acompanhavam as *patriotadas* e davam freneticos *hurrahs* aos heróes festejados. Quando se recolhiam ao lar Telemaco soprava o *Hymno Nacional* e Dorothea mais enthu-

siastica e menos nervosa trepava em uma cadeira e fazia um longo discurso sobre o thema *bestiatogico* dos tribunos da praça.

Era-lhe auditorio o marido, as cadeiras da saleta, o gato amarello e o criado. Mal ella parava a *verve* pelo inconstitucional caroco, elle dava um *apoiado*, o criado dizia *muito bem* e o gato, pasmo debaixo da commoda, soltava um patriotico e alongado *miáu*, mais guinchado e fino do que o ré agudo da flauta do seu amo o Sr. Telemaco da Trindade. Quando a palavra reasumia-lhe nos labios demosthenicos e a possessa dama ligava o exordio de um orador com o epilogo de outro, a narração de alguns com o *improviso* de outros, seguia-se o discurso, Telemaco executava a *Palomita* e depois lançava-se em abraços e juras eternas.

Isto durou pouco tempo.

Os criados começaram a entrar e a sahir, o marido foi consultar a uma cartomante o que devia fazer para sua tranquillidade e pagada a sisa competente a harpia *protegida pela policia* teve em resposta um conselho.

Era este, chegar a um accordo com Dorothea, admittir novo famulo e não tocar flauta emquanto ella pretextasse a sahida d'este. De facto convieram n'isto, despediram o que servia e admittiram um outro, que foi bem recebido por ambos.

Telemaco, mais energico e moralisado chamou-a e disse-lhe.

— Senhora, de hoje em diante modere o seu genio, temos um bom criado e não admitto a sua expulsão, quem manda sou eu...

— Senhor... estou sciente, regenero-me, serei outra mulher, o criado não sabirá.

— Bem, viveremos em paz e sem escandalo...

— O que diz, escandalo!... desaforo!..

— Contenha-se... olhe a flauta e a minha energia soberana.

— Sim (furiosa, com principios de nervoso), mas eu não admitto...

— Não lhe dou satisfação (vermelho, tremulo, desesperado), retire-se, veja que sou homem.

Ella não se enganou e disse-lhe meigamente: Toda a minha raiva, imperinencia e doença era a flauta, resolveste a não tocar-a, aquieto-me, cumprirei o meu dever.

Assim viveram contentes o curto espaço de um trimestre: elle satisfeito porque já podia respirar livremente, embora saudoso pela flauta, ella sugeita ao preceito do marido.

Os visinhos admirados da falta do motim perguntavam a razão d'isto ao Telemaco, que se ria, cheirava uma pitada de tabaco de rôllo e limpava o socegado nariz com um alvo lenço de linho fino, bordado de flores e versinhos pelas então pacificas mãos de D. Dorothea.

A paz trimestral foi de tal ordem que o meu amigo resolveu levar a esposa ás novenas da Penha, ao theatro, ao Jardim publico e até Santos,

para ella comer carangueijos guizados, receita de uma beata muito entendida em meisinhas, velha rival da sabedoria do illustrado e ultra scientifico Dr. Bernardino.

Dorothea engordou, rosou as faces, tornou-se uma dama de belleza regular e ares pacificos, por isso foi sendo apreciada e... considerada.

Mas uma grande calamidade estava reservada ao socego temporario do casal.

A serpente que trahio Eva, injectava o fatidico veneno na honrada senhora, ella na bizarraria de sua heroica virtude disfarçava a colera e contemplava o perfil folgazão do marido.

Procurava Adão para fugir ao reptil, tutelava-se na energia e forças de seu homem, seu protector.

A tentação era o criado... a confiança de seu marido, aquelle magnanimo patife andava armando esparrellas ao pudor e á paz domestica do seu patrão. O biltre apaixonara se pela ama e na estupidez de seus desvarios quiz levantar-se da posição de servo ao capitolio de Lovelace.

Bem disse um sabio: que o amor não tem meio termo.

Prudente, o criado chamava-se *Prudente*, tinha a sua paixão por Dorothea antes de ir ao Paraguay. Voltando d'alli, encontrou a casada e então concebeu o seu plano de ataque.

Introduzio-se como criado, regalava os ouvidos da patrão com heroicas narrações da guerra, com-

batia paraguayos com a... lingua e acabava a prosa sempre victorioso. Assim foi-se aos poucos governando-lhe o animo até que podesse enviar-lhe o *ultimatum* para conseguir a aspiração de annos.

Dorothea estava lendo na sala do outro lance, quando Prudente entrou e atirou-se-lhe aos pés.

— Oh! Prudente, que tal fizeste!

Quatro gritos, cinco insultos e um murro foi a resposta... dez respostas em uma só.

Telemaco, no seu gabinete, mais que depressa toma a flauta e encosta-a aos labios.

Dorothea bradava:

— O' Telemaco; olha este tratante...

Elle respondia:

— Pois não foste! Lá vai uma sonnata.

E a flauta repercutia a musica ao compasso da gritaria de Dorothea.

— Acode a tua honra... corre.

— Na terra, nhá Chica, lá vai um *sólo*.

E o *sólo* corria até as orelhas rubras e afogueadas da desconsolada mulher.

— Olha o teu nome, meu marido...

— Olha o nosso contracto, minha mulher.

E um *tundi* bem embeijado voou até o Prudente e Dorothea.

— Acode-me, meu velho, é uma declaração de amor.

— E' ataque de nervos, siá donna.

E um habanero ia redobrar o marcial amor do ex-soldado.

— Por Deus, acode-me, o insulto...

— Lá vai um final em meia duzia de bemóes. E a flauta apitou a ultima expressão do general *Boum*.

— Eu morro, vem meu velho, divino Telemaco...

Quebrado o encanto á paixão musical elle correu a encontrar as diatribes da excitante D. Do-rothéa.

O' horror!.. tres vezes horror!.. qual não foi seu espanto ao vêr o Prudente de joelhos ao lado da mulher, com a esquerda d'esta entre as suas mãos e as tres colladas ao coração indiscreto. Verdade se diga, em homenagem á honesta senhora, que a sua mão direita fechada e agil marcava compasso a poder de bofetões na dentuça esbranquiçada do servente.

De um pulo elle collocou-se entre ambos, indignado, colerico, furioso, com um olhar de tigre faminto perguntou o significado d'aquella scena, d'aquelle melodrama *sui generis*.

Ella respondeu-lhe com uma lagrima tão expressiva e eloquente, como nunca vira o Telemaco e apontou para o brutamontes do Prudente, que a surpresa de vêr o idyllio tornado em tragedia ainda o tinha ajoelhado, como um penitente não remisso.

— Este pedaço d'asno fazia-me uma declaração de amor.

— Com seiscentas semifusas, e o que lhe fizeste?

— Olha-lhe o nariz.

— Oh!.. o sangue está lavando o delicto.

De facto Prudente avermelhava a manga da camisa com o espirro sanguineo, que a manopla de Dorothea lhe applicara, a guisa de esturro.

Telemaco mostrou-se homem, vingou-se.

Agarra o Prudente pelo gasnete, perfila-o como um *Cabo de provisórios* e sacode-lhe nas espaçosas ilhargas o mais monumental *pontapé* que pés humanos tem dado. Prudente cambaleia, vara a porta da sala, passa como um raio pela da rua e com o contundido nariz vai fazer a sua tragica apothecose na bolorenta lama da terra, que Pedro Alvares Cabral descobriu.

Por um triz que o misero era riscado do mappa da criação.

— Anda birbante, serias um bom homem, se não fosses um detestavel canalha!

Foi este o desventurado fim de seus ternissimos amores pela virtuosa consorte do Sr. Telemaco da Trindade.

Dorothea absorta pelo effeito prodigioso do calcanhar marital desfalleceu... mas não teve nervos.

Ao recobrar os sentidos a poder de tabaco moido, rio-se para elle e disse:

— Agora toca tua flauta quanto quizeres.

— Agora convida o nervoso, porque a botica está em casa, sou eu.

Que poderoso argumento, abençoado calcanhar!

O' logico, sublime e medicinal *pontapé*, quem havia de dizer que tu... não digo bem... que

vós ó pontapé modelo, pontapé clinico, pontapé do Telemaco, serieis o balsamo, a alegria e a paz?

Por mim sauda-te a vizinhança, protestam os doloridos quadris do Prudente infortunado, admira-te o socego publico e... e faz ponto a nevralgia de D. Dorothea.

Filhos de Hippocrates estudai aquelle pontapé que é scientifico, reagente; maridos observai aquelle pontapé que é remedio caseiro; amolladores olhai-o bem que elle é um flauteio, tem a força de uma orchestra e é uma consummação.

Antes de findar o conto declaro, que hontem os dous, marido e mulher, assignaram *termo de bem viver*, hoje vivem na mais santa paz d'este mundo, graças á pharmacopéa da policia.

Telemaco anda agora oppondo-se a uma cadeira para mestre de meninos, Prudente assentou praça, Dorothea goza saude e... o leitor dê *capo* a este flauteio.



## ODE AO CIGARRO!

Oh! cigarro!...

Trombeta da humanidade que passeia, compasso vaporoso, que medes a aria sobre o thema da vida alheia, refugio dos desconsolados, companheiro do homem que soffre, infallibilidade do cynismo, eu te saúdo na mais agonisante hora da pasmaceira, entre o *cognac*, as moscas que cantam um *solo*, nos meus ouvidos, a pancada do relógio que aborrece e tua funaça que dá uns ares germanicos á minha alcova.

Oh! cigarro!

E' a ti cigarro de palha, a ti cigarro de papel pardo, tambem a ti de papel branco e a vós ó aromatico involucro de *papier mais*, que eu canto.

Se vivo é porque vocês esfumam o meu semblante e me desafiam o pigarro.

Se escrevo é porque vocês são as andorinhas, que me annunciam um copo de cerveja.

Se durmo é porque vocês me dão sonhos de luz entre os circos fascidos da nitida fumaça.

Se amo é porque vocês me improvisam um pensamento de amor a cada mulher, que me vê fumar; a cada anjo que me vê pelo prisma de tua nuvem aromática; a cada demonio que abre as labaredas do coração aos teus pennachos ondulantes ó canudo maravilhoso.

Eu vos decanto, cigarros!...

Deixa que te odeiem...

A mulher que idealisar um sonho do Oriente, cujos labios tremerem ante as azas candidas de um beijo e o fogo benigno de um suspiro, essa te ha de gabar nos labios rubros do amante.

A virgem que transformar o parapeito da janella em almofada de *crochet* e sorrir ao pintalegrete, que lhe acenar com o raminho de flores, que lançar almiscar no envelope rendado da affectuosa missiva, que amar por passatempo, essa te guarda entre o seio de porcellana e a grega do roupão aberto.

A matrona, que dança *waltz* ao virar de costas do marido, que prepara *cuscús* para as visitas prohibidas, que canta modinhas ao violão, esta te adora na ausencia do dono da casa, e prepara-te a lisa tunica com essencias e leite puro.

A menina, cuja alma palpita aos accordes sonoros da harpa dos quinze annos, cujo coração abre-se aos delirios alegres da jovem poesia, embalsamados pelos efluvios angelicos da rubra mo-

cidade, trementes como os flocos de sêda do vestido arminhado, como os labios travessos no modular da canção... oh!... esta te idolatra com o genio, te acaricia entre os dedos de rosa e te aspira no vacuo perfumoso da boca seductora.

Como és feliz, oh! cigarro!

Como se morre de amor, se dorme cercado de risos, se ama com ardencia, se brinca com a lagrima, se ri da dôr, se canta o hymno da vida e cospe-se nos andrajos das desgraças aspirando-te a fumegante ponta, evaporando-te a fluctuante essencia, mordendo-te a amargosa substancia, enrolando-te na artistica mantilha.

Bravo, cigarro, tu és o ideal!...

O empregado publico te aperta ao coração, unido á estúpida carteira das secretarias, elle te idealisa nas particulas do orçamento, como lembra-se de ti nos infaustos processos de um desconto mensal.

O estudante... oh!... o estudante... esse te classifica entre theorias e principios, entre a sciencia e a bohemia, entre Deus e Satan, entre Julieta e Romeo, uma noute perdida e trinta e nove pontos, um anno de pandegas e a gloria do futuro, um livro de versos e o Digesto, as Ordenações e os romances de Feuillet, a fortuna de Rottschild e a miseria do Belisario, as lagrimas do Werner e o gargalhar de Mephisto, uma letra da familia e uma carta do vinagre.

Para elle tu és a deusa Razão, ainda mais o amigo do peito.

Quando te chupo os labios seccos ao despedir-me dos sonhos da noute, recordo-me do verso de Bauville: minha alma volteia sobre perfumes, como a alma dos outros homens se volteia na musica.

Ao madrugar tu és melhor do que uma gotta do rocio sobre a fronte do vagabundo. que passeia para esquecer a insomnia.

Meu amigo, companheiro predilecto, que és o ornamento silencioso de minhas noutes sombrias, tu que me fazes accumular as leguas, que separam meus braços da immensidade azul e embalsamada, que me fazes a imaginação nadar em pleno céo, além das espheras estrelladas, no ether luminoso, no ar puro, raro, salubre que ondêa nos suspiros dos anjos e magnetisa a alma com o extase da ventura.

E' a ti meu canto, a ti, cigarro de palha lavada em leite e almiscar, embebida no opio e aromatica como a cabelleira de uma noiva nos sa-rãos do hymeneu!...

Eu te decanto, oh! cigarro!...

Ao lado da belleza, adora-se, ha o silencio da concepção esthetica, a crença espalha-se como um jorro de luz que se rebenta; mas junto a ti, pensa-se no *haschieh*, nas bayaderas, nos mandarins, no perfume de havana e do musgo, no champagne, no opio, e dorme-se na somnolencia de um spleen nostalgico.

Sente-se a cabeça reclinada nos coxins de vel-

ludo e a alma em um mundo de ouro e perolas, pensa-se ir ás ribas do sol, d'onde se vê o leque das palmeiras no ar tibio e azul, reflexo do infinito nas lagunas serenas e as mulheres, como opalas furta-côres que a idéa infinita embutio na natureza creada.

Que poemas tu sabes, que historia de loucos amores, como o teu fumo cambiante não tem sufocado muitos beijos na volupia de uma noute de luar, quando se fecham as rotulas da cidade, essas urnas architectonicas, que occultam luxurias secretas?

Quantas vezes a tua nevoa toda aromal não tem bafejado o ultimo alento dos convivas de Vanozza, nos banquetes do papa Alexandre VI?

As filhas alegres de Andaluzia crispam os labios de nacar, como petalas da rosa que a ventania açouta, quando te mordem o delicado labio, entre um olhar de languor e um *salero* de paixões ardentes.

Tu lhes inspiras a canção fogosa nas serenatas do rio gentil, ao jaculo brilhante das luzes da encosta, ao tremulo agitar das loucas pandere-tas, ao revolutear magestoso do pandeiro brincalhão. Depois acordas as canções que dormitam nos seios alvos de Pepita, os lyrios brancos das tranças negras de Julia, transformas em firmamento o mantelete azulado de Carmen e acordas as dou-das esperanças no craneo ébrio de D. Juan.

E as buliçosas moças das Hespanhas cantam

a canção do lar, bocejam a *sigadilla* de Granada, dançam nos meneios quebradiços do seductor *habanero*, recitam os versos de Espronceda, as canções de Trueba, os poemas do Zorrilla e dormitam nas galantes ficções dos magneticos romances de Caballero.

A postiga ingleza te absorve no guttural dialecto pelas ruas da Babylonia immensa, nos vapores do *kirsk*, no estouro do *Pale-ale* e nos spasmos selvagens do amor excentrico.

A rubida allemã lembra-se do Gœthe e da originalidade de Tieck pelas alamedas dos jardins reaes, mastigando-te a saborosa boca e ouvindo as proezas de Bismark, as façanhas do canhão Krupp e os calculos de Moltke.

As mulheres da Italia acordam o genio dos maestros, aspiram as rubras flôres de Sorrento e suspiram as melancolicas barcarollas na gondola ruidosa, que turba o somno ao *lazzaroni*, soltando da pallida boca tuas nevoentas baforadas, que violam por instantes a côr d'aquelle céu que o Tasso tanto adorava.

Na America... no Brasil... tens o teu throno, throno de rei e de plebeu, alcaçar e tarimba, ambar e cantaria, ouro e ferro. A crioula dorme a quente sésta emballada na rêde do norte cheirando o teu narcotico vapor; o tapuyo dança na *taba* horrenda ao embriagante trescalar do teu ollôr; o tropeiro apita o lote na poeira da estrada entoando a trova sertaneja ao cadente barulho.

dos sincerros da guia; o soldado, a mulher, o moleque, o meirinho, o juiz, o ilota e até o proprio padre te abençoam n'este canto ridente do mundo de Colombo!

Eu te saúdo pois, cigarro nacional, cigarro estrangeiro, cigarro aristocratico e popular, cigarro universal da humanidade que fuma, dà humanidade que passa o tempo.

Odeiam-te... sim... mas quem?

O velhote que traz o collete curto, o chapéo como o cano do wagon, oculos engarupados na pimentosa penca, uma fita preta no relógio, os joanetes accommodados em ogivas abertas a canivete e os collarinhos com lenço branco.

O ancião alquebrado pelo rheumatismo, amante do café e das raparigas bonitas, que faz politica por systema e gosta do sol, como os reptis do quintal.

O taberneiro economico, que alforriou dous escravos na guerra do Paraguay e o governo voltou-lhe o vertice da posição fazendo-o commendador.

O estúpido barão, que traz a alma a juro por esta lhe ser insupportavel, que cospe a cada asneira e sorve a borra repugnante do asqueroso simonte na luxuosa boceta.

O conego astuto, que atrapalha o compasso do cantochão e dorme sobre o dourado breviario como quem dorme em almofadas de palha.

O burguez imbecil, que mede a dignidade a

metros, vai ás paradas da guarda nacional, anda de chinellos nacionaes, almoça carne secca, janta pirão e não ceia por economia.

A velha de chinó, que sente calafrios ao ouvir a resenha de um namoro, que guarda a sexta-feira, entope as narinas de fumo moido e veste-se de preto.

A matrona de oculos, a tia, as madrinhas, as solteiras, as avós, as comadres, as beatas que gostam do liquido da canna, as freiras, as cosineiras e... as mulheres que não amam, por não acharem idiotas.

Estás vingado, oh cigarro !...

Tambem tens a tua epopéa, és historico, litterario, grande...

Napoleão III acariciava-te sob os felpudos bigodes quando arruinou a França em Sedan.

Lucrecia Borgia, (segundo Kock), fumava-te quando via o estrebuchar da victima, que lhe bebia o mortifero phalerno.

Leão X, esse papa indecifavel gostava de ti quando estava em convivio com as cortezãs da cidade dos Cesares.

Lambert Thibousth só escreve suas admiraveis comedias depois de te beijar muito.

Baudelaire, o excentrico poeta das *Flôres do Mal*, chamava-te a sua philosophia e ao gordo maltez—sua musa.

Houssaye e Sardou preparam a *verve* divina rodeados dos teus miasmas agradaveis.



Alphonse Kaar immortalisou-te nas memoraveis *Guêpes*.

Sand, essa musa brilhante tambem te admira na boca immortal.

Portugal marcou uma epocha no seu progresso, quando executou a celebre lei da liberdade do tabaco. Tu glorificas a terra do Irajá, immortalisas a Havana e és a industria dos lusitanos na Praia Grande.

Salve, cigarro, mil vezes salve !...

Aqui no meu silencio, entregue aos cuidados de uma sabbatina, abandono as entranhas esburacadas dos poeirentos praxistas para te enviar o meu cantico de sympathias.

Recebe-o, devora-me o *spleen* melancolico de uma noute triste e saudades de tua companhia, que fugio-me nas horas negras de uma estúpida solidão.

Hoje te dou um lugar na penna humilde do bohemio, amanhã um hymno e festas nos labios alegres do *studiosus*, depois como os titans escallarei os céos do *cynismo* para te immortalisar no Olympo da rapaziada, serás a estrella Vesper para o errante peregrino.

Tens hoje as ode modesta do prosaico trovador, amanhã terás o teu poema como a *Raposa* já o teve a *Cosinha* e os *Insectos* !

Vejo-me rodeado dos retratos de mulheres celebres desde a soberana Stael até a legendaria Chateauroux, ellas olham-me atravez do vidro da mol-

dura ; mas eu não creio n'ellas, são titeres, o diabo fal-as rir e os anjos innocentam-lhes os bocejos, trazem as vestes pudicas das vestaes para illudirem a alma de bachante, mostram o coração incendiado, como uma lava do Etna ; mas sentem-no mais frio do que um alcantil dos Uraes.

Ellas são as serpentes do paraíso, e tu, ó gracioso cigarrinho, és a ave risonha do *spleen*.

Não creio nas mulheres como não creio nos homens, não creio na gloria como não creio na sabbatina de taboada, como não creio no vulto informe do bedel. Creio em ti, no *cynismo*, na preguiça que és tu, nos meus castellos de moço, que são a ondulação circular de tua alva fumaça.

Hoje e meu canto nobre te pertence. Dá-me inspiração, musa popular, amanhã pedirei á cythara de Debora para te levar o meu idyllo, ó magestático *charuto*, para te consagrar um dythirambo, ó monumental *chapéo*.

Praxistas, ouvi meu canto !

Collegas, eu lasco ponto !

Cigarros, eu vos saúdo !

## SURSUM CORDA!

O campanario da ermida derramava seus sons melancolicos na hora mystica da tarde e os laranjaes exalavam a delicada olencia das flôres.

Vinham apparecendo os véos escuros do crepusculo por traz da montanha e o sol tingia os silvedos de purpura, como raios de incendio longiquo.

Uma nuvem de tristeza cercava a casinha d'ella, asylo gentil de seus amôres santos, que se debruçava na rampa do rio, como um ninho de gaivota selvagem na fraga do oceano.

Havia um silencio triste, como o tempo que corre entre os mausoléos.... as casuarinas do jardim estavam serenas e... apenas um môcho, como o poeta da morte, pairava sobre o xadrez da claraboia.

Entrei no corredor escuro com a alma a con-torcer-se em angustias e o cerebro escandecido por um presagio infausto.

*Polaco*, o cerbero d'aquella mansão, não me veio receber e pular-me nas pernas, agitando a sua cauda de seda preta. O canario tinha a aurea cabeça sob as azas, como a figura sepulchral a quem o architecto veóla com um traçado de marmore. As flôres myrradas pendiam das jarras de porcellana fina e o piano, coberto de pó, guardava os efluvios de melodias angelicas.

Havia uma pagina aberta sobre as teclas: era o — *Adeus da Traviata*.

A consternação, essa nota intima dos sentimentos, espalhava sua eloquente nudez nas abobodas enfeitadas d'aquelle divino alcaçar, que a mão sábia do artista alcatifou de festões e luxo, para a habitação de um anjo, templo de alegria para o culto de uma deusa ideal: que transpirasse perfumes, o halito benigno da mocidade e se pavoneasse nos sonhos doirados da idade louçã.



Quando entrei sahia o medico.

O filho de Esculapio trazia a duvida na physionomia e uma lagrima tremia-lhe nas palpebras rouxeadas, como o sereno nos labios da violeta. Pareceu-me que a sciencia, symbolisada n'aquella figura senil, chorava por não resolver o problema da vida, que a morte queria sujeitar ao seu calculo no crysol fatal.

Corri a ve-la... por mim passava em tetrica ondulação a surdina do sentimento...

Era ella... na mesma alcova... o mesmo riso de hespanola, mas menos brilho e altivez no olhar de arabe.

Pobre criança!

O corpo de gazella arrimado nas travesseiras, os cabellos de oiro ao abandono, como os da victima da fome no quadro do pintor, a pallidez desmaiante sobre o rosto, como na estatua de alabastro, a boca secca e sem luz no avelludado frouxel, os olhos amortecidos em languidez mortuaria, como Murillo os pintou nas suas virgens... parecia o anjo ignoto, uma visão runica que esvoaça em nossas noutes de febre.

Era a figura somnolenta dos quinze annos, uma aspiração agradavel que o contratempo destroe.

Deu-me as mãos ardentes pela febre e meus dedos sentiram o igneo calor da delicada pellicula quente e calcinante como a gotta do veneno. Deitou-me um olhar que era a synthese de um tormento enorme, fallei-lhe ella rio-se com uma expressão de angustia.

Louco cysne das alvoradas alegres contemplava o raio mortigo do Occidente, para nos braços da Cruz e do infortunio sumir-se no abysmo, como o aerolitho nas visceras da terra.

Sonhos da imaginação juvenil, aspirações gentis da florea idade, musa alegre dos idylios da primavera, rosas brancas dos jardins dos céos, melo-

dias selvagens da natureza, lyra augusta dos amores para que não lhe derramais a vida, o movimento e não a despertaes do mortuario extase com o *allegro* buliçoso da poesia amorosa.

Vinde, genios bellos das palludes, estrellas lubricas do céu do outomno, balladas magicas do concerto ameno... vinde... cortejai essa novella de quinze paginas que a morte quer epilogar e... pedi ao infinito, pedi ás endeusadas ficções mais brilho mais inspiração para aquelle poema que se vai romper.

\* \* \*

Tremulo, e confuso tomei-lhe a mão que ardia como a faúlta de um brazeiro.

Ella moveu os labios para agradecer-me, mas a dôr fraqueou-lhe o movimento, sorriu-se de leve e fitou-me a alvoroçada physionomia.

— Onde ouvirei mais essa voz argentina no canto sympathico da aria de Mercadante?

Ella apontou-me a cupola do cortinado azul.

— Onde... na terra?

Mostrou-me a lua que transparecia pelo vidro da gelosia e disse em pausa:

— Lá... no céu!

— Que sons vibrará o teu piano, que *vollata* fogosa dançará na inspirada tecla?...

— O cantico de finados!...

— Não... a morte não eclipsará teu divino talento, Deus deu-te o genio, pertences ao coração e nunca

aos vermes, irradia, tua alma é uma celagem ideal.

— E' preciso que eu morra!!

— Renascerás, a symphonia das aspirações bellissimas mollulará, ao teu ressurgir celeste, um hymno de saudação á vida.

— Oh esse hymno será a melodia do meu funeral, a orchestra as cataractas de lagrimas que a saudade derramar.

Reclinou a fronte moribunda no leito e arremessou uma golfada de sangue; era a eloquencia de um impossivel que eu embalde queria desconhecer.

André Roswein não foi tão infeliz, ao menos não ouviu as agonias da filha de Sertorius, nem o canto do Calvario, esse lugubre acompanhamento do malfadado hymeneo.

Fallei-lhe em amores, na musica, nos versos da mocidade, nos brincos da infancia, nas miragens bonitas do pensamento e ella, sempre grave, comprimia o peito para vedar o hausto mortifero. Pobre anjo, que sentia a vehemencia e a queda perpetua das desillusões no rapido doudejar dos quinze annos, quando a alma é o elegante colloquio das bellas sensações com os raios iriados da poesia sonhadora!

A artistica alcova ia transformar-se no catafalco e aquelles olhos seraphicos na gelez esteril de um tumulo abençoado.

Quando para a alma iam-se abrir as vastas paragens inundadas de luz e o imaginar procurava aquietar-se sob o docel esplendoroso de um céu puro,

cercado do balsamo das flôres e escutando a melancolia das fontes, a fada invisível cortava-lhe o vôo dos entusiasmos infantis, e tecia a capella de goivos para ornar os fustes de um sepulchro !

Alli... ao clarão opaco de uma lampada sinistra, ia-se fechar a apothese dolorosa de um drama intimo e a fatalidade, como o espectador impassível, aguardava o ultimo verbo do triste monologo para bater palmas, como o truão da scena antiga.

A ampulheta do tempo corria a chegar a méta, o ultimo periodo da vida, monotono, doloroso e continuo, como o oscillar da pendula, esse automato que mede os momentos a dôr que acabrunha.

O homem n'esse intervallo cruciante nunca pôde ser um testemunho de marmore, figura de Camors pretencioso com as gandaices de Figaro, é uma oração tacita, porque o espirito turbilhona-se entre o finito e o infinito.



Ella sentara-se no estrado do leito, seu thulamo de amarguras.

O roupão branco amarrotado, deixava entrevêr a alvura dos seios, que jaculavam os ultimos suspiros... faltava-lhe a palma dos martyres para ser uma filha da lenda, como as virgens da religião... seu perfil magoado divinisava os crentes, como o busto da madona.



Ella offegava e parecia querer beber a vida, como as folhas o sereno que a noute destilla.

Segurou-me a mão, beijou-a e um tremor geral enervou-lhe a figura. As lagrimas extravasavam-lhe dos olhos, e as narinas tiritavam como as azas do passarinho agonisando nas garras do falcão, como a tecla que murmura um trinado. O genio do mal media-lhe o compasso dispar entre a lentidão da vida e a velocidade do ultimo instante.

Uma agitação energumena commoveu-a, outra renovou-lhe o pranto e a ultima asphixiou-lhe a seiba vital... ella ainda poude fallar como a corça póde lançar um ultimo olhar ao beduino que a ferio.

— Não chores... meus quinze annos... deixote a minha lembrança, thuribula-a com a saudade...

— E o teu amor, ó anjo da morte?

— Meu amor é a consubstanciação divina, o incenso da alma, que me conduz ao altar de Deus... a capella esponsalicia que a morte me arranca.

— Leva ao menos as bagas de meu pranto para regar-lhe as flôres.

— São horas... o sol apaga-se... como é sombrio o infinito... adeus, meu amigo... a eternidade...

E Deus coou-lhe pelos debeis tecidos o philtro

infallível, que abafa o derradeiro alento ao moribundo.

. . . . .  
A noite vinha correndo o cortinado de trevas pelo ermo da natureza: o sabiá esquecera de cantar o seu hymno á tarde, o lago estava sereno como as faces della, e as andorinhas chilriavam tristemente na margem do ribeirão; o mundo tambem parecia morrer!

. . . . .  
Pobre criança, flôr derreada pelo tufão da desventura, transitou como os meteoros para sumir-se entre os astros, seus irmãos.

Ainda fitei-a sobre o leito, morta, inerte, sem animação, e o tremó fronteiro reflectia-lhe a imagem saudosa no vetusto crystal.

Ella dormia como em um sonho innocente; a luz do cyrio cahia-lhe de soslaio como o realce do claro nos desenhos escuros. Os anneis dos cabellos dourados quedavam-se no collo de cysne, moldurando-lhe a formosa visagem, como a cadêa de ouro que guarnece uma perola de Ceylão.

Todos choravam ao redor do corpo livido, como um tributo doloroso á sua lembrança.

O sacerdote, venerando prelado de cabellos brancos, resava a sua prece dos mortos, e quando os soluços inquietavam-lhe a tacita oração, elle a olhava choroso, e bocejava no diluvio de lagrimas — *Sursum corda!*

## RIMENBRANZA.

### I.

E' noite minha bem amada.

Não ouves os sons brilhantes da ballata divina,  
que os anjos cantam no firmamento?

Tu dormes, e o sonho alegre poussa-te na fronte  
de neve como um beijo celeste, afastas as co-  
bertas de seda e moves os frouxos da cabelleira  
humedecida de suor.

Vellas, e cá fóra ha uma festa innocente; scis-  
mas e a viração palpita no ether aromal; sus-  
piras e as rosas brancas transcendem odores de  
volupia.

Disperta flôr!... o luar tem tanto brilho e a  
mocidade vagueia no trilho das aspirações, como  
o cysne amoroso na torrente azul da poesia  
gentil.

Tu dormitas bem sei. Castellã pudica dos lu-  
cidos devaneios, escancara a rotula magica do teu

airoso balcão, debruça-te na gelosia verde e escuta a voz festival da canção da noite.

Que te importam hymnos, quando as primaveras inquietas de teus pensares doidos, derramam-te na intelligencia fogosa os arroubos magicos de uma musica ideal?

Eu sei.... A mocidade engrinalda-te a cabeça de mytho, a lagrima clarea-te a formosa palpebra, a illusão te doura o anhelos infantil e tu vives entre os raios das esperanças, como a phantasia entre os raios do pensamento... mas escuta....

## II.

Vai tão solitaria a noute e o luar branqueja a terra, como os lençoes de espuma as ondas do mar e o reflexo da luz perlustra os vidros de tua alcova, como os rutilos do sol os diamantes da tua pulseira.

A lua... comediante do grande scenario, corre entre os bastidores azues, meneia o lume pallido e com a vista de sultana ideal, olha a natureza que transluz, as ondas que brincam e os cantores que balbuciam o amor na chorosa guitarra.

E' tudo tão calmo, como a tua physionomia quando lêes o romance de Julia.

As constellações trocam olhares de luz, com a terra que lhes dá perfumes infinitos, como amigos que se fitam na confiança apaixonada.

As brisas passam baillando no sopro invisível e as ficções imaginarias das lendas do norte dançam na esphera aerea, como duendes folgazões nos écos da serra, nas crenças do sertão.

As flôres têm a côr variante das perolas custozas: o lago o véo luminoso dos bosquejos do bardo de Morvens e os perfis das magnolias do teu jardim parecem-se religiosas de habito branco entre as columnatas marmoreas do luxuoso monasterio.

Deus como que bem diz o mundo n'este momento, porque tu dormitas e eu ensaio o preludio festivo de uma serenata feliz.

O mundo, oh!... elle é um eden de venturas e as musas alladas do paganismo parecem suspirar o dythirambo mystico em honra do deus Pan.

As mulheres semelham a figura seraphica de Graziella, a pobre rapariga, na modôrta suave que o arfar do sirouco lhe imprime, como um narcotico nos efluvios das boninas, no halito benigno dos lilazes.

E' noite minha bem amada!

### III.

Na encosta da colina, prateada pelo granizo como

o nevado amicto da noviça e bordado pelas lagrimas da timidez, destaco a sombra elegante do teu casal.

Os pombos brancos redemoinham somnolentos em affectuoso arrulo e o teu cão pula, corre e brinca ante a magica ardentia, como o guarda amigo que tutella um penhor sagrado.

E' tudo festas na noite amorosa, é tudo alegria no prateado ether.

Tambem eu esqueci as dôres de hontem, tambem vim ao convite do prazer da natureza.

Não tenho lyra mas conto ás estrellas minha confidencia, digo as auras meus suspiros e invoco a tua lembrança para iriar os meus pensamentos.

Vem, musa pallida dos devaneios ideaes e como a estrella do pavilhão azulado, debruça tuas aspirações sobre o céu de minha mocidade e lustra-me as trevas da vida com a voz seraphica de tua alma divina!

Passa no gemente bando de ficções angelicas, no espelho fulgido da laguna triste a ballada mystica da noute que ambúla no manto do luar espreitando as perolas doiradas da manhã, que sonha o hymno festivo nos seios humidos do arrebol.

Talvez, entre a palpebra somnolenta e a união dos labios, que recebem o bafejo calido do teu respirar tranquillo, tu penses estatica nas paginas doiradas do romance innocente da tua inclita juventude.

Apertas o peito entre as mãos dormentes e do ninho embalsamado de tuas mais bellas sensações,

sahem-te as figuras doiradas do teu futuro, os anhelos gentis da intelligencia vascillante, pareces abraçar o corpo fugace que a phantasia te desenha e... criança loira... só deparas a chimera e um epilogo que te faz rir.

Depois, como a criança ingenua da serenata de Uhland, tu scismas e os anjos brincam contigo; dormes e o silencio infiltra-se nas aras galantes de tua camara nupcial, mais languido e macio do que o velludo odorante do edredon e ficas solitaria, rodeada da treva odorifera como a estrella entre os circos negros da noite vaporosa.

E's uma poesia melancolica.

Ahi meu imaginar te procura, como a alma sequiosa de vida procura as reminiscencias passadas no ultimo adeos a vida que foge, na primeira saudação á morte que apparece.

Então vivo em ti pelo imaginar e, como o poeta louco do romance de Kar, esqueço os disturbios do infortunio diante da sombra divina que minha cabeça enthrona.... mas eu tenho uma confidencia, ouve-a...

#### IV.

Quero fallar dos nossos amôres que morreram, quero revivel-os na hora amarga das recordações inglorias, quando o som macio de tua voz angelica me acode, como na timidez das primeiras juras.

Deste-me o paraíso em uma palavra e eu dei-te a alma em um beijo.

Tua belleza era uma lei eterna da arte, porque sempre fui crente diante de ti; eu era um sacerdote a teus pés, e o amor a zona ideal, onde corriam as constellações fulgidas dos mais puros anhelos.

Ao teu redor abriam-se as rosas, como risos frouxos de uma juventude feliz, e as violetas de Parma embalsamavam o ambiente aristocratico, onde respiravas as fragancias celestes dos sonhos bellos.

Teu corpo era inquieto como teu pensamento e tua alma simples e pura como o teu vestido branco; a gloria radiava-se para ti no primeiro aspirar de teu grande coração e o amor abraçava-a, como parte integrante d'essa idéa ingente...

Era ao teu despertar...

Encontraste-me na amurada do caramanchel,ias dar de comer ao teu canario e o precito da liberdade já te chamava batendo as aureas azas, pipilando por te vêr e querendo quebrar o gradil esverdeado do elegante *chalet*, rias-te de tua caridade inconsciente, allegravas ao pobre cantor e eu te bem dizia, como a um anjo do céu.

Enfeitaste-lhe a cadêa lustrosa com o botão elegante de uma camelia branca e elle saltava espiçando no sonoro chilro, as humidas petalas da humilde flôr.

Como eras divina n'aquelle momento!



A natureza era bella como uma noiva, o sol dourava-lhe o auriflamma e o orvalho branquejava-lhe o sumptuoso perfil.

Cantavam os passaros na colina, e os cortinados de luz pallida apagavam as nuvens do céo.

Era a hora classica em que os amantes se devem separar, viste-me, tremeste e fugiste pelas alléas do jardim, como a ondulação dos perfumes agitada pelos torvelinhos da tarde.

Foste estudar o teu piano e eu fui rever as corôas desbotadas de uma esperança profanada. Ainda marquei os meus passos ao ruido do teu recitativo, que rebentava das teclas como o grupo de genios, os quaes a intelligencia de Max entrevia nos arroubos do Paganini!

V.

Foi no salão, no meio das festas que te fallei.

Chamavam-te rainha, e eu te dizia musa; faziam-te versos, e eu escrevia um epitaphio; falavam-te em novellas amorosas e eu te dizia o futuro na prophecia das lagrimas... por isso me deixaste como a um imprudente.

Não... eu vinha de um passado triste e não queria a tua juvenescencia para conjuge de minhas infelicidades!

Meu passado é como a alga-marinha, que se en-

cobre nas massas do oceano e refulge nas calmas do solsticio, elle se esconde nas magôas que o nevôam para transparecer de relance no doudo arfar de alegrias passageiras.

Eu era o homem do passado, porque era o phantasma do infortunio, tú eras a alma do futuro, porque parecias o ideal da felicidade, que dorme nos corações saudosos.

Junto a ti só podia balbuciar o crebro *requiem* das grandes agonias e nunca a saudação alegre dos bellos alvoroços.

A noute não pôde saudar auroras, assim como estas não podem fulgir entre os sonhos pesados das tenebras maculadas.

E... tú eras a aurora da mocidade no meio das galas dos annos felizes, e... eu era a noute das realidades fataes no mundo imaginoso do meu coração.

Por isto eu te fugi, ó pallida moça... entre os raios do luar e a folia dos homens prodigos; *condottieri* dos sentimentos, não podia ser o leão do mago solar onde a vida te corria como as pal-pitações da ventura.

Esta scena melancolica morreu como a ultima petala da camelia de tua cabelleira. E' a saudade que me faz lebrala, ó minha bem amada!

## VI.

Depois... oh!... recordas-te minha bem amada?

Foi em pleno luar de Agosto; no meio do mar; ao som do clarim dos ventos; ao mavioso concerto dos canoeros; sobre o friso prateado das bellas ardentias e sob um kiosque de velames e cordagens movedição, ligeiro e alegre como a ventura!

Soltaste as tranças á volupia da ventania e cerraste os olhos á volupia da tristeza.

Nosso barquinho voava como nossos pensamentos e nossas almas embriagavam-se como as seareias no dançado nocturno, como as ondas no crepe da noute, como os ideaes nas solidões infinitas.

Corria um perfume de ambrozias e alcatrão sobre nós e a vela movia-se ao beijo das brisas como a aza das alcyones e, o timoneiro olhava o rumo como Colombo espreitava a immortalidade.

Descerraste os olhos... viste o amor palpitante, a figura angelica das inspirações risonhas, e espalhaste pelo espaço as notas divinas de uma barcarola italiana.

As auras corriam como divinos *diletanti* para te escutar, sacudiam-te os cabellos para estes te applaudirem tambem e iam segredar o teu canto suspiroso aos bandos de genios invisiveis, ás ondinas, ás tempestades, ás auroras, e aos anjos pallidos das vigílias seductoras.

As estrellas alcandoradas ao redor da *via-lactea* pareciam os olhares de Deus a contemplarem-te o perfil artistico; eram o jorro de luz com que o grande autor illuminava o teu scenario explen-

dido, lubrífica sacerdotiza, musa sympathica das mocidades festivas.

Como Vellêla prendeste os remos e impelliste o barco ás oscillações do oceano e, elle corria ao teu impulso como o amor sabe correr ante o perfil da mulher adorada... e beijando-te as tranças revôltas, murmurei-te aos celicos ouvidos: Ave musa!

E nós corriamos... corriamos... para além... para o infinito, para os sonhos, para o paiz azul, para onde correm todos os amantes, por onde vagueiam todas as illusões que nascem...

O arrebol veio rebentar sobre nós sua doirada inspiração, a luz veio dar pausa ao delirio amoroso e o dia findar o drama, que as trévas esboçaram.

Voltamos e tú choraste na despedida, volvi ao oceano dos homens e beijaste-me a fronte, palida moça, ó anjo do meu amor!

## VII.

.....  
.....  
.....  
.....

## VIII.

Tinha deixado contigo todas as minhas espe-

ranças, tinha trazido as melhores recordações de nossa festa ao relento.

Depois a felicidade mostrou-me o Calvario, e tú me déste para conforto a esponja do desengano humectada pelas lagrimas do arrependimento. Fugi-te e desviei-te, louca manóla, para que as minhas chimeras, as mais adoradas mariposas de minh'alma não se queimassem, como as tolas salamandras nas anceadas labaredas do teu regalo desesperador.

Meu coração, em vez de tua imagem, levantou no seu lugubre cemiterio o tumulo sombrio de suas mais bellas saudades; tumulo de heroismos e enthusiasmos rodeado pelos anjos pallidos de suas tristes illusões e... meu pobre coração foi pedir ao sentimento o orvalho das lagrimas para regar-lhe os cyprestes inglorios de seu aspirar, e a héra venenosa de sua douda desesperança.

O amor, a crença, a magôa e as mais anhelantes ambições do ideal esculpíram-lhe nas sandosas e solitarias paredes o epitaphio dos infelizes com distico melancolico dos sem ventura, com o — *adeus* — ... com o *adeus*!!

.....

Fica tranquillã, ó ave fulgida dos idyllios alegres; ó doce e magnetico perfume de minhas noites estrelladas, repousa a cabeça seraphica nas almofadas do teu leito, e sonha com as galas da primavera encantadora, da primavera perfumosa; scisma com as manhãs e com as ondas gemedo-

ras, pensa nos suspiros das brisas que brincam nas balseiras e nos corações das florestas, ondeantes de aromas virgineos e de bulícios amorosos; pensa na natureza e nos arcanos, nos passaros e nas flôres mas... não te lembres de mim!

Ah!... não te lembres de mim! Chamo-me a noite, minha primavera é a bohemia, meus arreboes são os fogachos amortecidos que cercam o feretro de minhas illusões e minhas brisas aromaes, os meus divinos murmurios são as vozes das serenatas ao luar do sertão, a cantiga do pescador nas viravoltas do rio e as canções da noite que os sylphos escutam, que as estrellas contemplam e que as sombras applaudem!

Eu... bohemio errante, como o madrigal andaluz, guardo tua memoria e corro vagabundo pelo ermo, pelas trévas, pelo inferno das desillusões, doido como aquelle cancionero italiano á bradar aos homens, aos céos e aos delirios da phantasia: *rimenbranza, ó rimenbranza felice!*

## A SENHORA LANCETA.

AO POETA DA — TRIBUNA ACADEMICA —  
OLIVEIRA BELLO.

E' uma scena da meia noite, que a imaginação confusa crystalisa tremulamente no papel, escutando o arrepio nervoso dos bicos da penna e a ballada monotona das mariposas que batem nas vidraças, como mendigos de luz.

Foi ha tres noites... lá pr'as bandas do cemiterio. O relógio marcava o numero *doze* do seu mostrador, as estrellas recolhiam-se nos cortinados enegrecidos do céu, e a lua, a susto, derramava um raio semimorto por entre os galhos dos cyprestes e sobre os lagedos alvacentos das catacumbas.

A noite era fresca, a garôa circulava no ar e o mocho gemia uma cavatina de afflicção nos compassos selvagens, que a voseria do vento despertava pelas moutas e vallados.

Eu caminhava no meu cynismo de *touriste* para procurar no manto das trévas, ao menos o fogo fatuo de uma chimera desesperadora, que a phantasia excentrica de Baudelaire me fizera prever.

Durante o dia o homem ri, a luz secca a lagrima e o seu reflexo sombrêa e aclara os traços da desesperança; mas de noite.... tudo convida a chorar, a escuridão é a urna eterna onde os desventurados vão vasar as cataractas do pranto, que a sociedade não vê e não comprehende.

A noite é o paraíso dos infelizes, a noite é o lago refrigerante que mata a sede aos israelitas, que as decepções da vida exilam do lar. E' a festa eterna da embriaguez, da embriaguez do espirito e da alma, do sentimento e do delirio, da natureza e do espaço.

E' pelo scenario trevoso que se dialoga com o espirito invisivel, apalpa-se-lhe as legendarias cicatrizes e beija-se-lhe o senho amaldiçoado, como a um consocio de infortunios, respira-se-lhe os vertiginosos perfumes, palliativos sensiveis da morte e da vida, do riso e da dôr.

A esta hora elle não salta aos olhos com os andrajos do precito, não.... é o anjo ignoto das insomnias estheticas, que vôa do palco enorme das tradições más para humanisar-se nas fórmãs angelicaes da caridade biblica. E' o companheiro e o amigo, o guia e a tutella, é tão nosso como o bordão pertence ao peregrino, a idéa ao craneo, a verdade á consciencia. Por isso o poeta deu-lhe



a parábola mystica da religião, como aquella que a igreja balbucia no hymno contemplativo da mulher do Calvario.

« Ave Satan ! Tem piedade de minha longa miséria ! »

Eu caminhava pois nos delirios de um scepticismo em materia de coração. Por mim passavam, como mentiras phantasticas, as theorias e os principios d'essa philosophia imprestavel, que inutilisa a razão dourando-a com atomos de fé e desnortando-a nos anhelos de uma esperança sedicã.

Adorava o atheismo e o céo me argumentava com o escuro e com o relampago, divinিসava o fatalismo e a humidade deteriorava-me a saude, sonhava o individualismo em questões de artes e de ideias e... o mocho além tartamudeava no som plangente de sua garganta augural, como que um *requiem* pesaroso ao ideal originalissimo, que minha cabeça meditava.

O' trévas, noivas fugidas do hymeneu mysterioso, vós que revoluteais a sonhadora cabeça nas almofadas negras do infinito, como os esplendores da aurora boreal no seio frio da zona pollar, cantai, dançai, folgai. No vortice da loucura phrenetica Satan, como o Neptuno das tempestades, virá enlaçar-vos a cintura preta, medirá o metro a tarantella infernal e eu, espectador enthusiasta baterei palmas... como é de costume fazer-se ante a lagrima das actrizes nos dramas sentimentaes.

Afigurou-se-me ver, sentado em um banco de pedra, o filho maldito da legenda pagã carcumido de velhice e de desgraça, sacudindo pelo suor da physionomia secular os factos sangrentos da historia e soltando pelo bafo anhelante da suspirosa respiração os apodos dos miseraveis e o cantico dolorido de todos os infelizes.

Depois quasi distingui por detrás, aquella fronte condemnada do verdugo eterno, tendo as serpentes da Stygia enlaçadas aos aneis da cabelleira de fogo, sybillando, volvendo os olhos phosphorescentes, como os labios de Plutus, pedindo ao remorso a sua mais pungente ballada para entrecortar os ares com o seu concerto de dôres e de amarguras.

Boa noite, ó musas do mal... Boa noite, genios da desgraça, abracemos-nos n'este sudario de trévas emquanto os homens bons sonham com a virtude e os reprobos com o vicio, embriague-mos-nos com o orvalho do céu, que é a lagrima das constellações, essas mumias de brilho que se reclinam nos bastidores das nuvens, como as cortezãs das orgias no *divan* avelludado do alcouce.

As minhas ficções sumiram-se... um relampago desdobrou-se no espaço... o vento ullulou nos penachos do taquaral e a luz do meu charuto opiado eu distingui dous grandes olhos, que me fitavam no extase da imaginação que busca uma saudade fugitiva.

Eram os olhos de uma mulher, que á meia-

noite recostava-se no banco de pedra de uma rua deserta e idealisava...

Era uma figura alta e magra, toda de preto, com um rosario pendente da cintura, um chapéo de feltro estragado, com os labios de um rubor e verniz admiraveis, as faces descarnadas, as mãos delgadissimas, como as de um esqueleto, os olhos cheios de brilho e febricitantes, os cabellos grisalhos e accomodados em um trouxa de rendas pardacentas e os pés mettidos em uns largos sapatos, como as bermas ferradas dos harpistas sa-boyardos, ella ria-se e ás vezes chorava, como a *Mulher Vampiro* dos *Contos Posthumos*.

Pelo semblante phantastico e aterrado corria-lhe um tremor de excitação nervosa e a sombra de uma melancolia mortal; arregalava os olhos para o céo e de quando em quando limpava a perola do pranto exterior com um lenço preto.

Esta mulher trouxe-me a idéa de um romance de bruxas, um episodio de Hoffman e da *Dona Bystoury* do cantor das *Flôres malignas*, era uma perspectiva saudosa e sympathica da tia Philomela do Julio Diniz. N'ella estavam pintados os mysterios do soffrimento, as commoções da loucura e o sombrio das legendas phantasmagoricas; recordava a pintura espantadiça da fada mortuaria, com a róca descansada nos quadris e desfiando a estriga da vida no seu fuso pavoroso, como rodoinho do inferno.

A principio julguei-a mendiga sem enxerga e

sem lume, depois uma louca fugida do hospital, a somnambula transviada, a barregã decrepita... mas ella deu-me as *boas noites* e fez-me sentar ao seu lado.

Fiquei frenetico, quando senti-lhe as mãos magras e secas chocarem as minhas, e o meu charuto parecia-me exhalar não o balsamico perfume do tabaco, mas a baforada de enxofre e alcatrão, como dizem ser o respirar de Satan e o bafejo das aragens do Lethes.

— Então o que faz por aqui? O ar é frio, a noite humida e o céu escuro.

— E o senhor o que faz?

— Eu... ando phantasiando .. descri de Allan-Kardec, adorei Cagliostro, zanguei-me com Van-Elmont e quero ver se encontro o diabo por estas paragens, ou algum amigo já fallecido, para poder acreditar na metempsychose.

— Já sei, um *spleen* da moda...

— Não... dizem que o diabo dá uma entrevista ao lado d'aquelle esqueleto do portão do cemiterio, a estas horas; que os tumulos acendem ardentias fatuas, como nos palacios onde se dança, e que os mortos ficam em recreio; quero ver isto... porque preciso commoções fortes e minha musa anda com pendôres sympathicos para as cousas da morte.

— Engana-se... não vá perturbar os mortos, elles precisam de orações e a lampada da capella necessita de uma esmola para o seu oleo... não en-

tre... ajoelhe cá fóra, concentre o espirito na ampulheta que o esqueleto tem segura e depois... vá descansado porque festejou a Deus e a consciencia.

— E' justamente o que não quero... preciso ver o diabo, dá-me noticias delle? Quero dar-lhe um charuto e pedir-lhe a inspiração de um romance tenebroso; e garanto-lhe, á fé de escriptor aspirante, que a senhora ha de ser a musa do meu idyllio, ou tragedia diabolica. Desculpe-me, preciso conhecer ao diabo, quero ver se S. João foi artista quando pintou-o no Apocalypse.

— Não me faça descreer de si, deixe esta aspiração postiça, que é uma injuria ao seu bom senso, escreva sobre os medicos, elogie aos medicos, peça protecção para os cirurgiões, divinise a therapeutica e a cirurgia, que a sociedade bemdirá a sua memoria.

— Os medicos... os homens da sciencia, esses que trazem a caridade e o talento como apanagios do seu mister... ou os sandeos de Mollière?

— Uns e outros... depois que o Christo morreu elles ficaram sendo seus apóstolos...

— Protesto... e rio-me... não me consta que os apóstolos deitassem cataplasmas, sangrassem a gente e pedissem dinheiro para salvar os pobres e os ricos... estes apóstolos pseudonimos estudam transacções durante seis annos e augmentam o capital sobre as dôres dos outros, sobre a vida de seu semelhante, são como os usurarios, as

moedas vem-lhes envoltas nas lagrimas e no desespero dos infelizes.

— Por quem é, não falle assim... pergunte as almas quem mattou-lhe as agonias, pergunte ao enfermo quem enchugou-lhe o pranto, pergunte ao soffrimento quem afugentou-lhe a morte, pergunte a tudo que soffre, a tudo que vive no mundo moral, pergunte-lhes pela salvação e tudo lhe apontará o medico com a lagrima agradecida, estancada na palpebra cheia de vida, no coração reconhecido, o senhor blasphema...

— Não... desconheço este verbo, nós os bohemios rimos-nos, porque não somos ingenuos... se eu fizer esta pergunta que agora me pede, tudo me responderá — a fé! Desde o infante até o ancião heide ouvir dizer que o medico é a tisana e o cutello, e que a sciencia d'elles é um mixto de sangue e de miasmas, de cynismo e de palpitações alegres diante dos gritos e das imprecações dos doentes.

— Basta senhor... diz uma herezia... no bistouri, no gume de aço da lanceta caridosa está a salvação, no estojo está a vida, na receita o ideal da humanidade e no boticario... Oh!... o boticario é uma especie de S. Pedro, que com as prateleiras de drogas abre as portas da vida aos eleitos da therapeutica.

— S. Pedro renegou tres vezes ao mestre antes de cantar o gallo mas... o boticario renega a caridade, renega o emplastro e o lachante, renega

essa salvação apocripa na tabuleta do gamão, nos naipes da bisca seductora, no variado thema da vida alheia; eis-aí o boticario, é um cosinheiro de xaropes e nada mais.

— Falla assim, porque está influenciado por uma comedia chula, que ha dias anda fazendo rir aos espiritos mãos... eu tambem a vi, depois do riso parvo do publico, que os cartazes dizem illustrado, fui chorar, chorar muito; porque os tres actos d'aquella apothese ridicula era a suprema infamia da caricatura imbecil sobre o amicto inefavel dos filhos do sacrificio.

— Bofé! que agora esteve eloquente... mas lembro-lhe o vulto respeitabilissimo do Dr. Sangrado, o porte *nec plus ultra* do colossal Dr. dos Cães, aquelle faceiro Dr. Oneida e essa fileira enorme de charlatães, que lembram-se da sciencia mediante o suor do pobre e as dissipações do rico. O medico de hoje cóta a vida e arvora-se banqueiro, Hypocrates, o pae d'elles, foi um simples proletario.

— Não maldiga assim... se crê em Deus, creia nas minhas palavras; sou uma mulher fanaticca e excentrica; já fui *Irmã de Caridade*, hoje adoro aos medicos, como o senhor ao charuto e á mulher de seu coração, como Lucrecia Borgia ao veneno, a andaluza ao punhal e Marion ao amor. Amo-os porque são um dualismo, representam a vida e a morte...

— Sobre meu coração, silencio, está tão sereno

como a noute hybernal... sobre meu charuto... amo-o tanto como a senhora aos medicos, e quanto ao mulhero: eu as odeio em geral, como os cirurgiões aos curandeiros e as bruxas aos padres foliões.

A minha interlocutora suspirou convulsivamente ante minha rajada desconsoladora sobre o mulhero. De sua caixa thoraxica sahio um grito agudo e sibillante no espirro constipado, a que ella acudio com as azas escuras do lenço preto impregnado de um perfume bituminoso, em seguida enxugou o suor da fronte, cruzou as pernas, poz-se a olhar para o horizonte e a receber o friso gelado da garôa, como o corpo sequioso do ar que bebe-lhe os haustos.

Lembrei-me de um romance allemão, onde se narra: que na Bohemia haviam umas mulheres monstruosamente feias, especie dos noitibós, que dormiam de dia e procuravam a noite para entreter os vagabundos com advinhações e prophcias. Olhei-a n'esta supposição e pedi-lhe para advinhar-me o futuro.

Ella fitou-me sinistramente e arguiu-me em tom magoado:

— Não sou bruxa... não escarneça de uma pobre mulher que encontra a sós, a estas horas, tendo a sua dignidade e character como tutella, não me julgue louca, penso e penso muito bem, tenho só uma molestia, é a medico-mania.

Tive pena da velhusca, sentei-me ao seu lado



e offereci-lhe um charuto. Ella aceitou-o, e vasculhando uns alforjes dependurados nas ilhargas, tirou um instrumento cirurgico e picou miudamente o meu pobre *colorado*. Attento em todos os movimentos, vi-lhe sahir dos seios uma caixinha de phosphoros de enxofre, e após... um cachimbo da Allemauha. Os atomos do charuto foram cautelosamente arrumados no fogão respiratorio, ella chupava o cano de argilla escura e com o polegar da direita comprimia a massa do fumo, que se levantava com a agitação do sopro.

— Então fuma ?

— Os medicos usam muito do tabaco por causa dos miasmas nas dissecações, a nycotina tem-me preservado de molestias fataes, é hygienica e saborosa.

Offereci-lhe os meus phosphoros e ella não accitou.

— Obrigada... aprecio os meus que são de enxofre... o senhor bem sabe que o enxofre é medicinal e um bello antidoto contra as erupções de pelle e molestias herpeticas.

Aceso o cachimbo vi scintillar pela luz uma cara toldada de fumaça e com um letreiro perceptivel na volta do gorro, nos miolos da physionomia ella depositára o fumo, perguntei-lhe de quem era a carêta do cachimbo ?

— Esta cara é a de Hahnemann, o inventor da homœopathia; é um malvado, foi o maior attentado que os homens tem commettido contra a sabedoria dos allopathas.

— A senhora então calcina-o com fumo queimado, ó Pythonissa da medicina.

— Sim... se ha inferno elle está lá, eu apenas borro-lhe o senho com sarro e fumaça...

— E os charlatães applicam as suas comicas dinamisações com esperanças de cura.

Ella consubstanciou até a ultima fumaça e disse-me tristemente, com pezar.

— E' tão tarde e elle ainda não passou.

— Elle?... Bravo Julieta!... algum cavalheiro de ballada, que ama de noite e canta melopéas, e quiça... algum padre esmoler que anda remindo as almas que dormem fóra de casa?

Continue que a comedia não vai mal.

— Como se engana... os meus cabellos brancos respondem a sua malicia. o amor agora anda se-gredando com a loucura nas travesseiras bordadas das imaginações felizes, enquanto que eu espero um homem e quero um favor.

— Já sei uma subscripção para a missa das almas... um sermão beatifico ou um recado de Dulcinéa a D. Quichote sem venturas.

— Nada disto... o Dr. X\*\*\* tem de passar por aqui, vem de vêr um doente e eu quero pedir-lhe o seu retrato no systema *bomb'es* e o seu nome no meu album.

— O retrato e o nome de um medico, quer os meus?

— Nunca, tenho o busto dos medicos celebres, pregados a ossada de dous esqueletos, e o seu nome no meu livro de notas...

Ao galgar o batente um perro malhado e um gato amarello, sentimentalmente magros vieram fazer-me as honras da salla. O cão gania em um tom rouco e agoureiro, o gato miava em compasso, como dous artistas que modulam os sons e afinam.

Atirei um pontapé no fraldiqueiro e entrei na alcova, ou antes no labyrintho.

Estava no templo de uma sacerdotisa myste-

a. <sup>giff.</sup>  
L as paredes pintadas de cal escuro, tinham como as molduras de mogno e de frisos dourados, opio ros á porta do corredor viam-se dependurados dous quadros abertos em agua-forte, grandes e expressivos, eram umas visceras de criança com os tecidos bem esboçados e as particulas de uma saliencia colossal, por baixo da gravura estavam uns letreiros em caracteres gregos, e a um canto escripto a lapis — *Muséo de Cambridge*.

O outro era um coração com todas as arterias, enormemente horroroso, a pintura tinha um quadrado de luto e um véo de escomilha sobre o desenho: o seu letreiro era — *Maldição*.

Nos cantos da janella, perfillados sobre columnas de metal, horriveis e repugnantes permaneciam dous esqueletos dissecados, com os ossos de uma alvura celeste. Nas juntas do corpo estavam collados retratos photographicos, lithographados e abertos em chapa; entre as pernas junto ao rez do chão, estavam os leitos do cão e do gato; nas

cabeças tinham uma touca de mulher e na cintura enlaçados dous velhos *cache-nez*.

Uma commoda de lavor antigo e aldrabas amarellas tinha sobre sua mesa duas caveiras e dous candieiros. Por cima da porta por onde entrámos existia uma pintura em ponto grande, era um Mercurio mythologico com azas nos pés, nos braços, e uns felpudos bigodes. Em vez da legendaria serpente, trazia na mão uma espatula: parecia o Mercurio desenhado por algum discipulo de <sup>1ro</sup>garth, o artista brincalhão.

No cimo da outra porta havia um <sup>re-</sup>pharmaceutico de vidros, balança, thesour<sup>as,</sup> e pillulas.

A mobilia era a commoda, quatro cadeiras antigas com espaldares de couro e bordadas de tachas, um sophá do seculo passado e duas pesadas voltarianas, de cujo velludo não pude perceber a côr e os arabescos.

Aquillo não era uma casa, era um templo mysterioso.

Sentia alli o mesmo estremecimento que um drama sanguinario de Shakspeare me proporcionou em annos passados. Aquella casa me parecia um quarto de mysterios e sacrilegios, como os do palacio da fascinorosa Lady Macbeth, havia n'aquelles paramentos excentricos, n'aquella originalidade nunca vista uma descripção, uma scena exquisita do heróe de Marlowe.

Tudo que a intelligencia humana tem produ-

zido de profundo e mysterioso, de phantastico e incomprehensivel, foi por certo inspirado n'uma camara pavorosa como aquella. Desde os desvarios metaphysicos do craneo enlouquecido de Edgar Poe, até o mytho social das extravagancias de Kerner e Erkman, dos segredos da imaginação oriental, até as lendas sombrias da raça goda, tudo chamava o silencio e a observação para aquelle palco exquisito, para aquella mulher original e surprehendente.

Li algures, que os apaixonados pelos extasis do opio e do haschiseh, soffrendo no idealismo uma reacção profunda, consequencia irremediavel de disturbios imaginarios exercidos pelos narcoticos, tinham a idéa effervescente na concepção de seus ideacs.

A *Senhora Lanceta* parecia estar nesse caso.

Magra, coberta de rugas, com a epiderme de um verniz fóra do natural, olhos rasgados e muito nervosa, semelhava-me um temperamento fraco e dominado pelos excessos da fatal paixão, que immolou a Baudelaire e Quincey, no goso futillissimo das voluptuosidades artificiaes, dos spasmos e sensações fatalissimas á idade e ao cerebro.

Com certeza a pobre vivente dilluia o opium na agua ou no café e a nevralgia perturbava-a na excitação dos sentidos e do ideal; demais, como *Irmã de Caridade* talvez o jejum, o cilicio, as vigílias, os extases contemplativos do côro, das vespersas e as macerações do corpo alienassem-lhe a

perfeição intellectual e a congregação religiosa trocasse pelo absurdo da beatificação illusoria, a loucura ou o idiotismo.

Em qualquer das hypotheses se perdia o meu espirito e comecei a condoer-me da impertinente e maniaca mulher. *Lanceta* já não era um divertimento que encontrei na rua, era um thema de compaixão e objecto de estudo. Se tivesse um principio rudimental sobre a influencia dos phenomenos phrenologicos e alguma theoria dos systemas de Gall e Lavater, com certeza, hoje a teria classificado, por emquanto ella só pôde definir-se pela duvida.

— Então, vive aqui sósinha, n'este amphitatro de anatomia, acalenta a velhice entre craneos, ossos e esqueletos, e onde está a religião de que ha pouco me fallou?

— Eu lhe mostro.

Puchou uma cortina azulada que tapava a porta central, e pude ver na cabeceira de um leito velho e poeirento, o Christo, os Santos e differentes imagens. Sobre um cabido assomava a touca alvissima das filhas de Vicente de Paula sobreposta ao classico e infallivel vestido azul. Uns brevarios e livros de orações, rosarios e cruces de madeira estavam convenientemente collocados sobre uma pequena mesa de pinho, ao lado do leito.

Como combinar-se estes apparatus da religião externa com os accessorios materiaes da sciencia medica?

Correu a cortina e deu-me uma cadeira. Tinha baixado o panno ao entre acto, que minha avidez desejava comprehender té a ultima scena.

— Agora vamos ver os meus medicos....

— Ainda não.... desejo alguns esclarecimentos sobre a senhora, se póde dal-os é favor.

— Chamo-me Maria Lanceta, fui orphã em uma pensão das *Irmãs*; fascinei-me pela austeridade da vida e professei aos desenove annos. Servi sempre no *Hospital de Doulos* rodeada do respeito dos facultativos, e alli fui divinizando-os, pelos prodigios e milagres d'aquelles santos varões.

— Engana-se, os milagres não se operam com banhos na nuca e camisollas de lona....

— Perdõe.... não falle assim.... depois de acerbas torturas, jejuns forçados e penitencias inauditas, vendo minha mocidade succumbir nos preceitos inhumanos das regras claustraes, orphã, sem patrimonio e herança para legar á ordem fui coagida a dispir o habito. No dia do meu afastamento a physionomia d'aquellas mulheres do Evangelho perturbou-se contra mim, e as virtuosas matronas, sem piedade alguma, mostraram-me a rota de Agar.... parti, nem me quizeram dizer adeus as....

— *Irmãs de Caridade*....

— Fui amparada por um medico, tratada por outro, um deu-me posição, casou-se comigo, outro acompanhou meu marido ao ultimo jazigo, outro garantio minha velhice, e o ultimo, que é o

Dr. X\*\*\* que eu esperava, dá-me esmolos de quando em quando.

— Ah! Já vejo... é uma mendigante, que encobre, n'essa originalidade hypocrita, alguma cousa de merecimento policial.

— Nunca mendiguei... prefiro morrer por ahi, n'uma enxerga, faminta, sem um lençol, do que estender minha mão á caridade de alguns e á perversidade de todos. O martyrio fortalece a crença, antes martyr obscura, do que ter o titulo das mulheres de touca, para quem o diabo reunio em synonymos a caridade e o egoismo.

— Satisfez-me, continúe...

— Vim da côrte para aqui... installei-me n'esta casa ha doze annos... os vizinhos não me conhecem e pouco se importam de minha pessoa...

— A proposito, não ha por aqui alguma republica de estudantes?... uns bohemios... especies do Cuvier, que sabem qualificar os typos?

— Ha, no cimo da rua... quando passo, elles me chamam Ballãa feminina, e quando adoço é a bolsa caridosa d'esses rapazes, que me levanta do leito.

— Bravo! Sou todo ouvidos.

— Estes esqueletos foram legado de meu marido, eram a sua paixão, como agora constituem a minha. Conservava-os para meu filho, que estudava medicina quando soube que elle morrera assassinado no Paraguay. Vivo assim... conto os annos pelos dissabores, e minha alma chama-se



soffrimento. Vivo pobre e esquecida, como a valla commum do cemiterio, bebo as lagrimas dos tormentos, e sinto n'esta solidão, que os ventos da desgraça modulam a nenia funeral na harpa sombria de meus cabellos brancos.

Ella aqui chorou, havia uma divina compunção na palavra e nos gestos de *Lanceta*.

Na verdade, é humilhante a tristeza da velhice sem a dourada tradição dos tempos idos. Viver-se ausente das bellas illusões da mocidade que sonha, que brinca, canta e dança a imaginação ridente nos prismas iriantes das primaveras da alma, é doloroso, é a morte continua e immutavel, a transparecer nas sombras puras do ideal folgazão.

Aquelle perfil acabrunhado, que tem as phases do martyrio e da mortificação na sua kalenda eterna; cujos seios nunca sentiram o calor amigo, cujo coração nunca respirou o aroma sanctificado das celestes alvoradas e cujos pés sempre calçaram as sandalias insipidas do claustro, cujos cabellos não esvoaçaram no galope dos dansados a trocarem perfumes com as ondulações do salão, alli estava nervoso e contristado, como o adeus perdido do preceito que morre, sem o funeral de uma só lagrima por si.

A infancia, passou-lhe como a noite de inverno, monotona e acabrunhadora, sem o riso, sem as doidas alegrias da innocencia brincalhona. A mocidade nevoou-lhe as esperanças gentis

diante do avental de servente, no refeitório de uma corporação religiosa... em vez do *bouquet* e da capella nupcial entregou-lhe o rosario... em vez da *vollata* e do *duetto*, da canção e do *allegro* ensinou-lhe os sons mortuorios do cantochão... em vez do amor e das aspirações offegantes do coração deram-lhe a gritaria da loucura e o turbilhão clamoroso das imprecações dos desgraçados.

Pobre mulher, nunca a nuvem côr de rosa das bellas esperanças derramou lhe um raio sympathico no corpo soffredor e na alma congelada de sua infortunada mocidade. Eu te saúdo, espirito incubado nos extases dormentes do teu respeitavel infortunio; nunca teus labios tocaram as bordas da amphora *crystallina* do prazer innocente, da loucura perversa. Por isso, lembrando-me de ti eu asylo os meus pensamentos que gravam-se na dôr, sob as rugas venerandas do teu semblante inundado de cans, repleto de decepções, ó peregrina vidente, cuja alma é o tormento, cuja aspiração é a morte!

Havia pesar em mim, tudo que era triste passava por meu imaginar como onda tempestuosa. Lembranças de dôres, devaneios da embriaguez spleenatica, saudades voadas do ninho embalsamado de um coração amigo e suplantadas no tumulto esqualido de um impossivel terminante. O riso infantil de uma moça alegre e leviana, sua prodigalidade affectuosa e o gargalhar sceptico de um infame Lovelace, abutre humano que cevou

a miseravel inspiração na inconsciente moralidade dos poucos annos da victima.

A associação de idéas, esse phenomeno da psychologia, trazia-me toda uma historia, escripta na camara lugubre dos sem ventura, acompanhada do concerto pungente das cantilenas de infelizes, do duetto selvagem das dôres energumenas e das blasphemias do ebrio.

O typo de *Lanceta* era uma fatal associação de idéas más!

— Não chore tanto... olhe a resignação; dia virá em que póde sahir d'esta obscuridade e então o momento feliz far-lhe-ha esquecer os dissabores do passado.

— Momento feliz!.. nunca o tive... o anjo do mal não roça as azas pelo coração dos ditosos... espalha o flagello e colhe victimas, impelle e serve de para-quédas, beija a infancia e contempla a velhice annegrada.

— Isto é fatalismo... e onde está o preceito da philosophia sagrada, cuja premissa é o martyrio e cuja conclusão é a bemaventurança?

— Assim dizem os idealistas da igreja; eu sou positiva, prefiro o realismo em toda a sua manifestação, a titubiar na louca aspiração do incognito. Essa felicidade futura, iriada pelos prismas de promessas excitantes é uma utopia, que os homens do burel prepararam para o recreio dos ignorantes, é um principio fraco para garantir um servilismo pesado.

— Onde aprendeu theorias tão aberradas ?

— No claustro, no meio dos representantes do Christo. Elle proclamou a igualdade dos seres e seus filhos mais dilectos criam a aristocracia, elle manda a pobreza e as ordens são proprietarios abastados, elle morreu pela humanidade e os padres matam em seu nome, foi enterrado em um sepulchro obscuro e seus agentes descansam em sumptuosos mausoléos, elle nada tinha de seu e os conventos armam a justiça civil para arrancar o ultimo quinhão das viuvas...

— Basta... isto que a senhora diz: pensa-se e archiva-se na consciencia, nunca se falla... um ponto final n'esta questão ?

— Para que me provocou a isto ?

— Basta... tenho o espirito sorprezo desde que a encontrei, preciso conhecê-la; vejo que não é uma mulher vulgar... continuemos no amavel colloquio...

— Continuemos...

— A proposito ainda não se deu ao estudo do espiritismo... não segreda com os espiritos, não lhes falla !...

— Conheço-os todos. Sómente os incredulos lembraram-se de escarnecer do mais eminente sacerdote do culto invisivel. E' tão verdade a sciencia de Kardec, como verdadeira a existencia do mundo. A materia finalizando-se de seu filtro rebenta a essencia etherea, esta é a verdade primaria do grande dogma espiritual... concebida assim, o

meio de comunicação com o mundo invisível é evidente e preciso.

— Logo, eu posso fallar com um amigo, que ha annos teve o desplante de matar-se por uma mulher do meu conhecimento, e que anda actualmente soletrando a buenadicha aos caepiras?

— E' logico... e possivel.

— Bem, faça-me o favor de invocar o meu caro Galhardo, o meu amigo chamava-se Galhardo. Quero dar-lhe noticias d'este valle de lagrimas, apertal-o n'um abraço de arrombar-lhe as costellas... diga-me... o espirito do Galhardo virá com costellas?

— O senhor está doido? Seu amigo é um condemnado: pena, soffre, pelo disturbio da sua razão; não o procure senão na sua memoria.

— Mas de que serve essa sciencia, cuja infallibilidade me garantio?

— De muito... só os espiritos bons apparecem, elle usurpou um direito sobrenatural, delinquo...

— Isto é justamente o que não acredito... o Galhardo era um rapaz de bem, um cavalheiro incapaz de delinquir... só teve um desvario: foi dar credito ás oscillações fallazes d'essa particula insensata, a qual a historia natural baptisou com o nome de coração.

— Diga-me, elle era medico... esmoller... ouvia missa?...

— Sua profissão era vestir-se bem, e fumava como um turco, tinha uns bigodes mais negros

do que a barra de seu vestido... quanto ao ser esmoller, ignoro; parece-me que esmolava aos amigos para acudir a uma grande necessidade, que era o alfaiate; a respeito de missa, o Galhardo ouvia tantas, quantas fossem ouvidas pelas mulheres bonitas.

— Elle sería um homem da época?... um desses apologistas do mal, incendiarios para serem admirados, homens da ordem para dar uma variante ao character dubio?

— Lá isso era... traçava, a apologia do mal e a santa inspiração das revoluções de todo genero, com uma eloquencia vertiginosa e barulhenta, como uma catadupa... mas nem sempre... só o fazia quando a flamma alcoolica e os delirios dos banquetes perturbavam-lhe a serenidade da razão; era um homem sério quando pedia um favor e um demonio quando se rojava na folia das mulheres. Biographei o meu Galhardo, mostre-m'o agora... já.

— Vai ouvir a sua voz...

— Nada... a respeito de defuntos, sou desconfiado como S. Thomé, quero vêr para crêr, tenho saudades do nariz d'elle, dos bigodes, de um riso a Voltaire, que sabia apresentar ás mulheres para quem o marido é um luxo, de sua gravata azul, de seus cabellos ondedados, camisa ingleza, luvas de verde-escuro e anel de opala dos Alpes... vamos onde está?

— Mas... não sei... se o espirito me attenderá elle era um homem perdido...

— Alto!... um achado... era parceiro de adoração nos clubs, no theatro, nos bailes... ouça... diga ao cabecilha dos espiritos que lhe peça uma pilheria e... eu garanto que o Galhardo arranjará uma chronica impagavel... um mixto do ridiculo de Molière com as chalaças de Faublas.

*Lanceta* concentrou-se, vasou de um vidro escuro um liquido pardacento, bebeu e pôz-se extatica.

Com os olhos fitos nos esqueletos, ella deu um signal aos seus companheiros. O gato trepou para a commoda e deitou-se sobre um dos craneos, o cão fez o mesmo. Ella tirou uma cruz de prata dos seios, beijou-a e com a mesma amparada nas mãos movia os labios em nervoso agitar... isto durou pouco. Em seguida accendeu uma caçoila de incenso e após tomou a primitiva posição.

Parece-me que invocava o espirito magno.

Pouco a pouco foi sentindo-se abalada, as pernas tremiam-lhe e os dentes rangiam incommodamente passados alguns minutos, volveu-me os olhos em espanto, e disse:

— Ouça... ouça... é elle!

Só ouvi o baque de seu corpo desmaiado e convulsivo, como dizem os viajantes do Oriente que sóe acontecer na embriaguez dos narcoticos.

A pobre mulher era presa de uma vertigem.

Amparei-a em uma cadeira e tomando o vidro li no rotulo em mortifera calligraphia as seguintes misturas: *Opium, Laudanum e Haschisch!!!*

O charlatanismo de Allan-Kardec d'esta vez obteve completo fiasco, o *medium* operava maravilhas pela acção escandescente das dormideiras de botica.

Findo o deliquio, *Lanceta* ergueu-se extraordinaria, e os animaes, o gato e o perro volveram ao antigo pouso, na base dos esqueletos.

— Então o que foi isso?

— Fraqueza, o espirito disse-me que um profano permanecia aqui, censurou-me e o deliquo foi minha penitencia.

. . . . .  
Ouvi lá fóra com o acompanhamento dos ventos um descompassado *De profundis*, solfejado por vozes variadas.

Eram duas horas da madrugada, e retirei-me depois de um apertado *shake-hands* a *Lanceta*. Ella benzeu-se e fechou a porta com precipitação; ao bater da porta uma furiosa *vaia* correu até meus ouvidos, aos gritos entusiastas de:

— Viva a Bohemia! Campára e Fradiavolo!!!

Uns estudantes tinham roubado um cabrito, embriagado a patrulha e reduzido os candieiros municipaes em archotes para sua romaria. Os cabos da guarda faziam guarda de honra ao cadaver do bode na frente de duas ordens de passeiantes.

Soube por um d'elles que *Lanceta* era uma doida, mas uma mulher de espirito, que era uma pobre do Senhor de quem a canalha dizia: que o



... tinha tomado conta. Fôra criada em algumas republicas, e ultimamente estava aposentada pela velhice.

*Lanceta* fôra cosinheira de Alvares de Azevedo e assistira ao assassinato do Badaró!

Retirei-me como um somnambulo, quieto e taciturno procurando pelo meio da garôa a frente da minha casa.

Deitei-me triste, rodeado de minhas chimeras e de vez em quando o ribombo do trovão despertava-me o somno e, a chuva cahia como as lagrimas de um mysterio!





86

C3